

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

MARIÁH DOS SANTOS MARTINS

CIÊNCIAS, VIAGENS E MITO: o estudo do campo científico brasileiro no início do século XX a partir de relatos de viagem de cientistas da Comissão Rondon

RIO DE JANEIRO

2013

MARIÁH DOS SANTOS MARTINS

CIÊNCIAS, VIAGENS E MITO: o estudo do campo científico brasileiro no início do século XX a partir de relatos de viagem de cientistas da Comissão Rondon

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Histórias das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Histórias das Ciências e das Técnicas e Epistemologia

Orientador: Mércio Gomes

RIO DE JANEIRO

2013

M379 Martins, Mariáh dos Santos
Ciências, viagens e mito : o estudo do campo científico brasileiro no início do século XX a partir de realtos de viagens de cientistas da Comissão Rondon / Mariáh dos Santos Martins. – 2013.
159 f. : il., 30 cm.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Programa de Pós Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, 2013.
Orientador: Prof. Dr. Mércio Pereira Gomes

1. Ciência – Brasil – História – Teses. 2. Linhas telegráficas Brasil – História – Teses. 3. Exploradores – Brasil – História – Teses. I. Gomes, Mércio Pereira (Orient.). II Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Programa de Pós Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia. III. Título.

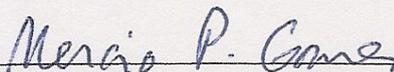
CDD 981.04

MARIÁH DOS SANTOS MARTINS

CIÊNCIAS, VIAGENS E MITO: o estudo do campo científico brasileiro no início do século XX a partir de relatos de viagem de cientistas da Comissão Rondon

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Histórias das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Histórias das Ciências e das Técnicas e Epistemologia

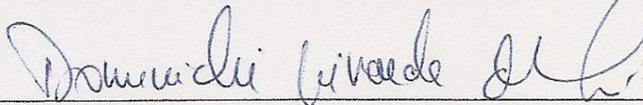
Aprovada em 08 de julho de 2013



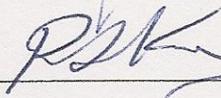
Mércio Pereira Gomes, Dr^{o.}, HCTE/UFRJ



Regina Maria Macedo Costa Dantas, Dr^{a.}, HCTE/UFRJ



Dominichi Miranda de Sá, Dr^{a.}, COC/Fiocruz



Ricardo Silva Kubrusly, Dr^{o.}, HCTE/UFRJ

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente aos queridos Professores Ricardo Kubrusly e Regina Dantas, que foram responsáveis diretos pelo meu interesse em integrar o Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE), e impulsionaram cada vez mais meu envolvimento neste curso e a conclusão deste trabalho. À Regina, necessito dedicar mais um sincero obrigado, pois que desde minha inscrição no processo seletivo do programa tem sido um trevo da sorte, sempre me enchendo de ótimas notícias, contagiando com sua intensa energia, e me fazendo admirá-la cada vez mais.

Ao Prof^o Mércio Gomes, pela leitura mais que detalhada deste texto, pelas ótimas aulas que tive, e por instigar em meus pensamentos a busca por uma forma mais digna para as relações humanas, me apresentando Sampaio e Flusser, e me motivando a ter esperança, mesmo que às vezes num ponto quase que imperceptível, no futuro de nosso país.

Às queridas companheiras de trabalho Gabriela e Aracy, pelo convívio diário e ajuda para a finalização deste trabalho.

Aos demais professores e colegas do HCTE, pelos diversos debates, novas experiências, pelas conversas na subida do Pico da Tijuca, e por ensinar, também aprendendo, como é possível e importante se comunicar sem falar a mesma língua.

Agradeço especialmente à querida Silvia Ninita, do Arquivo Nacional, e na época também integrante da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional (SEMEAR), por, além de outras coisas que poderiam ser lembradas, me apresentar o diário de campo, ainda pouco conhecido, de um zoólogo do Museu Nacional, acreditando que dele poderiam brotar interessantes trabalhos.

À querida Mazé e toda equipe do SEMEAR, que me ensinaram e compartilharam muitos conhecimentos enquanto fazia parte da equipe, e depois, continuaram disponibilizando indispensável atenção para as necessidades da pesquisa.

Aos queridos amigos João, Paulo, Pedro e Silvio, pelas grandes trocas desde a época da graduação que continuaram sendo fundamentais para a produção deste trabalho.

À minha família, pai, mãe, irmã e irmão, pela ajuda, paciência, conversas, risos durante todo o período.

A Antonio, pelo incentivo diário e por tudo o que representa.

Embora vá falar acerca do que escrevi – os meus livros, os meus artigos e outros trabalhos –, acontece que, infelizmente, esqueço o que escrevo quase imediatamente depois de acabar.

Provavelmente, isso trará alguns problemas.

Creio, no entanto, que há alguma coisa de significativo no facto de eu nem sequer ter a sensação de haver escrito os meus livros.

Tenho, ao contrário, a sensação de que os livros são escritos através de mim, e, logo que acabam de me atravessar, sinto-me vazio e em mim nada fica.

(STRAUSS, L. *Mito e significado*, 1978)

LISTA DE SIGLAS

ABC – Academia Brasileira de Ciências

AMN – Archivos do Museu Nacional

CCE - Comissão Científica de Exploração

CGB - Comissão Geológica do Império do Brasil

CGG - Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo

CLTEMA - Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas

IHGB - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

MIN – Museu Imperial e Nacional

MN – Museu Nacional

SAIN - Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional

SBC – Sociedade Brasileira de Ciências

SPI - Serviço de Proteção do Índio

SPILTN - Serviço de Proteção ao Índio e Localização de Trabalhadores Nacionais

RESUMO

MARTINS, Mariáh dos Santos. **Ciências, viagens e mito:** o estudo do campo científico brasileiro no início do século XX a partir de relatos de viagem de cientistas da Comissão Rondon. Rio de Janeiro, 2013. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das técnicas e Epistemologia) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013

Este trabalho pretende compreender o campo científico brasileiro anterior à consolidação de um sistema universitário, ainda no início do século XX, a partir do estudo da trajetória de dois cientistas brasileiros que atuaram em importantes momentos e espaços científicos desse período, privilegiando a análise de específicos relatos de viagem. Edgard Roquette-Pinto, médico e antropólogo, e Alípio de Miranda Ribeiro, zoólogo, trabalharam ambos no Museu Nacional, primeira instituição científica do país, participaram ativamente da Comissão Rondon, (Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas), e, junto a outros cientistas, fundaram a Sociedade Brasileira de Ciências em 1916. Serão traçadas características da produção de conhecimento científico no Brasil do início do século XX, assim como sua aplicação à realidade social. Dada a importância da Comissão Rondon, que proporcionou intensas experiências a diversos cientistas brasileiros, será aqui priorizada a relação que esses cientistas desenvolveram com a mesma. Buscaremos, a partir da análise da produção e escrita do diário de campo dos dois cientistas, apontar alguns aspectos que estavam em voga na constituição das ciências e dos cientistas no Brasil, como a importância da experiência de uma viagem que tem como justificativa o trabalho de campo; a elaboração de um diário de viagem; e os aspectos simbólicos existentes nessa produção referentes à jornada do herói mitológico. Ao fim do trabalho pretendemos obter um panorama da ciência brasileira nas primeiras décadas do século XX, primordialmente de seu ideal e da representação que se pretendia, influenciados por uma tradição científicista do século XIX e

ao mesmo tempo caracterizada por um período de transição. Nesse mister, pretendemos também obter um olhar mais específico para as possíveis trajetórias de cientistas nesse momento no país, representados pelo zoólogo e antropólogo estudados, que, apesar de seus encontros, seguiram caminhos diversos. Pretende-se dessa maneira, por meio de um olhar específico, contribuir para um “*des-cobrir*” do Brasil da primeira metade do século XX.

Palavras-chave: Relato de viagem; cientistas; Comissão Rondon; Miranda Ribeiro; Roquette-Pinto

ABSTRACT

MARTINS, Mariáh dos Santos. **Ciências, viagens e mito:** o estudo do campo científico brasileiro no início do século XX a partir de relatos de viagem de cientistas da Comissão Rondon. Rio de Janeiro, 2013. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013

This work aims to understand the Brazilian scientific field prior to the consolidation of a university system, still in the early 20th century from the study of the trajectory of two Brazilian scientists who worked in important moments and scientific spaces during that period focusing on the analysis of specific travel reports. Edgard Roquette-Pinto, doctor and anthropologist, and Alípio de Miranda Ribeiro, zoologist, worked at the National Museum, the first scientific institution in the country, participated actively in the Rondon Commission (Commission of Strategic and Telegraph Lines from Mato Grosso to Amazon), and , along with other scientists, founded the Brazilian Society of Sciences in 1916. This work draws the characteristics of scientific knowledge production in Brazil of the early 20th century, as well as its application to social reality. Given the importance of the Rondon Commission, which provided intense experiences to several Brazilian scientists, here will be prioritized the relationship developed between these scientists and the Commission. Starting from the analysis of the production and the travel report of both scientists, we point out some aspects that were in vogue in the constitution of science and scientists in Brazil, such as the importance of the experience of a trip that is justified by the field work, the development of a travel journal, and the existing symbolic aspects that makes references to the mythological hero journey. At the end of work we plan to obtain an overview of Brazilian science in the early decades of the 20th century, primarily from its ideal and representation that was influenced by a scientific tradition of the 19th century. In this mister, we also intend to get a more specific look at the possible trajectories of scientists at that time in the country,

represented by the zoologist and anthropologist studied, which, despite its meetings, followed opposite paths. This work, through a specific look, intended to contribute to reveal a Brazil of the first half of the 20th century.

Keywords: Travel reports; scientists; Rondon Commission; Miranda Ribeiro, Roquette-Pinto

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. PARTE I	
1.1. A VERSALHES TROPICAL E SUA HISTÓRIA NATURAL	15
1.2. COMISSÕES CIENTÍFICAS E VIAJANTES	20
1.3. CLTEMA	25
2. PARTE II	
2.1. OS RELATOS DE VIAGEM DE MIRANDA RIBEIRO E ROQUETTE-PINTO	31
2.1.1 CIRCUNDANDO E ATRAVESSANDO O BRASIL: NATUREZA X HOMEM	34
2.1.2. UM NOVO HOMEM: <i>RONDONIA</i>	61
2.2. OS RELATOS EM EMBATE	97
3. PARTE III	
3.1. O CIENTISTA COMO HERÓI NA NARRATIVA DO RELATO DE VIAGEM	100
3.2. MITO E CIÊNCIA	113
3.3. DOIS CIENTISTAS BRASILEIROS	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIAS	139
ANEXOS	152
APÊNDICES	158

INTRODUÇÃO

As últimas pesquisas sobre as ciências naturais no Brasil no início do século XX vem se pautando por uma historiografia que busca compreender as mudanças que ocorrem neste período sem olvidar o que já fora feito no século anterior. A passagem do século XIX para o século XX é marcada por alterações significativas na política do país que serão acompanhadas pelas modificações no campo intelectual.¹

Este trabalho tem por finalidade chamar a atenção para as pesquisas deste período, tentando compreender as continuidades e descontinuidades nas práticas científicas no Brasil de fins do século XIX e início do XX. Outro objetivo deste estudo é reiterar a possibilidade de pesquisas que não se detenham apenas à análise da ciência por meio de instituições correlatas, mas que imprimam questionamentos a partir de outras relações, como as representações do real e as práticas sociais², “que visam fazer reconhecer uma identidade social”, pertencentes ao respectivo campo (CHARTIER, 2002, p. 23).

As comissões de exploração científica foram importantes entidades de promoção de práticas científicas no Brasil do século XIX, pela atividade corrente da coleta de espécimes para as ciências naturais, e se perpetuaram, de certa forma, no século seguinte. Nesta pesquisa foi priorizada a realização de uma comissão que não detinha como finalidade propriamente o conhecimento científico. A Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas (CLTEMA) realizada entre os anos de 1907 e 1915, como seu nome apresenta, tinha como objetivo a extensão da construção da linha telegráfica entre os estados estratégicos por sua localidade fronteiriça. Trabalhos no campo da História das Ciências³ nos últimos anos têm demonstrado sua atuação singular no âmbito das ciências naturais.

A CLTEMA é realização amplamente conhecida pela atuação de seu chefe, Cândido Mariano da Silva Rondon⁴, mais conhecido como Marechal Rondon, que deu nome

¹ A ciência pode ser compreendida como um espaço, local de práticas específicas, produções e lutas simbólicas, noção abordada pelo sociólogo Pierre Bourdieu, que apresenta assim a categoria de campo científico. O conceito de campo, extensamente debatido na obra de Bourdieu, desenvolveu a noção de que o campo científico era permeado de disputas, retirando, desta forma, a concepção de que ações praticadas neste campo seriam desinteressadas dos jogos sociais. (BOURDIEU, 1983)

² A noção de representação como imagem da realidade social possibilita a relação com o mundo por meio das práticas, que ainda exibem “uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição”. Maiores informações ver: CHARTIER, 2002.

³ O Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da COC/Fiocruz tem desenvolvido ampla gama de pesquisas sobre a CLTEMA resultando em dissertações/teses do programa e artigos de professores e pesquisadores. No Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE/UFRJ) também é visto o desenvolvimento de pesquisas considerando esta temática como a dissertação e o projeto de doutoramento de Sergio Luiz de Andrade e o trabalho aqui exposto.

⁴ Ver: DIACON, 2006.; LIMA, 1990.; e VIVEIROS, 1958.

popularmente conhecido desta comissão e seguiu atuando na área noroeste do país em prol de progresso e civilização da nação. A Comissão Rondon desenvolveu pelo estudo da região percorrida um importante trabalho de reconhecimento da extensa área do território interiorano brasileiro.

As atividades científicas desta comissão se dividiam entre botânica, zoologia, mineralogia/geologia, cartografia e etnografia (RIBEIRO, 1945; SÁ, SÁ, LIMA, 2008), esta última desenvolvida também pelo chefe. Estas ações que visavam o levantamento da região e seu “des-cobrimto” dos mapas brasileiros foram fundamentais para o projeto de integração nacional no qual se encontrava imbricado o projeto de construção e expansão do telégrafo. (MACIEL, 1999).

As pesquisas referentes à CLTEMA são refletidas nas importantes direções que vem tomando a historiografia das Ciências no Brasil no que tange o reconhecimento das atividades do Império Brasileiro neste campo. A imagem construída após a instauração da República fora de um atraso causado pelo antigo regime político, o que é largamente encontrado nos discursos da CLTEMA que vangloriam as atividades em prol do progresso da nação. Maciel (2001, p. 144) ressalta o desempenho do Governo Imperial brasileiro na promoção da construção telegráfica no país e, como exemplo, a elaboração do primeiro projeto desta expansão pela República, que seguia as mesmas “direções traçadas nos projetos esboçados no Império”.

Desta forma, a célebre frase do antropólogo da CLTEMA, presente em vários trabalhos, continua sendo a melhor maneira de uma imediata definição da mesma: “A linha telegráfica foi o pretexto. A obra de pesquisa e levantamento foi tudo”. Ao final do projeto o telégrafo já não era o meio mais eficiente de comunicação, e a comissão não conseguira promover a ocupação do interior noroeste como desejado (DIACON, 2006), entretanto produziu uma série de ações voltadas aos interesses governamentais, entre elas às de caráter científico.

Quando se fala das comissões construtoras da linha telegráfica nas regiões central e noroeste brasileiras se observa uma grande preocupação com a questão do progresso no país e a construção da identidade nacional. O que está em torno do chefe Marechal Rondon tem quase que imediatamente a perspectiva do positivismo e seus desmembramentos na abordagem brasileira. Entretanto, acredita-se ser possível e necessária uma ótica que valorize a história das ciências, especialmente a ciência em suas práticas e seus praticantes, aprofundando os estudos nas figuras que individualmente impulsionavam o movimento das ciências nas primeiras décadas do século XX.

Dois cientistas do Museu Nacional (MN) integraram, cada qual em determinado período, a CLTEMA. Um como zoólogo e o outro como antropólogo contribuíram para a missão, dentro e fora da viagem, acreditando no projeto nacional que seguiam, desejando o maior conhecimento científico em busca do progresso nacional. Imbuídos pelo sentimento daqueles que acreditavam estar participando de momento único no desenvolvimento do conhecimento científico brasileiro (SÁ, 2006), Alípio de Miranda Ribeiro e Edgard Roquette-Pinto relataram suas experiências nesta empreitada por meio da escrita de seus diários de viagem. Estes serão objetos primeiros deste estudo e auxiliarão na compreensão das práticas, representações e relações sociais que se estabeleciam naquele instante, além de possibilitarem os devaneios necessários a qualquer um que se entregue ao estudo das ciências; O que são as ciências? O que desejaram que fossem? E o que podem (riam) ser?

1. PARTE I:

1.1. A VERSALHES TROPICAL E SUA HISTÓRIA NATURAL

A “Versalhes Tropical” de Ferreira Viana, lembrada pelo historiador Afonso Carlos Marques dos Santos (2007), era o que emergia do movimento da Corte Portuguesa se estabelecendo nas terras tropicais da colônia brasileira. No início dos oitocentos esta mudança promovera alterações no cenário físico da nova sede do Império Português, no Rio de Janeiro, com a movimentação dos senhores territoriais que migravam de suas casas no interior ou mesmo em cidades de menor desenvolvimento para a cidade que se transformava em Corte, e a instauração de institutos que seguiam o projeto político de organização de um império nos trópicos.

O século XIX brasileiro foi marcado pela problemática da construção da civilização na nova sede do Império Português. Ao mesmo tempo criava-se o suporte simbólico para a constituição da nação, trabalho de organização do imaginário que ocultava os símbolos indesejados da colônia. A ação estava intumescida de contradições, desde as pertencentes a uma sociedade europeia moderna, de promoção da colonização fincada nos costumes do Antigo Regime e no financiamento da Burguesia Comercial, até a tentativa de importação da Europa aos trópicos juntamente com a continuidade do funcionamento de um sistema colonial baseado na escravidão. Em conjunto, as contradições físicas expostas ao caminhar na cidade do Rio de Janeiro, sede da Corte, citadas nos relatos dos viajantes estrangeiros que passavam por aí, como a beleza da natureza em relação à insalubridade local, fizeram com que o Governo Imperial reconhecesse a necessidade do auxílio estrangeiro para a disseminação da civilização nos trópicos. E assim, primordialmente, estará na figura dos intelectuais a responsabilidade no esforço de forjar a nação, por um lado, e a missão de civilizar, por outro (SANTOS, 2007).

A necessidade de se civilizar as terras tropicais do Império ultramarino, e no momento sede deste, proporcionou a criação de instituições como o Horto Real e o Museu Real. As atividades científicas, características dos estados-nações europeus, que foram incentivadas em Portugal, passavam agora a fazer parte do projeto de modernização e civilização no Brasil. Estes institutos possuíam obviamente antecedentes; no caso do primeiro a colônia brasileira já havia presenciado a criação de um horto botânico na província do Pará⁵; já o segundo teve na

⁵ DOMINGUES, 2001a, p.27-56.

“Casa dos Pássaros”⁶ suas primeiras referências no século XVIII. Essas primeiras entidades sobreviviam de forma bastante escassa, mas mantendo suas atividades em favor da Coroa, incentivando práticas da agricultura e o envio de espécimes “exóticos” para figurarem nas coleções da Europa e promovendo o início de uma atividade de história natural na colônia. Com a Corte no Brasil e o perigo de se enviar coleções ao invasor, os produtos não seriam mais enviados a Lisboa. Aqui já não fazia mais sentido as pequenas “casas de história natural” e “hortos” (LOPES, 2009, p. 26).

Para Lopes a vinda da Coroa Portuguesa se torna a única possibilidade de se manter os “projetos políticos, culturais e científicos” do Império. Dessa forma será o Brasil, primeiramente o Rio de Janeiro, a receber o incentivo sentido antes na antiga sede na cidade portuguesa (2006, p. 38). Academia dos Guardas-Marinha, Biblioteca Nacional, Academias Médico-Cirúrgica e Militar, Horto Botânico e Museu Real são algumas das criações do governo de Dom João VI (1808-1821).

A criação de estabelecimentos de ensino superior, como as escolas médicas do Rio de Janeiro e de Salvador, a partir de 1808, demonstra a necessidade que se dava naquele instante de formar quadros de profissionais que pudessem atuar nos serviços públicos essenciais. Anteriormente a falta da formação regulamentada na colônia proporcionava a existência de muitas limitações à atuação em suas localidades (FERREIRA, FONSECA, EDLER, 2001).

As premissas iluministas da sociedade ocidental propagaram a valorização da “utilidade” científica. Isto foi sentido tanto no movimento reformista do ensino médico na década de 1870 (FERREIRA, FONSECA, EDLER, 2001, p. 67), que estabeleceu novo programa baseado na experimentação proporcionada por algumas disciplinas, visando um saber técnico-profissional, quanto para os produtos naturais. Fauna e flora eram medidas a estes termos, e as atividades de aclimação dos espécimes botânicos ganhavam forte incentivo, primeiramente as exóticas e depois as nativas, que proporcionaram um desenvolvimento mais acelerado de naturalistas no país.

O Horto Real era espaço de uma série de práticas iniciadas pela aclimação, visualizando o interesse governamental da diversificação de produtos agrícolas, assim como as classificações das espécies e as trocas de material botânico entre outros países. A partir das alterações políticas do iniciante Império Brasileiro, primordialmente com a crise que se instaurava a partir do fim da escravidão, o Horto Real tem em seu desenvolvimento um processo de descontinuidade tornando-se cada vez mais voltado aos interesses do mercado agrícola e se afastando das atividades científicas. Este movimento não se deu sem os embates

⁶ LOPES, 2009.

característicos de uma circunstância como esta. O retorno da instituição à tradição de pesquisas na história natural iria ganhar fôlego já na virada para a República (DOMINGUES, 2001a, p. 43-49).

As associações científicas foram igualmente espaço de discussão e propagação da ciência nacional. Após 1822 algumas delas surgiram como a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN - 1825) e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB - 1838) mantendo em seu objetivo inicial o desenvolvimento de estudos em prol do progresso e civilização da nação (SALGADO, 1988; DOMINGUES, 2001b, p.85), cada qual em seu respectivo campo de atuação.

A SAIN foi criada igualmente projetando o ideal da “ciência utilitária” a partir dos estudos das ciências naturais pelos ideais iluministas (DANTES, 1988). Apesar de sua referência em entidades semelhantes do continente europeu, a SAIN teria na particularidade da circunstância do Império Brasileiro seu especial objetivo, promover os estudos com finalidade de suplantando as até então pouco desenvolvidas atividades agrícolas, dominantes do suporte econômico nacional. A associação de carácter privado deteve papel de “auxiliar” ao governo primordialmente nas atividades de consultoria acerca de licenças concedidas àqueles que desejavam desenvolver novas espécies agrícolas e/ou manufaturá-las, e ainda para fabricações de máquinas e exploração de minérios (DOMINGUES, 2001b). A divulgação do conhecimento elaborado era mais uma atuação, e foi na publicação da revista, “O Auxiliar”, que a sociedade propagou suas atividades.

Instituições e sociedades como essas se multiplicaram no século XIX brasileiro na busca da promoção de uma civilização nos trópicos. As entidades que viam lá, na Europa, deveriam ser vistas aqui, assim como as atividades e os profissionais. Grande parte da elite, formada por homens letrados e/ou políticos ainda vinham de fora, outros se formavam aqui mas mantinham o contato com o estrangeiro. Apesar das profundas referências aos ideais europeus, inerente ao processo de construção do Brasil, os trabalhos aqui citados demonstram por meio das trajetórias desses espaços de ciência a existência de discussões e produções propriamente alusivas à realidade brasileira daquela época.

Importante espaço para visualizar as sinuosidades da condição brasileira, e primordial ao presente estudo, é o Museu Real. Atualmente conhecido como Museu Nacional do Rio de Janeiro, manteve importante papel no século XIX brasileiro por ser a primeira instituição científica da Corte estabelecida na cidade, por criação do Príncipe Regente Dom João VI, em 1818.

Ao final do século XVIII constituiu-se uma Casa de História Natural na colônia brasileira, no momento em que as ciências modernas se consolidavam no Império português, vinculadas primordialmente às reformas educacionais da política de Marquês de Pombal, secretário de Estado dos Negócios do Reino de Portugal (1750-1779). O esforço de criar museus e jardins botânicos na Metrópole vinha no sentido de promover o conhecimento da História Natural, assim como nas colônias deveria ser fomentada a infraestrutura necessária para se prover as demandas de Portugal (LOPES, 2009, p. 29-31).

Os museus, como define Lopes, “se constituíram como um reflexo de tomadas de consciência dos valores da razão, da civilização e do Império, bem como do novo espírito científico” (2009, p.36). Enquanto colônia o Brasil já participava deste movimento que proporcionou o início dos estudos das ciências naturais pela necessidade do levantamento e envio de materiais, espécimes e informações para a Metrópole. E, posteriormente, como sede do Império, será mantido o projeto vislumbrado pelas reformas pombalinas, embora numa circunstância específica de recursos limitados.

Desta maneira, o museu que se instaura na cidade do Rio de Janeiro em 1818 se difere consideravelmente do espaço anteriormente tido como de atividades de História Natural, a Casa dos Pássaros. O Museu Real foi criado a partir do modelo de “Museu Metropolitano” advindo da Europa. Foram necessárias alterações para que este se adequasse às singularidades do estabelecimento (LOPES, 2009).

O Museu se organizou baseado no padrão dos museus de caráter universal e se formaria a partir da relação com gabinetes de história natural locais, recebendo informações e produtos naturais específicos de cada região, intercâmbios entre as nações, além de estudos dos naturalistas da instituição.

Em 1825, o já então renomeado Museu Imperial e Nacional passa a abrir suas portas para a visitação pública. Após alguns anos as coleções iriam se expandir. Elas faziam parte do acervo tanto das pesquisas como das exposições. A partir da ampliação dos acervos o Museu se tornava espaço cada vez mais repleto de atividades científicas. Além das aquisições e permutas de materiais, era necessário proceder análises químicas de produtos naturais e elaborar os catálogos das coleções. Na diversidade dos elementos pode-se admitir o caráter universal do museu que se constituía a partir do modelo europeu de museus universais, não obstante seus diretores, durante o século XIX, terem permanecido determinados a ampliar a coleção ainda magra de espécimes brasileiros.

A partir da década de 1870 o Museu Imperial, que já passara por modificações em sua administração, iniciava o mandato da direção de Ladislau de Souza Melo Netto (1838-1894),

até o ano de 1893, período que foi definido pelo sucessor João Batista de Lacerda (1895-1915) como “a idade de ouro” da instituição. Ladislau Netto será o principal organizador da instituição voltando-se aos modelos científicos, ressaltando ainda a responsabilidade do governo no financiamento do Museu que detinha uma verba muito abaixo do que se pretendia produzir. O diretor impulsionou o contato com os naturalistas estrangeiros, muitos atuando no próprio Museu. As coleções se alargavam pela constante remessa de materiais que a instituição recebia e se consolidavam pela quantidade de exemplares diversificados e raros.

Foi neste período também que outras atuações da instituição, referentes aos intercâmbios institucionais, adquiriram vigor. As exposições universais, sobretudo na segunda metade do século XIX, tem na noção de progresso, aliada ao desenvolvimento industrial que desejavam apresentar, seu caráter primordial. Estas exposições exibiam produtos da modernidade, estudos e descobertas científicas, mas acabaram por extrapolar seus aparentes limites seguindo a manifestações de representações de mundo. Em fins do século XIX o Museu Imperial e Nacional participa da Exposição Universal Internacional de Paris (1889) nos espaços do Pavilhão do Brasil e da “Casa Inca”, buscando se estabelecer perante as outras nações e suas respectivas histórias. Ao ideal do progresso integrante destes eventos ia-se unindo o caráter nacional e moral (DANTAS, 2012).

Na direção de Ladislau Netto é criado o periódico “*Archivos do Museu Nacional*”⁷ (AMN). Com o objetivo de divulgar as pesquisas científicas da instituição tanto para brasileiros quanto para os estrangeiros. A publicação do Museu demonstra o quanto era esperado de sua atuação, expostas no regulamento de 1876⁸, pela modernização nos níveis científico, cultural e econômico da nação (GUALTIERI, 2008).

Foi também no período de Ladislau Netto que o Museu passa a efetivamente ser Nacional, após a proclamação da República brasileira, e se estabelece no Paço Imperial na Quinta da Boa Vista. A mudança de sede da instituição ocorreu de forma abrupta e impulsionou uma série de reiterados protestos contra o modo autocrático pelo qual foram caracterizados os anos de Netto na direção do MN (LOPES, 2009, p. 202).

Na passagem do século XIX para o XX será Lacerda o diretor a conduzir a instituição neste período de movimentações no campo social das ciências no Brasil. O oitocentos marcou

⁷ O *Arquivos do Museu Nacional* é a revista dessa instituição científica brasileira, criada em 1876, que ainda se mantém apesar de sua última publicação datar do ano de 2009, representando a produção e debate científicos da época. Paulo Vinícius Aprígio da Silva desenvolve em sua dissertação uma análise acerca da trajetória do periódico de uma das mais importantes instituições científicas da história do Brasil, revelando seus usos na monarquia e ao longo dos anos na promoção do conhecimento científico do país. (SILVA, 2012). Os volumes da publicação podem ser consultados em <<http://www.biodiversitylibrary.org/bibliography/6524>>

⁸ Regulamento de 1876 aprovado pelo decreto nº 6116.

Ver: <http://www.obrasraras.museunacional.ufrj.br/o/0001/i-xv.pdf>. Acesso em: março de 2011.

o Museu Nacional por sua institucionalização, e também pela pesquisa científica. O século concebeu o que é caracterizado por Maria Margaret Lopes como “movimento dos museus”, pelo prestígio que esse tipo de instituição adquirira perante o mundo moderno, concepção esta que, nas primeiras décadas do século XX, altera-se notadamente com a presença das instituições de pesquisa (2009), emergindo daí as discussões entre especialização e complexidade nos museus no momento de constituição da ciência como profissão (SÁ, 2006).

O Museu Nacional, em funcionamento e pertencente à Universidade Federal do Rio de Janeiro, é tema para numerosas questões. Entretanto, a limitação deste trabalho impõe que se retorne seu foco principal à importante atuação e relação que o MN, e os museus e instituições científicas em geral, mantiveram durante o século XIX com as explorações científicas. Sua relevância é ampliada até o século seguinte, conforme será abordado neste estudo.

1.2. COMISSÕES CIENTÍFICAS E VIAJANTES

As comissões de exploração científica se tornaram importante tema em que tem se debruçado historiadores da ciência. Estas explorações geralmente tinham como objetivo o conhecimento da terra e de seu povo, ainda não muito divulgado. Dentre essa temática quem tem se destacado são os personagens que dão vida às viagens, construindo relatos, imagens, e trazendo consigo o que de importante fora retirado dos locais conhecidos. Os viajantes são figuras comuns às ciências. No século XVIII foi de intenso interesse da elite europeia, propriamente a portuguesa, as excentricidades vindas d'além-mar, cabendo aos viajantes a penosa e incitante tarefa de seguir viagem ao desconhecido. Todavia, no século seguinte, com a chegada de naturalistas-viajantes que vinham conhecer e reconhecer o novo centro da Coroa Portuguesa, esta prática se populariza consideravelmente no país.

Os personagens principais nestas empreitadas eram formados praticamente por estrangeiros, o que em grande parte auxiliou no baixo aproveitamento dos estudos feitos, posto que geralmente eram elaborados em língua estrangeira e encaminhados para seu país de origem. Os meios de produção científica, no início do XIX, ainda estavam em diminuto desenvolvimento no Brasil, o que não proporcionava o aproveitamento do conhecimento produzido em larga escala.

Com a criação de várias instituições e consolidação de outras durante o século, a emergência de associações científicas, e a produção de periódicos que pudessem transmitir

descobertas e avanços científicos, o Brasil começava a delinear um campo de práticas científicas mais nítido.

Aos poucos as comissões, que valorizavam a atuação do naturalista-viajante, ganhavam espaço para compor o cenário da rotina científica no país. Elas proporcionaram conhecimento das extensas terras brasileiras pouco percorridas por estrangeiros e praticamente nada pelos próprios habitantes. Geravam saber “útil”, na busca de produtos para comércio e indústria, assim como materiais aos museus e fortalecimento a seu objetivo de universalidade e utilidade (FILGUEIRÔA, 2001; LOPES, 2009).

Apesar das dificuldades de aproveitamento dos resultados dessas viagens, as comissões conseguiram organizar essa prática, sendo o Museu Nacional importante receptor dos materiais coligidos por viajantes estrangeiros e por comissões governamentais.

Exemplo desta última fora a Comissão Científica de Exploração (CCE), pertencente ao projeto de civilização do país que intencionava atingir outras províncias. Essas permaneciam distantes da cultura da cidade do Rio de Janeiro, e assim desejava-se conhecer o que se referia às ciências naturais, seus materiais e quem por eles se interessasse.

Em 1856, por proposição do IHGB, é criada uma comissão que teria por objetivo conhecer as províncias distantes brasileiras e o que nela se encontrasse. Além disso, outra importante finalidade fora firmada, a de que a partir dessa ação importantes aquisições seriam conduzidas ao Museu Imperial (LOPES, 2009, p. 137). Em seguida, o projeto sugerido pelo instituto era tomado pelos governantes como assunto já relacionado ao Museu Imperial e Nacional.

A CCE foi dividida entre as áreas de botânica, geologia e mineralogia, zoologia, astronomia e geografia, e etnografia e narrativa de viagem, onde atuaram profissionais de instituições governamentais em cada uma delas⁹. As instruções indicavam que fossem coletados todos os materiais que possuíssem uso econômico e em quantidade suficiente para serem enviados aos museus nacionais e estrangeiros. A Comissão também angariou aquisições como livros, instrumentos e estantes para compor sua organização, o que demonstra o apoio do governo à empreitada.

A região escolhida para inaugurar a exploração fora a província do Ceará. Logo em seu estágio inicial a CCE apresentou questões que fariam parte de sua conturbada história. Teve um atraso extenso em sua partida, deixando a Corte apenas no ano de 1859. A Comissão

⁹ Ver: LOPES, 1996, pp. 50-64. e, PINHEIRO, 2003.

percorreu também as regiões de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, tendo o chefe da seção de Etnografia, Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), alcançado ainda Manaus.

A CCE, como uma de suas polêmicas, foi apelidada de “Comissão das Borboletas”, dimensionando por alguns sua pouca importância. Além disso, foi acometida por difamações que giravam em torno de desentendimentos entre seus membros, desavenças com personagens políticos e população local, e, até mesmo, pelo boato de que o naufrágio da navegação que seguia com materiais geológicos teria ocorrido de forma proposital (LOPES, 2009). Se a Comissão não conseguira alcançar a riqueza que alguns esperavam naquelas regiões, o objetivo de ampliar as coleções do Museu Nacional entretanto fora atingido de forma absoluta.

O Museu Imperial recebera quantidade expressiva de espécimes botânicos e zoológicos. Grande parte do material antropológico fora para o IHGB. Estampas integraram a Biblioteca do Museu assim como os livros, que se tornaram o que de mais valioso constava nela. A participação dos membros da Comissão posteriormente no MIN, como no caso de Francisco Freire Allemão (1797-1874), que se torna diretor, além de exibir a continuidade que foi dada no trabalho demonstra a estreita relação que o MIN teve com a CCE antes e depois de sua execução (PINHEIRO, 2003).

Assim, parte dos integrantes da Comissão atuava ou atuaria no Museu. Guilherme Schüch de Capanema (1824-1906) ocupava o cargo de diretor adjunto da Seção de Geologia e Mineralogia do Museu Imperial e Nacional quando segue para a Comissão. Manoel Ferreira Lagos (1816-1871), chefe da Seção de Zoologia da CCE também ocupava cargo de chefia no MIN. A relação entre instituições, sociedades e associações neste período era de extrema relevância. Ela se dava em prol do projeto de civilização e agora num importante viés nacional que buscava unir a tradição dos museus universais com a construção de uma identidade brasileira que ressaltasse as peculiaridades de suas terras. Para isso foi necessário a união de intelectuais brasileiros em busca do desconhecido que o Brasil oferecia (PINHEIRO, 2003). Apesar das contradições que cercaram o empreendimento é possível compreender a importância que comissões exploratórias adquiriam perante o fortalecimento do campo científico e suas instituições.

De estrutura distinta, mas igualmente tendo como uma de suas contribuições a aquisição de materiais para o MIN, se deu a Comissão Geológica do Império do Brasil (CGB). Silvia Figueirôa (2001) apresenta a composição importada principalmente do modelo norte-americano de “*geological surveys*” para a constituição da CGB. Diferentemente da primeira expedição exposta esta compreendeu-se como uma proposta incitada pelo naturalista

norte-americano Charles Frederic Hartt (1840-1878), que, desde 1865, por convite de Louis Agassiz, participava de expedições ao Brasil com financiamento advindo daquela nação.

Muitas pesquisas nos Estados Unidos da América no século XIX, assim como em outros países, utilizavam um modelo para desenvolvimento institucional de ciências geológicas baseado no mapeamento geológico, levantamento topográfico e análise do solo, rochas e minerais, e estiveram vinculados, propriamente no caso norte-americano, às “políticas de ocupação dos territórios conquistados no oeste” (FIGUEIRÔA, 2001, p. 114-116). Singular característica dos “*surveys*” é a atuação de um único profissional que, contratado pelo governo, deveria executar determinadas funções de interesse governamental na área, mas igualmente deteve sua importância para a manutenção de carreiras individuais.

Em 1875 a Comissão Geológica é criada a partir da proposta de Hartt, que apresentava como justificativa pelos encargos que seriam investidos o retorno imediato e superior para o país, conforme o modelo dos *surveys* (FIGUEIRÔA, 2001). Apesar de detalhada proposição o governo brasileiro aprovou um plano mais espesso embora sem modificá-lo na essência. Até mesmo as pesquisas arqueológicas e etnológicas sobre as tribos continuaram moldurando o projeto, a presença destas no plano será um interessante ponto, que, como afirma Filgueirôa, diverge dos modelos norte-americanos, demonstrando a ingerência individual e as circunstâncias locais que a constituição das instituições científicas estava passível (2001, p. 122).

A CGB, formada ainda por outros nomes, em sua maioria estrangeiros, perpassa durante dois anos as regiões das províncias do Pará, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais e ilha de Fernando de Noronha (FIGUEIRÔA, 2001, p.122). Apesar do volumoso material produzido pela Comissão, definidos por Hartt como 14 “memórias” que já estavam praticamente prontas, em fins do ano de 1877 a CGB é extinta. O Brasil adentrava uma crise política e econômica participando da Guerra do Paraguai e tendo alterações ministeriais. O Imperador D. Pedro II, conhecido por seu interesse pelas artes e ciências, fora peça chave para a instituição e encerramento da CGB, pois que a sua perda de expressão política e ausências em período de viagem fizeram com que mais facilmente a Comissão fosse diluída (FREITAS 2002, p. 212).

O governo imperial esperava da CGB resultados mais práticos e ficara insustentável mantê-la no momento de instabilidade. Para Filgueirôa houve um descompasso entre o que era esperado e o que fora produzido pela CGB. O governo acabou se frustrando com a falta de informações constantes nos relatórios que detivessem aplicação instantânea e Hartt, no momento final, não conseguira demonstrar quando resultados práticos seriam apresentados.

Faltou ao naturalista norte-americano a habilidade encontrada nos diretores de surveys de seu país, que conseguiam equilibrar a produção de resultados práticos e o conhecimento da ciência “pura” (FILGUEIRÔA, 2001).

Este modelo de comissão foi acionado ainda por alguns anos. A partir de 1886 Orville Adelbert Derby (1851-1915), geólogo norte-americano que atuara na CGB com Hartt, no Brasil, se tornou diretor da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo (CGG). Esta Comissão estaria destinada ao estudo e levantamento destas áreas no estado, visando o interesse governamental e dos produtores de café, em busca de resultados práticos para o desenvolvimento da agricultura e da infraestrutura local.

Derby segue os passos de Hartt produzindo durante dezoito anos extenso estudo nas áreas das ciências. Botânica, geografia, geologia, paleontologia e zoologia fizeram parte das pesquisas. Enquanto dirigiu a CGG esta produziu a coleta de espécimes botânicos e zoológicos, fez o levantamento geográfico e até mesmo adentrou a uma nova área, a meteorologia. Entretanto, mais uma vez, a dimensão dos estudos científicos em comparação com os resultados práticos desagradava os investidores. Presumiam que o levantamento do estado, e principalmente da zona oeste que desejavam ocupar, estaria concluído, o que não ocorreu durante a direção de Derby. (FILGUEIRÔA, 1997, p. 197).

Os desentendimentos do diretor com o governo e os cafeicultores fizeram com que Derby pedisse demissão em 1904. No ano seguinte será João Pedro Cardoso (1871-1950?), engenheiro e próximo da elite política paulista, o diretor da CGG. Sua direção é marcada por uma atuação de pragmatismos onde realizará a carta geral do estado de São Paulo, de seu sertão e fronteiras com os estados do Paraná e Mato-Grosso (FILGUEIRÔA, 1997).

A CGG ficou ativa até 1931 realizando expedições, produzindo relatórios, mapas, boletins, fotografias e filmes. Teve em suas administrações momentos de atuação mais voltados para o conhecimento científico em sua forma menos aplicável, e em outras circunstâncias de um pragmatismo considerável. É concebida como responsável pela fundação das práticas das instituições de pesquisa do estado de São Paulo, tendo diversos institutos posteriores assumido funções e produções que lhe cabiam.

O início do século XX permaneceu sendo cenário para que no Brasil se desenvolvessem comissões de exploração. A Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas se categoriza de forma distinta das missões aqui apresentadas, mas tem como importante eixo a investigação científica e sua relação com o Museu Nacional.

1.3. CLTEMA

Conhecida como “Comissão Rondon”, a CLTEMA fora organizada para construir e expandir a linha telegráfica em regiões dos estados de Mato Grosso e Amazonas. Não fora a primeira das comissões organizadas para construir a comunicação telegráfica no país, e nem mesmo a primeira a qual Rondon figurava como chefe. Entretanto seria este empreendimento, de oito anos de duração e ampla gama de resultados em áreas diversificadas, que se tornaria símbolo de seu trabalho.

Pela longa atuação de Rondon na região central e noroeste do país, de 1890 a 1930, suas missões muitas vezes são compreendidas como um único empreendimento. Todavia será tratado aqui como Comissão Rondon o trabalho realizado nos estados do Mato Grosso e Amazonas durante os anos de 1907 e 1915. Assim se torna fundamental revelar as nascentes dessa história.

Em meados do século XIX a primeira linha telegráfica brasileira era inaugurada. Ligando, de maneira rápida, o Paço Imperial de São Cristóvão e o Quartel Central, atualmente Campo de Santana. O aparelho, por meio de impulsos elétricos transmitidos por fios metálicos, tornava a comunicação à distância via eletricidade algo possível, sendo instalado na Corte com finalidades militares e administrativas. Contudo se caracterizava naquele momento quase como um instrumento doméstico pelo seu limitado alcance e baixo rendimento. (SILVA, 2008, p.95-96)

Em 1855 foi criada a Repartição Geral dos Telégrafos, seção essa que deu origem à atual Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, e, ainda no período imperial, a estreita malha telegráfica se estabelecia no litoral brasileiro ligando suas principais cidades, de Belém ao Rio Grande do Sul. Mas, somente com a emergência da Guerra do Paraguai (1865-1870), que deixou clara a fragilidade das fronteiras interioranas do Brasil, e desmistificou e popularizou a utilização do telégrafo por meio de seu uso nas estratégias militares do país, a rede telegráfica viveu sua expansão mais significativa, ainda no Império brasileiro. (FONSECA; REZENDE, 2010, p.17)

A República brasileira já se estabelecera mas três estados permaneciam incomunicáveis. Goiás, Mato Grosso e Amazonas definiam a localidade do novo projeto republicano, qual seja, expandir a malha telegráfica ao centro-oeste e noroeste brasileiro. Para um país com dimensões continentais como as do Brasil era questão primordial a integração, e o telégrafo se tornou símbolo dessa questão já que encurtava distâncias mais rapidamente que

as linhas férreas. Assim, emergia como representação possível da ampla integração entre norte-sul, leste-oeste, e litoral-interior do país.

Em 1890 é criada a Comissão Construtora da Linha Telegráfica de Cuiabá ao Araguaia (1890-1891) com o intuito de integrar o centro cultural do país com seu oeste, por meio da ligação telegráfica entre o Rio de Janeiro e Cuiabá. O então tenente Cândido Mariano da Silva Rondon assume o cargo de Tenente Ajudante do Chefe da Comissão, o Major Antonio Ernesto Gomes Carneiro, instalando 514 quilômetros de linha telegráfica. Em 1891 esta comissão foi suspensa, e no ano seguinte, já com Rondon à frente da chefia geral, é retomada a manutenção da linha com um cabo mais resistente do que aquele que a construíra, bem como a construção de uma estrada estratégica paralela à linha telegráfica.

A partir de 1900 outras comissões para construção do telégrafo na região foram criadas. Agora tinham como chefe o já Major Cândido Rondon e outras questões a serem desenvolvidas como o reconhecimento territorial, com o delineamento das fronteiras matogrossense, sua topografia (desenho da planta de um determinado terreno), e as atividades do Serviço de Proteção ao Índio. Dessa forma, a Comissão Construtora de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso (1900-1906) se estabelece para estender a linha de Cuiabá até as fronteiras do Brasil com a Bolívia e o Paraguai, nos pontos de Forte Coimbra e Corumbá, e Porto Murtinho e Bela Vista, respectivamente. Inicialmente a linha telegráfica entre Cuiabá e Corumbá teria ramificações em Aquidauana e Forte Coimbra, seguindo a construção do ramal de Cáceres, constituindo uma forte atuação nas fronteiras com os dois países vizinhos¹⁰. Ela foi responsável pela construção de 1800 quilômetros de linha telegráfica entre as cidades de Cuiabá e Corumbá, 16 estações de comunicação e 32 pontes, que permitiam o avanço aos mais difíceis e inacessíveis cenários da região. No mesmo instante Rondon atuava na demarcação de um dos territórios dos índios terenas, a Aldeia de Ipegue, nas cercanias de Aquidauana, concluída em 1905. O telégrafo foi acreditado como a melhor forma de integração e defesa do país (MACIEL, 1999; DIACON, 2006).

Concluídas as obras de construção da malha telegráfica no estado de Mato Grosso a região entre os estados do Amazonas e do Mato Grosso, hoje Acre e Rondônia, permanecia em desconhecimento e afastamento profundo da nação. Rondon concluía sua primeira participação como líder de uma comissão construtora e já se encaminha para um novo

¹⁰ Missão Rondon. Apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, sob a direção do coronel de engenharia Cândido Mariano Rondon, de 1907 a 1915. (publicados em artigos no Jornal do Comércio em 1915) Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1916. Reeditado pelo Senado Federal. Disponível em: <http://www2.senado.gov.br/bdsf/item/id/1077>. Acessado em maio de 2010.

empreendimento de justificativas muito próximas, contudo de complexidades mais extremas, como o próprio pode perceber aproveitando amplamente essa experiência.

Com certeza uma das, senão a principal dessas, comissões, primordialmente para definição da imagem de Cândido Rondon, foi a que ocorreu em 1907 seguindo até 1915. Com um denso complexo de atividades, que levaram em conta um amplo espaço para a ciência, a CLTEMA, que objetivamente se desenvolvia em prol da progressão da produtividade local e da inserção ao país, contribuiu imensamente para o reconhecimento do território, revisando o trajeto de rios e as linhas fronteiriças, identificando fauna e flora, com a atuação militar e de cientistas envolvidos que se revezavam nesse vai e vem das longas viagens aos confins do Brasil. Além do prolongamento das comunicações e transporte da região a CLTEMA propagou uma série de atividades para se chegar a mais completa integração do território à nação, via produtiva/econômica, científica, social, comunicativa, etc (SÁ; SÁ; LIMA, 2008).

Um grupo reconhecia o território, outro seguiria para o levantamento topográfico minucioso das regiões específicas onde a linha telegráfica passaria. E posteriormente as cadernetas da comissão que continham as informações do território eram enviadas para o Escritório Geral da Comissão onde eram feitos os desenhos e plantas (FONSECA; REZENDE, 2010).

O grande sertão noroeste brasileiro, que se tornava símbolo nacional do governo republicano, era agora atravessado pela ciência e tecnologia (LIMA, 1999). O projeto nacional se preocupava igualmente com a defesa das fronteiras nacionais, e compreendia que uma comunicação eficaz, diferente da que existira no período da guerra com o Paraguai seria indispensável.

A Comissão Rondon foi composta por três ministérios, Agricultura, Guerra, e Viação e Obras Públicas, formando grupos civis-militares que se dedicavam a distintas e complementares tarefas, e que muitas vezes, pelos percalços das viagens, acabavam se revezando em algumas delas. A composição da infraestrutura de transporte e comunicações para a população e o mapeamento territorial eram tarefas militares, compostas pelo pessoal enviado pelo Ministério da Guerra. O Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas disponibilizava funcionários da Repartição Geral dos Telégrafos para auxiliar na implementação do telégrafo, além de expedir recursos para custeio das obras. O inventário da fauna e flora, o levantamento de doenças e o estudo de solo, rios e chuvas da região eram de responsabilidade dos civis. Com a criação em 1909 do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, cientistas do Museu Nacional, instituição subordinada a esse ministério, detiveram essas atividades, assim como os estudos etnológicos, que contaram com antropólogos à sua

frente, mas também tiveram, em muitos momentos, o próprio Rondon como responsável direto. Logo, a realização de viagens ao interior do Brasil por comissões militares e científicas, onde ainda eram precárias comunicação e informações, buscou a construção de uma unificação territorial, do esboço das potencialidades naturais e de uma “interiorização da autoridade estatal” (SÁ; SÁ; LIMA, 2008, p. 782; DIACON, 2006).

Dentre as atividades da CLTEMA se observa o reconhecimento, a análise e o esboço do território percorrido, o que posteriormente se materializaria num mapeamento. As expedições de reconhecimento também foram os espaços de atuação dos cientistas que coletavam materiais, e recolhiam informações, repassadas para a contribuição à atividade. O nivelamento, que se unia aos trabalhos topográficos, era mais uma das atividades pertencentes à Comissão, se restringindo às medições de altitudes de pontos definidos no terreno, definindo o desnível entre os pontos, dava continuidade ao assentamento da linha telegráfica. Além disso, ocorriam também a exploração e levantamento de rios, onde igualmente atuaram naturalistas; a locação, indicação física do local onde seriam colocados os postes da linha telegráfica definidos a partir da planta topográfica; a demarcação e medições de territórios, indígenas e privados, e os serviços meteorológico, astronômico e geológico (FONSECA; REZENDE, 2010).

A partir da análise das cadernetas de campo pertencente à CLTEMA é possível perceber a consciente preparação da Comissão Rondon para o exercício de suas atividades “complementares” (satélites) à construção do telégrafo. A existência de cadernetas produzidas especificamente para cada uma dessas atividades demonstra a organização da Comissão na busca de se aproveitar cada informação que pudesse ser extraída. Além disto, foi identificado a reutilização de cadernetas de uma missão em um outro empreendimento, como o Serviço de Proteção ao Índio e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPILTN) e a Comissão de Limites dos Estados do Norte, evidenciando a relação que esses projetos tinham entre si, uma proximidade e complementação na prática e na administração.

Com a conclusão da construção da linha-tronco Rondon forma uma expedição exploratória, a pedido do Ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller, ao interior brasileiro. A convocação do respectivo ministro se deveu ao fato de que dessa expedição faria parte o ex-presidente norte-americano Theodore Roosevelt. A Expedição Científica Roosevelt-Rondon consistiu na travessia e exploração, pelo presidente norte-americano e sua comitiva guiada por Cândido Rondon, da floresta brasileira, incluindo o importante trajeto ao rio da Dúvida, que após a aventura internacional passou a se chamar rio Roosevelt.

Iniciada em dezembro de 1913 a expedição Roosevelt-Rondon tinha como projeto percorrer o interior da América do Sul alcançando em seu fim as nascentes do rio Amazonas. Acompanhado por uma comissão norte-americana o ex-presidente Roosevelt pretendia recolher espécimes que pudessem integrar o acervo do Museu de História Natural de Nova Iorque e ainda contribuir para sua atividade de caçador, que havia iniciado no continente africano. Cândido Rondon que fora encarregado de liderar a missão e acompanhar o ilustre integrante, administrou de maneira eficaz a atividade para que o governo brasileiro também obtivesse resultados positivos. Dessa forma Rondon constituiu uma comitiva brasileira composta por naturalistas, fotógrafo e médico que seguiria com as atividades de reconhecimento das regiões interioranas, iniciadas juntamente à comissão de construção telegráfica (ANDRADE, 2009).

Mesmo com a conclusão da construção da linha a Comissão Rondon não deu como concluídas suas atividades. Rondon e integrantes da comissão permaneceram na região do noroeste brasileiro em busca de encerrar o levantamento topográfico mais preciso da região, o reconhecimento da fauna e flora, bem como outros materiais da natureza local, e também atividades para o funcionamento e manutenção das linhas telegráficas. A execução do telégrafo construído se manteve sob a responsabilidade da Comissão Rondon e do Ministério da Guerra, mesmo após a conclusão das obras, pois que a Repartição Geral de Telégrafos, sob o comando do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, alegava falta de recursos para o exercício.

Dessa forma Rondon participou e a comissão contribuiu ativamente para a produção da Carta do Estado do Mato Grosso¹¹ e Regiões Circunvizinhas, mapa que apresentaria de forma atualizada e corrigida o desenho e informações da região interiorana, primordialmente o estado do Mato Grosso, que era composto pelas regiões atualmente reconhecidas como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia, além dos territórios limítrofes a ele (em parte o estado de Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Pará e Amazonas, e os países vizinhos, Paraguai, Bolívia e Peru).

Finalizando suas atividades na região, Rondon ainda dirigiu a Inspetoria Especial de Fronteiras, inspetoria que criou no intuito de fiscalizar e identificar as diversas características geográficas das fronteiras do país, buscando uma noção de melhores condições de defesa dessas fronteiras. A Inspeção de Fronteiras se uniu a Comissão Rondon ao estabelecer atividades de reconhecimento local, desde levantamentos topográficos até os demográficos, e

¹¹ Somente em 1952, com a constituição da Comissão de Conclusão da Carta de Mato Grosso, a carta é concluída e publicada pelo Serviço Geográfico do Exército Brasileiro.

de atuação de fiscalização de unidades do Serviço de Proteção do Índio (SPI), criado em 1914, nas fronteiras brasileiras.

Questionamentos aos trabalhos de construção do telégrafo ocorriam, pois que, enquanto o Brasil tentava expandir e conservar suas linhas telegráficas, a telegrafia sem fios era inventada. Mesmo os resultados das pesquisas científicas não conseguiram justificar para alguns os investimentos aplicados. Como ressaltam Sá, Sá e Lima

A utilidade dos postos telegráficos foi muito questionada com o desenvolvimento tecnológico da radiotelegrafia sem fio a partir dos anos 1920, e os levantamentos científicos da Comissão, assim como a relevância das coleções zoológicas e botânicas reunidas e o impacto que as mesmas tiveram para o conhecimento da fauna, da flora e da fito e zoogeografia das regiões percorridas levaram décadas para serem organizados, publicados e conhecidos. (2008)

A Comissão Rondon se tornou uma missão dentro do projeto republicano que se estabelecia no início do novo regime político brasileiro. Apesar do interesse e atuações relativos ao período imperial, que já via a expansão da rede telegráfica, além da ferroviária, como projeto político, a República, em seu estabelecimento, definiu como pontos estratégicos de atuação a extensão da produtividade agrícola e integração do território nacional. Assim, além do esforço em prol do desenvolvimento do Brasil, a República construía um projeto visando o progresso e a modernidade do país, tendo como parte integrante deste o conhecimento científico de seu território (SÁ; SÁ; LIMA, 2008).

2. PARTE II

2.1. OS RELATOS DE VIAGEM DE MIRANDA RIBEIRO E ROQUETTE-PINTO

A Comissão Rondon foi palco para o desenvolvimento de diversos naturalistas advindos de importantes instituições científicas da então Capital Federal, como o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil¹². Mas foi o Museu Nacional, da cidade do Rio de Janeiro, o principal contribuinte na formação de uma comissão de ciências naturais inserida na própria CLTEMA, além de ter sido o receptáculo de grande parte dos materiais adquiridos durante a viagem. Dessa forma Alípio de Miranda Ribeiro se torna o primeiro zoólogo a participar da comissão, assim como o primeiro naturalista a ser convidado para essa missão, sendo também responsável pela indicação de outros nomes que ocupariam o lugar das pesquisas nas áreas correlatas.

Edgard Roquette-Pinto será o antropólogo da CLTEMA durante alguns meses do ano de 1912, tendo, antes de sua participação em campo, tratado de materiais etnográficos que recebera no início desse mesmo ano vindos da região de atuação da CLTEMA. O próprio Rondon mantinha os trabalhos de campo dessa área a seu cargo. Outros naturalistas do Museu Nacional também tiveram participação, indo a campo ou mesmo no tratamento dos materiais já na sede da instituição, como o botânico Frederico Carlos Hoehne, e os naturalistas Emil Stolle e Henrique Reinisch.

Mas foi a existência de um tipo de material que extrapola os limites da ciência objetiva que fez de Miranda Ribeiro e Roquette-Pinto os protagonistas dessa história.

Na Seção de Memória do Museu Nacional¹³, sediada no Paço Imperial na Quinta da Boa Vista, se encontra no arquivo pessoal de Miranda Ribeiro seu relato da viagem feita durante os anos de 1908 a 1910 como zoólogo da CLTEMA. Esse relato não teve uma

¹² O Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil é criado em 1907, ocupando o cargo de diretor Orville Derby, que atuou nas mais importantes organizações da área desde a monarquia brasileira, como já abordado, a Comissão Geológica do Império (1875), foi chefe da Seção de Geologia do então Museu Imperial (1879), e chefe da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo (1886). Subordinado ao Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, o Serviço tinha como objetivo “realizar o estudo científico da estrutura geológica, dos meios e recursos minerais da República, e a coleta de informações sobre a natureza dos terrenos (...)”. BRASIL. Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. 1907, Imprensa Nacional: Rio de Janeiro. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u2274/>. Acesso em 15 de junho de 2011

¹³ A Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR) do Museu Nacional tem sua criação motivada pelo Projeto Memória do Museu Nacional/UFRJ desenvolvido nos anos 1990. Com o objetivo de organizar e divulgar a documentação arquivística da instituição e suas informações. A SEMEAR tem hoje um extenso número de fundos e coleções referentes aos cientistas e à instituição, onde se encontra o *Fundo Alípio de Miranda Ribeiro*. Informações ver: <http://www.museunacional.ufrj.br/MuseuNacional/Principal/ARQUIVOHIS.htm>

publicação integral, e o que há no arquivo é um encadernado de 141 páginas contendo a narrativa de seu primeiro ano de viagem, e outras cadernetas e cadernos de campo, que aparentemente não foram unidos à primeira compilação, referentes à continuação de seu percurso. De forma geral parece bastante clara a existência das intenções autorais do naturalista, que desejava a construção, e consecutivamente, a publicação do relato de viagem como obra¹⁴. Em 1912 é publicada a primeira parte da viagem na revista *Kosmos*¹⁵, e nesse mesmo ano, também tem parte do relato publicado na revista bilíngue *Brasilianische Rundschau*¹⁶, tendo ainda outra publicação de trechos do diário em 1920 na *Revista do Brasil*¹⁷, como continuação da publicação na primeira revista citada. Não há nenhum indício de que haja alguma publicação posterior e completa do relato que fora intitulado como “*Ao redor e através do Brasil*”.

Assim como o zoólogo e outros participantes das “Comissões Rondon”, incluindo o próprio chefe, o antropólogo Edgard Roquette-Pinto ao participar da CLTEMA, durante quatro meses de 1912, produz uma obra por meio de seu relato de viagem que, de maneira bem distinta, ganha amplos rumos e várias edições, tornando-se sob certos aspectos uma obra de referência. “*Rondonia: anthropologia – ethnografia*” é o livro de Roquette-Pinto onde relata sua viagem ao então estado do Mato Grosso. Obra largamente conhecida, reverencia o trabalho do chefe da comissão no título e que mais tarde daria nome à região percorrida¹⁸. Em 2005 o livro chega a sua 7ª edição numa parceria entre a Fundação Oswaldo Cruz e a Editora

¹⁴ Em minha monografia de conclusão da graduação em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro discuto a construção do diário de campo de Alípio de Miranda Ribeiro a partir da análise de aspectos característicos desse gênero letrado, desenvolvendo também a noção da existência de claras intenções autorais observadas no texto, considerando assim que o que estava se deparando não eram apenas anotações pessoais que contribuiriam para trabalhos científicos futuros, mais o que existira ali era uma obra pensada desde seu início para a publicação. MARTINS, Mariah. “*Ao redor e através do Brasil*”: a escrita do diário de campo por um zoólogo da Comissão Rondon (1908-1909). 2009. 63 f. Monografia de conclusão de curso (Graduação em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

¹⁵ A *Kosmos, Revista Artística, Científica e Literária*, teve sua primeira publicação em 1904 seguindo até 1920. Seus exemplares se encontram na Biblioteca Nacional e no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Parte inicial do diário de viagem de Miranda Ribeiro é publicada no ano V da revista.

¹⁶ Na página 6 do encadernado do diário de Alípio de Miranda Ribeiro há uma nota de rodapé sobre essa publicação, feita no ano II, nº 2, da revista, em Fevereiro de 1912. Existem 3 exemplares da revista na Biblioteca Nacional, muito poucas informações temos sobre o periódico.

¹⁷ A *Revista do Brasil* foi criada em 1916 na redação do *Jornal O Estado de São Paulo* e discutia problemas fundamentais para o Brasil e seu direcionamento futuro. A Biblioteca Nacional possui alguns exemplares da revista em seu acervo de periódicos. Na página 62 do relato de Miranda Ribeiro, há uma nota de rodapé em que o autor revela que o capítulo “Excursão à Jacobina” é publicado nessa revista, nº49, em Janeiro de 1920, com o título “Na bacia do Prata”, sem explicar o porquê desta inversão.

¹⁸ Pelo Decreto-lei nº 5.812, de 13 de setembro de 1943, a região que pertencia aos estados do Amazonas e Mato Grosso, é estabelecida como Território Federal do Guaporé. E somente em 1956 a região passa a ser reconhecida como o Território Federal de Rondônia. Disponível em: <http://www.rondonia.ro.gov.br/conteudo.asp?id=180>. Acesso em: 15 de outubro de 2011.

da Academia Brasileira de Letras¹⁹, instituição a qual Roquette-Pinto era membro, num fac-símile da primeira edição, de 1917 do volume XX dos *Archivos do Museu Nacional*, incluindo a apresentação e todos os prefácios.

Os relatos de forma alguma almejavam um caráter neutro. O período da história do país assim como a circulação de ideias na instituição à qual os cientistas eram filiados proporcionam uma direção para os pensamentos e para a maneira de expô-los, não necessariamente a favor dos ideais mais difundidos. De qualquer maneira, nas narrativas é possível constatar a presença das principais reflexões em voga no campo da elite intelectual, e igualmente de valores constituintes da CLTEMA desenvolvidos anteriormente.

As experiências das significativas mudanças no cenário econômico e social na segunda metade do século XIX brasileiro, como a abolição da escravidão em 1888, a entrada de imigrantes na região sul do país, o desenvolvimento da rede de transportes, e a Proclamação da República em 1889 povoavam o país de projetos e promessas para o futuro, suscitando um desejo de inserção no cenário político mundial. A expansão do mercado econômico mundial abriu espaço para a economia brasileira de produção agrícola. A urbanização, auxiliada por estas transformações, não diminuiu a disparidade entre litoral e interior brasileiro, todavia essas terras anteriormente pouco exploradas já produziam para os mercados urbanos, sendo também imprescindível para o crescimento da economia brasileira o desenvolvimento na região interiorana do país. (COSTA, 1999)

A Guerra do Paraguai, ocorrida entre os anos de 1864 e 1870, impulsionou novamente às discussões políticas a questão da fragilidade da fronteira do Brasil, já que o conflito entre os países sul-americanos, Brasil, Argentina, Uruguai²⁰ e Paraguai, é iniciado pela transposição da fronteira sul do Mato Grosso pelo exército paraguaio. A inesperada dificuldade encontrada para se derrotar o Exército paraguaio, considerado muito inferior ao brasileiro, deixou latente a situação de atraso na organização e infraestrutura do Exército brasileiro num momento de busca pela modernidade em âmbito mundial. A guerra gerou igualmente discursos de descontentamento em relação à identidade nacional do povo brasileiro, considerado como disperso e sem espírito cívico, uma das causas do fracasso nas expectativas relativas a essa guerra. (DIACON, 2006, p.20)

¹⁹ A Academia Brasileira de Letras é detentora de grande parte do acervo pessoal de Edgard Roquette-Pinto, possuindo um conjunto de mais de 6.000 documentos textuais compreendendo os anos de 1871 e 1956.

²⁰ As três primeiras nações citadas fizeram parte da Tríplice Aliança, grupo que lutou contra a República do Paraguai em grande parte da guerra. Também chamada da Guerra da Tríplice Aliança, a Guerra do Paraguai representa resultado e consolidação do desenvolvimento dos Estados Nacionais dessa região, que disputavam territórios e poder. (DORATIOTO, 2002, p.41)

O relato é feito de desejos, projetos, curiosidade e surpresa. A partir da vivência num mesmo empreendimento os dois cientistas produzem interessantes materiais de valor significativo para a história das ciências no Brasil, que, tendo em comum o mesmo gênero letrado, contudo exibem análises opostamente singulares. Desde os mais simples comentários até a trajetória e recepção das obras observa-se os caminhos distintos na construção dos relatos de viagem, que não diminuem, e muito contribuem, para a riqueza e desenvolvimento dessa análise.

A análise que se trará primeiramente será sobre o relato do zoólogo, opção esta tomada com o objetivo de maior inteligibilidade em torno dos momentos participados pelos cientistas. Dessa maneira, Alípio de Miranda Ribeiro, participante no ano de 1908, dará o primeiro passo em prol de nosso entendimento acerca da CLTEMA pelo olhar da “ciência”.

2.1.1 CIRCUNDANDO E ATRAVESSANDO O BRASIL: NATUREZA X HOMEM

“Atravessar o Brasil fôra sempre aspiração minha; eu o preferiria, mesmo a qualquer digressão por terras mais antigas, em geral tão apreciadas pelos meus patrícios. Vêr de perto as extensões enormes da minha patria, estudar a sua natureza, eis ahi o que eu considerava uma necessidade para mim, que abracei o estudo da zoologia aplicada ao Brasil” (RIBEIRO, 1908, p.1)²¹

Miranda Ribeiro inicia sua narrativa com uma introdução “aos leitores”. Intitulada por essa mesma expressão, seu capítulo introdutório ratifica o desejo por uma recepção da obra não concluída por outrem. A Introdução, produzida a posteriori, apresenta uma reflexão conclusiva inicial do significado da viagem como um todo, além de reafirmar sua presença nessa viagem não apenas como uma conveniência, mas principalmente por um mérito pessoal que excede os limites do bom funcionário, esbarrando no merecimento do filho digno da pátria mãe.

Sendo composta pelo que chama de “antecedentes” da viagem, o zoólogo descreve seu primeiro contato com a CLTEMA, antes mesmo da possibilidade de sua participação, quando sabe, por notícia de jornal, sobre sua existência, demonstrando em sua narrativa que desde esse momento inicial pensara na “sonhada viagem”.

²¹ As referências a Ribeiro nesse capítulo são todas relativas ao relato da viagem feito com a CLTEMA, nesse caso ao “Livro A.”, seu diário de viagem intitulado “*Ao redor e atravez do Brasil*” que, assim como os cadernos e cadernetas de campo, se encontra no fundo Alípio de Miranda Ribeiro no Museu Nacional.

Miranda Ribeiro, na época (1907), ocupava o cargo de secretário do Museu Nacional, sem se omitir da responsabilidade científica para com a zoologia, acumulando os serviços técnicos do secretariado da instituição e as pesquisas científicas, o que gerou no zoólogo um desalento em referência a uma possível viagem. Contudo, futuramente é convidado a um primeiro encontro com o então Major Rondon, ainda em 1907, quando o mesmo decide sobre a necessidade da presença não apenas de um zoólogo para a comissão, mas também de um geólogo, que seria requisitado ao Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, e também de um botânico escolhido pelo próprio Ribeiro.

A relação com o estrangeiro e a questão da nacionalidade no pensamento de Miranda Ribeiro aparece de forma muitas vezes paradoxal. A primeira opção do zoólogo foi convidar dois naturalistas suecos para o serviço de botânica, Per Karl Hjalmar Dusén (1855–1926) e Ernest Hemmendorff (1866-1928), e com a impossibilidade da presença de qualquer um desses, o botânico Frederico Carlos Hoehne integra o grupo de História Natural da comissão. Apesar da grande importância que Ribeiro compreende nessa viagem, por ser um brasileiro que aprofundará o conhecimento científico de/na sua pátria, o mesmo declara em sua narrativa a opção por estrangeiros, que obviamente detinham eficiência inquestionável na área, delineando uma contínua contradição existente em seu pensamento com relação à valorização da questão nacional, já que posteriormente serão apresentados momentos em que o autor questiona solidamente a produção científica estrangeira em terras brasileiras. Juntamente ao zoólogo e ao botânico seguiu o geólogo Cícero de Campos para o interior do Brasil. Encontraram, já em solo mato-grossense, o geólogo alemão Carl Carnier²², que Miranda Ribeiro diz atuar como etnólogo da CLTEMA²³.

As palavras de ordem após a instituição da República dos Estados Unidos do Brasil giravam em torno de “progresso da nação”, “integração nacional”, “ordem”, “civilização”, “modernização”, todas correspondendo à questão nacional. A necessidade de se “inventar a nação” promoveu as diversas estratégias encontradas nos discursos governamentais da época onde se procurava o estabelecimento de uma nação potente perante o mundo. As falas no âmbito intelectual não eram diferentes e tinham no desenvolvimento da nação sua preocupação principal. Assim percebe-se que no campo de atuação dos cientistas brasileiros o

²² Miranda Ribeiro relata que o etnólogo alemão, que estudara na Universidade de Munique, estava também viajando com incumbências da instituição alemã Geographische Gesellschaft zu Jena, no intuito de estudar a geografia e a geologia da América do Sul, e não poderia seguir o mesmo caminho do grupo de cientistas.

²³ Carl Carnier publica pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, como o Anexo nº 5 – História Natural – Geologia de 1909, seu relatório intitulado, *Observações Geológicas – Geographicas e Ethnographicas sobre a viagem de exploração de Cuyabá à Serra do Norte, passando por São Luiz de Cáceres pelo geólogo Carl Carnier e traduzido do alemão para o português pelo guarda-fio da 2ª classe João Brueggeman*. As publicações da CLTEMA estão disponíveis no Museu do Índio.

objetivo fundamental se dará no conhecimento científico da nação, tanto no que concerne ao homem quanto à natureza, e pela larga atuação percentual dos estrangeiros nessa área, também serão alvo de questionamento para alguns, como para o zoólogo. (SÁ, SÁ e LIMA, 2008, p. 781)

Ribeiro relata a dificuldade do andamento da viagem, conquanto a equipe de Ciências Naturais havia sido formada em 1907, apenas em 30 de março de 1908 o diretor do Museu Nacional, João Batista Lacerda, recebera um ofício do Ministério do Interior solicitando a ida imediata de Miranda Ribeiro para as trincheiras da comissão. Ainda assim, somente em 27 de junho Ribeiro pode seguir seu percurso pela igualmente demora na liberação de recursos pela Repartição-Geral dos Telégrafos.

Na Introdução, o zoólogo procura ainda informar “*aos leitores*” a forma como conceberá a narrativa, valorizando o tempo ao longo das anotações diárias, considerando esse “o processo mais seguro” para a composição. Ribeiro apresenta os objetivos de mais essa missão, “revelar a natureza do trabalho executado por épocas certas” e “fornecer a viajantes futuros uma fonte segura de informações”. Ribeiro prezava pela verdade nas informações passadas visualizando a importância de seu trabalho e da própria história da qual estava fazendo parte, e tinha a intenção de ser lido e estudado. Seria ingênuo pensar que não visualizavam a relevância do empreendimento que faziam parte, e que por serem relatos pessoais eles não teriam interesses em sua recepção. Outrossim Ribeiro em sua última fala supracitada presume a existência de viagens e viajantes futuros, considerando de grande relevância a experiência em uma viagem a campo para a pesquisa científica.

Esse primeiro momento do diário sugere especial atenção a respeito da questão temporal de sua produção, que é compreendida aqui como uma construção que se amplia ao passado, presente e futuro, em diversos níveis. No encadernado referente ao diário de campo de Miranda Ribeiro, observamos correções, feitas a lápis, na estruturação do texto. O autor havia a princípio iniciado o ‘relato’, propriamente dito, num momento do texto (página 3), onde indica por meio do subtítulo “DIÁRIO” o início efetivo de sua viagem, seguidamente com a indicação da data que partira (27 de junho). Contudo, após 3 páginas, encontramos, como numa correção, a palavra “DIÁRIO” novamente, agora escrita a lápis, assim como repetição da data de início. Ribeiro ainda insere, como um novo “fim de introdução”, acima

desse subtítulo, o trecho igualmente a lápis: “Dadas assim, a traços largos a história da organização da viagem passamos ao”.²⁴

O que se elucida aqui é a “viagem” que se faz, igualmente, na construção do relato de viagem enquanto obra. A viagem e a escrita dessa experiência começam antes mesmo da partida, pois que é necessária uma preparação intelectual, técnica e pessoal, como demonstra Ribeiro em seu capítulo introdutório, para seguir viagem. Assim, como não se faz um diário somente com escolhas daquele presente, *a posteriori* serão modificados termos e estruturas daquele relato que é, em termos de representação, a viagem. O diário é a viagem e ao mesmo tempo não é, sendo o que restou daquela experiência, e ao mesmo tempo, sendo algo construído também fora de sua vivência.

O trecho a seguir retirado do diário de Miranda Ribeiro ilustra a viagem não literal e ao passado que uma viagem literal, no espaço/tempo real, proporciona, além de referenciar esse caráter da própria construção do diário de viagem que perpassa o tempo.

Quando já instalado no “Júpiter”²⁵, navio que saía do Rio de Janeiro com destino a Montevideú, Miranda Ribeiro, ao pensar na saudade da família, relembra o questionamento do filho a respeito de seu trabalho de “caçar bichos” em Mato Grosso, o que o remete a uma longa divagação acerca do conhecimento científico no e do Brasil.

A minha terra, o Brasil, existe há 400 anos; dispondo de uma extensão territorial verdadeiramente fantástica, das florestas mais belas da superfície da terra, de uma multiplicidade espantosa de formas vivas, - ignora quase completamente o que possui!

Onde os livros didáticos ‘escritos’ na nossa língua? Os que são encontrados nas escolas, pode-se dizer, reproduzem a natureza da França com especialidade.

Entretanto já a velha Europa está farta de saber o que nós temos. As principais obras sobre a natureza brasílica estão nas revistas das academias e sociedades científicas da Inglaterra, da Alemanha, da Áustria, da America do Norte e, por fim da França. E porque isso sucede? Porque é que os europeus e os norte-americanos conhecem melhor a nossa natureza do que nós? Porque eles já aprenderam que o conhecimento exato de todas as coisas é o melhor meio de tirar delas ‘todas as vantagens possíveis para nossa vida na terra. Vivemos na Natureza e da Natureza; precisamos, portanto, conhecê-la. E como chegaram os estrangeiros ao melhor conhecimento do Brasil do que os brasileiros? Muito simplesmente por meio das expedições que sucedem, seja qual for o custo em que importem e ás quais nem sempre estão alheios os governos das nações á que pertencem os excursionistas. (RIBEIRO, 1908, p.3-4)

²⁴ O encadernado do relato de Miranda Ribeiro representa um projeto de sua obra, compreende-se que o zoólogo fazia correções nesse exemplar, são encontradas indicações a lápis para a inserção de figuras, traços indicando quebra de parágrafo, bem como correções ortográficas.

²⁵ Navio construído em 1905, da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro. Extinta empresa estatal brasileira, criada em 1890, que inicialmente transportava passageiros e carga até os rios do Amazonas.

<http://www.theshipslist.com/ships/lines/lloydbrasileiro.shtml>. Acessado em 20 de setembro de 2011

A questão aqui foi a viagem mental feita pelo naturalista de maneira “equivocada”, não por ter ocorrido, mas por ocorrer num momento que já não deveria, pelo menos no que toca a organização de seu diário de viagem. Apesar da reflexão sobre ciência e nação ter acontecido após a partida, Ribeiro prefere apresentá-la como um antecedente, quase negando as digressões mais calorosas àquele momento do trabalho de campo. Contudo, como será tratado, elas fazem parte desse gênero e numa tentativa utópica podem ser contidas.

Miranda Ribeiro desejava ser objetivo em sua narrativa, escrever o que viu e viveu, se dedicando em primeiro lugar à ciência, com especial atenção aos problemas zoológicos. Destarte, desde o momento do adeus ao Rio de Janeiro até a chegada em terras mato-grossenses, percurso que se estendera de 27 de junho de 1908 até 17 de julho do mesmo ano, o zoólogo perpassa cidades ao sul do país e capitais sul-americanas descrevendo a imagem dessas cidades, características geográficas, sociais e obviamente detalhes da fauna e flora locais.

A ilha de Coriscos é baixa, rochosa, recoberta de vegetação principalmente constituída de Bromelias muito espinhosas e de um arbusto medíocre que me parece uma Myrtacea. (RIBEIRO, p.7-8)

A cada parada, seguia-se uma visita ao mercado de peixes, onde se obtinha os espécimes mais interessantes, do mesmo modo que iria a “terra firme” para a coleta dos espécimes zoológicos mais significativos. O trabalho se dava também em contato com os habitantes locais, mantendo pesquisas que elucidavam a designação popular de alguns animais, o que nem sempre gerava um bom resultado na visão do zoólogo. Ribeiro tentava investigar a existência de alguns animais por meio dessas conversas com os locais, porém muitas vezes saía insatisfeito, acreditando não ter, o interlocutor, compreendido de que espécime se falava.

Na praia me pareceu divulgar *Ardea coerulea*. É curioso saber que o nome *Larus vociferans*, digo *dominicanus* é ‘Maria Velha’, n’essas paragens. Ouvi também dizer que o Turbinare que me preocupava era chamado de ‘Trinta-Reis dos Grandes’, designação que considero errônea e simplesmente atribuída a má compreensão do meu informante da descrição que eu lhe fazia da ave. Em todo o caso eu a vi solitária, nadando sobre as ondas um tanto revoltas ou voando em perseguição de outras gaivotas para lhes tomar alguma presa. (RIBEIRO, 1908, p.7)

Para Ribeiro era de extrema importância que se fosse esclarecido a nomenclatura correta de cada animal. Nas fronteiras brasileiras o zoólogo se depara com um sem número de

nomes que designam o mesmo animal, reflexo da mistura entre as línguas dos distintos países e ainda línguas indígenas. Incomodava a Ribeiro observar a “disseminação de ideias errôneas” nos estudos das ciências naturais.

Pode-se encontrar no diário de viagem de Miranda Ribeiro aspectos que definam a ordenação da obra. São percebidos do início ao fim, já que a estrutura primordial da construção da narrativa se dá numa linearidade espaço/temporal, descrevendo a cada dia onde se encontravam e o que faziam.

Os aspectos primordiais que concernem ao gênero do relato de viagem, e os quais serão notados na análise presente são: o da *experiência iniciática*, referente a um processo de iniciação gerado pelo corpo que sente e vive, não podendo ser omitidas as sensações e prazeres, além do caráter autobiográfico que o relato remete; o *inventário*, onde se escreve o que se vê não necessariamente questionando ou concluindo algo, referindo-se também à justificativa primeira da presença do zoólogo na comissão, o inventário científico da fauna interiorana brasileira; e o *comentário*, aspecto que enriquece grandemente o gênero, sendo um item imprescindível aos relatos, que permite ao viajante as diversas digressões, assentindo o indivíduo “viajar” em seus pensamentos e comentários sem uma austeridade demasiada.

Assim, durante todo o diário pode-se notar a presença desses aspectos que se mesclam entre si (ou não) e às anotações diárias do relato, como se constata no trecho a seguir, onde Ribeiro demonstra sua opinião e sensação ao se deparar a uma nova paisagem. Quando chega à cidade de Santos, referencia, por conseguinte, os aspectos da *experiência iniciática* e do *comentário*, considerando ainda o *inventário* ao descrever minuciosamente a compra de peixes, seus valores, quantidades e nomes científicos.

Impressão da cidade desfavorável quanto á estética. Vê-se porém que ali se trabalha. Região baixa com a serra do Cubatão ao fundo, grandes mangaes margeando o canal que dá acesso ás docas da cidade e do litoral. Visitei o mercado onde comprei por 6\$000 – 29 espécies de peixes entre os quais algumas muito boas como por exemplo uma pequena Sciaena transfasciada de negro. (RIBEIRO, p.6-7)

A escrita do relato de viagem é assim; num momento, define-se em duas linhas as conquistas científicas do dia, são descritos instantes peculiares da viagem; no momento seguinte, leva-se duas laudas descrevendo as informações de apenas uma larva, “*Myrmeleon*”. Quais os tipos conhecidos, sua procedência, características físicas, modos de locomoção e de alimentação, e o acontecimento de sua transformação em libélula. Seguido de uma análise zoológica onde compara espécies de larvas, acentuando hipóteses de um processo irreversível

de extinção de uma delas. E num repente, com meia linha entre os pensamentos, o zoólogo prossegue, relatando o cansativo caminhar na estrada de terra até Jacobina.

Esse trecho do diário é elucidativo ainda por apresentar uma série de correções feitas, agora à caneta. Apresentam a condição do relato de não ser apenas as escolhas feitas no presente da experiência vivida, objetivando também as escolhas futuras.

Após transcorrer o litoral sul do Brasil, passando pelas cidades de Santos (SP), Paranaguá (PR), São Francisco²⁶ (SC), indo a Ilha dos Coriscos nesta região, Itajahy (SC) e Rio Grande (RS), Ribeiro segue nesse momento um outro rumo da viagem. Se encaminha ao que nomeia em seu relato de “Bacia do Prata”, quando a viagem marítima se dirige para o curso das águas dos rios da região platina²⁷, onde se depara com a realidade das cidades sul-americanas e inevitavelmente trará, igualmente como de hábito nos relatos de viagem, as primeiras grandes reflexões de confrontação acerca das práticas culturais da sua terra natal e das novidades oferecidas pela viagem.

Uma das coisas que mais me impressiona em Montevideú foi a saúde, a beleza que se notava em quase todas as moças e crianças da cidade. A robustez e a beleza física andam ali sempre juntas, e me quedava muitas vezes olhando aquela pujança toda comparando-a ao nosso tipo geralmente feio e amarelo pelo excessivo trabalho do fígado ou por traços de um cruzamento mal guiado que cumpre modificar para melhor. Que lindas crianças! Só as nossas cidades de clima frio e temperado temos essas cores e formas. No Rio de Janeiro, as tijucanas ou as ricas moradoras de Botafogo ao Santa Teresa são assim: tudo o mais, não nos iludamos, é clorótico, nervoso, irascível. Oh! Sim, precisamos nos modificar. E porque não havemos de cuidar nisso: e porque não havemos de dizer? Ah! E ainda nos falam de imigração japonesa! Nunca! Eu sou um fervoroso admirador das virtudes do Japão: fui seu partidário na Guerra Russo-Japonesa, estimo-o, quero-o... Mas no Japão. – É que o japonês é feio e de feios já basto eu. Precisamos de imigração italiana, francesa, inglesa, alemã, russa ou grega – outra não.

Ligando à estética de nossa raça o interesse que cada patriota verdadeiro deve ter em grande escala, por isso mesmo o comparo com aquelas estrangeiras que me caem sob os olhos. (RIBEIRO, p.12-13)

Em fins do século XIX os espaços da intelectualidade brasileira já se tornavam palco de discussões suscitadas pelo impacto causado pela famosa obra de Charles Darwin, *A origem das espécies*. Mesmo aqueles que não tendiam ao modelo poligenista do evolucionismo se encontravam com estes numa concepção de raça que extrapolava os meios biológicos, seguindo às esferas social e cultural. A mestiçagem estava sendo concebida como causadora da “degeneração social”, conceito desenvolvido a partir da “seleção natural”, que idealizava a

²⁶ Considera-se aqui que a cidade seja São Francisco do Sul do estado de Santa Catarina.

²⁷ A bacia do rio da Prata é formada pelas sub-bacias Paraná, Paraguai, Uruguai e Prata, se estendendo pelos territórios nacionais da Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai.
Ver: http://cicplata.org/marco/pdf/vision_3a/vision_integrada.pdf

sobrevivência dos mais aptos. Dessa maneira, os mestiços se tornavam inferiores, mais fracos, e contribuiriam menos ao objetivo final das nações: “civilização” e “progresso”. (SCHWARCZ, 1993, p. 55)

O evolucionismo dito social, que acreditava na civilização como fase última de toda sociedade, assim como o darwinismo social, proponham que as raças eram resultados finais de processos adaptativos, as quais não deveriam se misturar e sim manterem-se como “raças puras”. Essa era a principal linha de pensamento sobre o Homem que se propagava pelo país entre a virada do século XIX para o XX.²⁸ Em 1911 o próprio diretor do Museu Nacional, João Batista de Lacerda, apresenta no Congresso Universal das Raças em Londres, onde participara como representante brasileiro, o trabalho *Sur les métis au Brésil*, onde discorre acerca da existência das raças branca, negra e mestiça, chegando a afirmar a diluição e extinção das raças negra e indígena após cem anos de mestiçagem. Em resposta a críticas que recebera sobre suas assertivas Lacerda publica junto ao relatório do Congresso a “réplica à crítica”²⁹, onde diz não considerar uma inferioridade absoluta da raça negra para com a branca, mas afirma existir uma inferioridade cultural que resultaria no fim dessa raça, apresentando estatísticas, produzidas por Roquette-Pinto, que confirmariam tal afirmação.

Assim, o zoólogo se encontrava no seio de uma instituição que desejava pensar a situação do brasileiro e não se omitia sobre as reflexões acerca das raças, da miscigenação e da imigração para construir esse pensamento. Para Miranda Ribeiro era indispensável o pensamento sobre o homem brasileiro, e o contato com outras nações apenas impulsionava suas reflexões, a partir do modelo comparativo, sobre o futuro da nação brasileira e de seus integrantes.

Na cidade portenha não vi gente bonita – deve-se levar em conta dessa observação que estive na cidade apenas de passagem e em poucas horas. Sucedeu porém que um feliz acaso trouxe à bordo do nosso navio nada menos de três famílias do high-life argentina; (...) Se as moças que ficaram em terra eram bonitas e elegantes, belas eram as três da Família Morra, tendo, não as formas vigorosas das orientais mas aliando à beleza uma elegância muito natural e distinta que as realçava à primeira vista. As jovens eram muito bem educadas, falando corretamente o francês, o inglês e o italiano. – conhecendo música e pintura e cantando com graça e boa voz. Nas horas vagas eu as via agarradas a bons romances de escritores franceses e, quando em reunião revelavam grande presença de espírito e inteligência. (...) Os rapazes revelavam também esmero de

²⁸ Lilian Schwarcz reconhece que muitas foram as apropriações, em larga escala equivocadas, de conceitos inicialmente divulgados por Charles Darwin. Mas pode-se afirmar que o desejo neste instante era de ordenar, no nível mais científico possível, retirando da propriedade apenas cultural, as asserções sobre a diversidade humana. Ver: SCHWARCZ, 1993.

²⁹ Esse documento, *O Congresso Universal das Raças reunido em Londres (1911): apreciação e comentários*, faz parte das Obras Raras do Museu Nacional e pode ser consultado em <http://www.obrasraras.museunacional.ufrj.br/0023.html>

educação, um estudante de medicina e o outro de agronomia, manifestando igual gosto pelo manejo das armas.

Não sei se será esta a medida com relação ao povo argentino por se tratar de uma família abastada; contudo não se pode julgar nem avaliar senão pelo o que se vê e o que eu vi foi o que está acima dito. (RIBEIRO, p.12-13)

A cada parada em cidades sul-americanas Ribeiro gastou suas palavras na descrição de suas singularidades. Interessava-se não apenas pelas práticas sociais como pela arquitetura urbanística:

Na barranca esquerda do rio, um pouco ao fundo, erecta e nua se eleva a metade esquerda da Cathedral de Humaytá; por milagres de equilíbrio os pilares da torre se conservam no meio daquelas casas baixas e pobres da vizinhança, á face d'enorme praça recoberta de verde relva, como que mostrando ao viandante, num protesto mudo, solemne, perante a razão humana, contra a selvageria das guerras; já se vão acabando os dias dos que lá pelejaram, já o tempo distancia as datas dessa da morte e ainda as ruínas protestam, eloqüentes e altivas, na severa exibição das negras cicatrizes. Oh! Que coisa estúpida que são as guerras! Só muita miséria moral impede aos homens acabar de vez com essa peste gerada pelos mais desumanos de todos os instintos – o de matar! (RIBEIRO, p.14)

Nesse trecho observamos o modo como os pensamentos e notas vão se entremeando e interpondo, por uma descrição segue-se uma reflexão muitas vezes no campo do interesse nacional ou mesmo da razão humana.

Ainda no Paraguai, mas agora sobre a cidade de Assunção, Ribeiro diz:

De manhã visitei o mercado, curioso pela demonstração prática da preponderância do sexo fraco n'essa terra. Cerca de 200 mulheres, todas descalças, trajando saia branca ou vermelha e tendo um grande chalé preto que também envolve a cabeça, falando um 'argot' de Guarany e espanhol, e, geralmente, fumando um valente charuto, - vendem manteiga, ovos, codornas vivas, carne fresca, peixes e frutos; fazem tal algazarra que mais parecem meninos em recreio. (...) chegada ao mercado a mulhersita salta lépida de cima da cangalha e amarra com a ponta livre do cabresto as mãos do jumento mas, encurtando tanto o cabresto que o animal fica imóvel, de pescoço curvo sobre o peito e assim, de jumento passa a ser balcão pois sua dona como tal se serve dele. (RIBEIRO, p.15)

Seguindo esse trecho, o zoólogo ainda apresenta uma nota a respeito dos peixes mais consumidos na cidade, descrevendo suas características e nomes científicos.

Em 17 de julho de 1908, o “Javary”³⁰, navio que Miranda Ribeiro e seus companheiros seguiram viagem a partir de Montevideú, chegava ao rio Apa³¹, trazendo consigo a inspiração que a natureza brasílica provocava no zoólogo.

³⁰ Navio igualmente da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro, criado em 1907. Ribeiro faz um intenso elogio ao novo navio que prosseguiram viagem, classificando seu serviço como “inexcedível”. Relata ainda a presença do Ministro de Guerra uruguaio numa exposição pública do navio em 9 de julho, quando zarparam

São observados durante a narrativa de Ribeiro os diversos momentos poéticos proporcionados pela relação gerada no contato com a natureza, principalmente a brasileira. De certa maneira, é possível conjecturar quase como um direito, viável apenas a natureza, de receber tão calorosos elogios.

O vento refrescara; não obstante deixamos os divãs macios, de marroquim verde, os custosos tapetes dos salões dourados, de espelhos refulgentes pelo cambiante cenário da coberta; lá nos divertiríamos ao ar livre, à luz desse sol que seria em breve o brasileiro, vendo mudar os melancólicos carandás, os monótonos pirizais, em as florestas densas, verde negras da terra Pátria! Já na alegria da folga, já nos “sports” de bordo, vimos declinar o astro rei, apesar da marcha célere do navio, sem que aparecesse o Apa! Oh! Rio Vedeta das terras de Moema, porque te fazes tão requestado? Porque não nos ajuda correndo ao nosso encontro e esperas impávido, quase fero, o elegante navio que jamais sonhaste ver e que foi feito mais para transportar todas as Ninfas do Olímpo do que nós, homens rudes e toscos, cheios de nodosos e membrados corpos a quem bastavam simples e primitivos lenhos em que nossos avós vieram descobrir a pujante, generosa terra de Poty! Ai! E não creias que aqui vamos sós! Escuta. Aqui nos amenizam as saudades da Pátria, distintas patricias, filhas de ilustres famílias brasileiras; aqui temos entre nós, comungando do nosso entusiasmo, damas argentinas, damas de Buenos Aires, a orgulhosa cidade do Prata, cujos edifícios formosos foram delineados por arquitetos célebres do além mar; cujas ruas simétricas artisticamente construídas, se animam de um movimento verdadeiramente extraordinário; cuja cultura moral paira n’um plano tão elevado quanto o poderia desejar a mais civilizada das cidades humanas e cuja vida comercial é uma irrefutável de trabalho incessante, de progresso atual e futuro brilhante (...)

E, querido Apa, estas damas pertencem à elite argentina; elas irão contar, nas noites quentes de saraus de luxo da sociedade portenha, a impressão que de ti, rio brasileiro, receberam; elas vão em viagem de recreio e ilustres e moças belas, tem as exigências das criaturas feitas para impressões delicadas; são os lírios do Prata que precisarás enfeitiçar e aos quais deverás mostrar tão puras águas que eles se transformem em Narcisos! (RIBEIRO, p.16-17)

A poesia é feita para o rio brasileiro, para a natureza nacional. Contudo o estrangeiro, representado pela cidade de Buenos Aires ganha grande destaque também, especialmente para suas produções, a arquitetura e organização da cidade, e o trabalho dos homens, o que não ocorre com a natureza estrangeira, onde os “carandás são melancólicos”.

Essas paragens no início da viagem em terras da América do Sul geraram grande reflexão, expostas no relato, a respeito das cidades e dos homens. Ribeiro buscou algumas ocupações científicas, que nem sempre eram viáveis pelas rápidas descidas em terra firme. De maneira que a intensa relação que travava com as singularidades de seus vizinhos e o tempo

para Corumbá. Ver: <http://www.theshipslist.com/ships/lines/lloydbrasileiro.shtml>. Acessado em 22 de setembro de 2011

³¹ A bacia do rio Apa está localizada na Bacia da Prata, alcançando alguns municípios brasileiros do estado de Mato Grosso do Sul, na época da CLTEMA apenas Mato Grosso, e o território do Paraguai fronteiriço ao estado brasileiro.

Ver: http://www.planetaead.com.br/penaagua/apoio_didatico/materiais/perfil_da_bacia_transfronteirica.pdf Acesso em 30 de janeiro de 2012.

que lhe era ocioso permitiram as digressões, que invariavelmente tinham como parâmetro sua realidade.

Agora, Ribeiro, apesar de retornar a seu país iria lidar com outro Brasil, bem distinto da Capital Federal que vivia. Logo ao chegar ao posto aduaneiro no rio Apa, encontra, de forma brutal, a realidade do interior de seu país, no nível da organização de seus concidadãos.

Oh! Que vergonha! Caros patrícios; nós passamos durante toda a subida do Paraná e depois do Paraguay, por logares perigosos em que se diminuía a marcha por cuidado, que em falhando, nos acarretaria desastre e quiçá a morte; esses logares eram os 'Passes' do perigo; eu não os receiei, eu não tremi, eu não me comovi. Mas no Apá, diante do posto aduaneiro, eu me curvei, e senti calôr no rosto – e pensei commigo – é este o 'Passe' da vergonha!...

Oh! Vós políticos! Vós que dispondes dos dinheiros públicos, vós que fazeis as leis e creditaes as verbas; vós que sabeis quanto custa uma eleição, olhai para as fronteiras e abri um credito que nos livre de 'Passes' como este. Foi uma entrada triste em minha terra! (RIBEIRO, p.18)

Em 18 de julho de 1908 Miranda Ribeiro pisava “pela primeira vez em solo Matto-Grossense”. O navio Javary chegara a Porto Murtinho³², primeira cidade brasileira em que os naturalistas aportavam após a entrada no rio Paraguai. Aproveitavam para seguir a algumas regiões próximas onde tinham informações de interessantes materiais, além da necessidade do geólogo Cícero de Campos de uma avaliação daquele terreno.

Ribeiro apresenta além disso as dificuldades inerentes a uma viagem ao interior do Brasil naquela época. Não tinha notícia de seus familiares nem dava notícias aos mesmos. Apenas com a chegada em Mato Grosso pode fazê-lo com maior segurança. Não tinha notícias do chefe da comissão, e permaneciam dúvidas com relação aos procedimentos futuros. Ribeiro já detinha considerável quantidade de materiais coligidos durante a viagem, mas esperaria até a próxima paragem, onde estariam mais próximos dos postos telegráficos em busca de ordens de Rondon.

Algumas anotações zoológicas e uma comemoração pelo aniversário da independência do Uruguai, comemorada no navio onde havia grande número de cidadãos desta nação, quando seria o último dia dos naturalistas na embarcação. Ribeiro já se preparava para a “segunda parte” de sua “jornada”.

³² O município de Porto Murtinho se localiza às margens do rio Paraguai e hoje pertence ao estado de Mato Grosso do Sul. Sua história remete à produção da erva mate e a criação do porto para seu escoamento no final do século XIX. O próprio zoólogo registra esse início de desenvolvimento: “Vê-se que este porto está fadado á um futuro prospero, pela sua posição especial; comtudo o seu desenvolvimento é ainda pequeno. E fora algumas construcções da companhia Matte-Laranjeira poucas casas há dignas de nota;” (RIBEIRO, p.18). <http://www.portomurtinho.ms.gov.br/cidade/historia>.

O ‘Javary’ corre ao Norte; a sua (proa) possante rasga as aguas do Paraguay, hoje tranquilas, mansas, unctuosas como as de um lago sem brisas; o sol descamba por sobre as planices charcosas, inteiramente verdes de oeste e semeia as suas caprichosas cores em cambiantes fantásticas; as margens correm, correm as moitas, as arvores ao longe nessas terras interminavelmente planas e alagadas. (RIBEIRO, p. 20)

Deste modo Miranda Ribeiro se despede da primeira parte de sua viagem, o percurso de ida, a saída de seu mundo e a chegada a um mundo completamente novo. A expectativa aumentada para o encontro com o tão esperado “Brasil”. Mais uma vez observamos uma “licença a poética”³³ que um diário de campo permite ao homem de ciência, que em um parágrafo de seu relato pode expor seus pensamentos e opiniões não apenas de maneira “inventarial”, mas igualmente de forma literária.

Ribeiro e seus companheiros chegam à cidade de Corumbá em 20 de julho já se deparando com a falta de recursos e a boa vontade da vizinhança. Um engenheiro chega, a pedido do chefe da Comissão, para auxiliá-los na estadia na cidade, contudo não possuem vagas em hotéis para o pernoite, sendo acolhidos pela elite local, Coronéis Medeiros e Caldas, que eram sócios da empresa Ponce & Cia. Posteriormente permaneceriam na casa do governador do Estado, Coronel Ponce, tecendo agradecimentos a ajuda local.

Ao fim do dia puderam ter notícias de Rondon, que enviara telegramas desde o final do mês de maio com instruções aos naturalistas. Deveriam encontrar Rondon no acampamento da CLTEMA, passando pelas localidades de “São Luiz de Cáceres”³⁴, “rio Sepotuba” e “Matta da Poia”. E para isso deveriam seguir na embarcação que fosse ao primeiro destino.

A visita a Corumbá rende-lhe notável comentário sobre a cidade e seu desenvolvimento produtivo. Ribeiro relata o avanço daquela cidade que considerou “a cidade de maior futuro do estado de Matto-Grosso”, mas sem deixar passar despercebida sua cautela com relação ao governo, “se os poderes públicos cuidarem d’ella com o carinho que merece”. A primeira república brasileira foi momento de grande agitação política no país e também desenvolvimento econômico no estado. Muitas usinas açucareiras se tornavam potencias

³³ Licença poética é uma expressão utilizada para definir a permissão que a poesia e o poeta tem de se manifestarem de uma forma não usual, muitas vezes com a utilização das palavras fora da norma culta da língua, mas pela necessidade poética são compreendidas e aceitáveis. O que exponho aqui é a licença que um relato de viagem permite a um cientista no uso das palavras, e especialmente da poética, criação artística não muito difundida pela ciência, primordialmente a ciência brasileira do início do século XX, advinda de uma tradição científica cada vez mais preocupada com métodos e teorias que não admitiam criações. O relato de viagem se apresenta aqui como gênero letrado onde amplas são as condições de escrita independente da formação de seu autor ou da justificativa de sua produção.

³⁴ Hoje é o município de Cáceres no estado do Mato Grosso.

econômicas estaduais. A extração da borracha detinha equivalente estímulo, assim como a produção da erva mate, todos produtos citados pelo zoólogo em sua narrativa.

(...) e fui ainda informado que também passam por Corumbá grandes porções de borracha brasileira procedente do estado. Além desse produto, o commercio versa sobre couros de boi e de outros animaes (onça), gado em pé, madeiras de lei, herba mate, álcool, assucar, milho, farinha de mandioca, arroz, feijão, chapéos de carandá, fumo e etc; a importação porem ainda me parece grande, devido talvez á pernicioso tendência á monocultura que domina quase toda a agricultura brasileira. (RIBEIRO, p.22)

Apesar do desenvolvimento da economia brasileira já no período republicano, permanece como modelo de economia a produção de gêneros primários para o comércio exterior. Miranda Ribeiro reflete ao final do trecho sobre a histórica dependência da monocultura agrícola no país, demonstrando a visão negativa, difundida nos meios científicos, a respeito desta prática, que gera dependência do mercado ao qual se destina.³⁵

A estadia de Ribeiro na cidade de Corumbá foi prolongada, e dessa maneira pode travar importantes estudos zoológicos na região que considerava de fauna “pouco estudada”.

Também é comum ver-se gabar a carne da cauda do jacaré ou de um lagarto parecido com o jacaré e que creio ser *Crocodilurus lacertinus*. Graças ao Dr. da Comissão Guilhobel pude obter um bonito exemplar d’esse animal e se fôr confirmada a minha suposição ter-se-há de modificar a versão até hoje corrente de que o mesmo sáurio seja exclusivo da bacia do Amazonas. (RIBEIRO, p. 23)

Para o zoólogo era importante reconhecer os detalhes locais, por isso buscou informações acerca dos animais aproveitados na alimentação dos cidadãos, além dos dados obtidos por meio das falas locais, forma corriqueira de se obter as diversas informações que o naturalista não poderia auferir em tão curto espaço de tempo. Através dessas falas tinha informações de quais animais e onde poderia encontrá-los, auxiliando num árduo e paciente trabalho de observação nas matas da região. Descreve, meticulosamente, a partir desse método, toda uma estratégia de caça da onça, revelado por um conhecido caçador local, “seu Nheco”. Chega a comparar o zagaieiro, ajudante que fere a onça com golpes de zagaia (lança) até sua morte, ou naturalista em relação a uma borboleta, não existindo naquele momento a preocupação hoje encontrada com relação a preservação ou defesa de animais.

Ribeiro era um zoólogo, naturalista e cientista, seu trabalho era obter os espécimes, usualmente mortos, para que pudesse descrevê-los nos mínimos detalhes, dissecando,

³⁵ Atualmente observa-se ampla discussão acerca da monocultura como forma de produção primordialmente por suas consequências nos âmbitos social e ambiental

medindo, abrindo e desenhando, tudo em prol da ciência. Em outros momentos do relato o zoólogo apresentará suas práticas rotineiras que muitas vezes necessitavam da arma de fogo para a coleta dos espécimes, o que não gera nenhum tipo de incômodo devido a não caracterização dessas práticas como violentas ou incorretas.

Lendas dos sertanejos também tiveram espaço na narrativa de Miranda Ribeiro, todavia sua aparição é justificada pela demonstração de descrença do zoólogo. Com ironia corrente Ribeiro descreve a lenda do “Minhocão”, fundamentada inicialmente pelo conhecimento da mesma história em sua terra natal, Minas Gerais, e pelo estudo do importante naturalista francês Saint-Hilaire, que esteve no Brasil no início do século XIX, e considerou a existência do gigante animal. Ao final da nota, com intensas exclamações Ribeiro afirma que “tudo isso não passa de mera fantasia!”.

Nessa ocasião os naturalistas encontravam as dificuldades demandadas por uma viagem ao interior do Brasil. Os materiais já seguiam para a próxima cidade, S. Luiz de Cáceres, e a equipe não detinha recursos para manter seus trabalhos na região, apenas esperavam pela embarcação. Por mais que estivessem em Corumbá, no interior do país, ainda não iniciavam a viagem de campo em sua área crucial, nas entranhas da mata mato-grossense.

Em 4 de agosto de 1908, Ribeiro e seus companheiros seguem viagem se despedindo de Corumbá juntamente a um contingente do Exército que chegara à cidade e seguiria à localização da CLTEMA.

Com o tempo de viagem e a aproximação a exploração propriamente dita as mínimas regalias vão se escasseando ainda mais, o viajante iniciado no percurso sente as dificuldades e seu corpo sente a necessidade de falar.

A noite mudei de acampamento. Não por causa dos mosquitos que não passavam o mosquiteiro mas pelo calor e pelo que se respirava na chata. Com efeito, na noite passada tive momentos em que acordei sentindo um cheiro tão nauseante que logo calculei serem os desprendimentos dos páus visinhos e dando razão a pestilência local eu cheguei a compenetrar-me que só uma natureza de ferro poderia passar incólume através de tais exalações. Deixei de respirar por tanto tempo quanto pude. De manhã verifiquei o meu erro – a fabrica do tal gaz não eram os pântanos do Paraguay, mas o cãozinho do filho do velho Cezar e que estava debaixo dos efeitos d’alguma infecção intestinal! (RIBEIRO, p.32)

Ribeiro a seguir relata a queda de seu cão no rio, presente para auxiliar nos serviços de coleta de espécimes, conseguindo ao final recuperá-lo, antes disso causando grande alvoroço na embarcação. Após esse acontecimento que ferve as emoções do zoólogo, sua narrativa divaga sobre o perigo das viagens feitas nas lanchas e da existência de muitas piranhas naquele rio, sucedendo até a transcrição do desenhista Hercules Florence, que acompanhara o

Conde Langsdorff em 1826 numa viagem àquelas terras, sobre o perigo desses “vorazes habitantes”. E no dia seguinte o mesmo ocorre com um homem que não tem semelhante destino de seu animal: “Ante-hontem salvei um cão, hoje não pude salvar um homem! Revezes do destino!”. O percurso no rio Paraguay entre Corumbá e S. Luiz de Cáceres durara dias apresentando momentos de perigo não antes imaginado. No trajeto daquelas águas tortuosas ainda foi descoberto mais um integrante sumido, na hipótese de que tivesse caído no mar à noite.

Faz parte do diário de viagem as digressões sobre os homens e animais. Ribeiro é fruto da tradição de um mundo que acata a teoria da evolução de Darwin, uma teoria que ganhou diversificadas interpretações e usos, e que na visão do zoólogo tendia a demonstrar que todos, homens e animais seguiam regras idênticas de alguma forma.

E ainda aqui, tanto no facto psychico como no trucidar do boi, o homem e a besta não escapam á força das leis da Natureza. Éra claro que aquelle animal cujo lamento me pareceu ameaça e que por mim passou para continuar gemendo no curral sentia algo de extranho que o impelia a isso; qual muitas vezes sucede ao homem, também o homem imolando o boi, procedia do mesmíssimo modo que o tigre para devorar a presa; que o macaco ao comer a aranha, que esta a sugar o insecto, que este a devorar a planta ou outro insecto, que a planta a decompor os corpos necessários ao seu sustento – é a lucha pela vida, a eterna alternativa das acções e reacções, a eterna troca que se resume no movimento continuo da matéria.

E para que nos cançarmos em procurar um meio humano de viver sem esses sacrificios – ainda não temos o poder de preparar as peptonas nutritivas directamente dos corpos inorgânicos; é portanto bem certo que continuaremos matando enquanto existirmos em tal ignorância e em tão rudimentar estado industrial. A nossa vida, qual a de qualquer outro animal, custa milhares e milhares de outras vidas. Mas n’um ápice fora carneado o novilho. (RIBEIRO, p.35)

Esse trecho, descrito após a matança de um novilho para o contingente da embarcação o qual Ribeiro havia encontrado em seus passeios de estudos e lhe chamara atenção por ter ficado mugindo próximo a ele, retrata o pensamento do naturalista a respeito da natureza que considera uma cadeia, numa contínua rede de conexões. Outro interessante parecer é a respeito das vidas que são perdidas pela alimentação. O autor demonstra insatisfação na morte de animais para a sobrevivência do homem. Os envolvimento de Miranda Ribeiro com teorias evolucionista propiciaram reflexões sobre os espécimes e sua relação com o território. Desenvolve comentários em seu relato que abarcavam a ecologia e a zoogeografia, já elaborando possíveis problemas a serem estudados nos trabalhos futuros, não encerrando suas atividades na coleta e preparação das espécies.

Nesse instante a viagem se tornava ainda mais singular, com o caráter incerto das regiões não dominadas pelo conhecimento científico. Passava-se pelos afluentes do rio

Paraguai, seus bancos de areia, barrancas e canais pouco explorados pela ciência desenvolvida na capital. Necessitava confiar naqueles “estudiosos da vida” que conheciam na prática as técnicas para se enfrentar aqueles tortuosos caminhos.

Não sei como esses homens conseguem, sem a menor instrução, viajar de noite por esse rio. Eles sabem todos os seus recantos e quer de dia quer de noite vão, impávidos sem outro pharol que o seu conhecimento do lugar, navegando avante, como um cego transita por dentro de sua própria casa. (RIBEIRO, p. 42)

Ribeiro se impressionava com o conhecimento que os tripulantes da lancha, que os levava até a cidade de Cáceres, detinham sem dominar a ciência e o conhecimento técnico de forma objetiva. A crença no conhecimento científico, seus métodos e teorias, como degrau para o progresso e evolução da nação, era capital aos pensamentos dos intelectuais da época, e tinha, nesse “parêntese”, uma premissa que não contribuía a seu favor. É comumente encontrado durante os discursos dos cientistas esse incômodo causado pelo desenvolvimento de algo a partir de práticas não científicas. A ciência conquistava ares de razão absoluta na disputa pelo patamar de agente do desenvolvimento no mundo moderno, e a submissão, que Ribeiro tinha de passar, àqueles que contrariavam esse fluxo não lhe agradava de forma alguma.

Chegava a Cáceres em 11 de agosto de 1908, uma nova cidade que conhecia e descobria. Possuía uma longa lista de afazeres, alguns mais técnicos mas a maioria eram as necessidades advindas da viagem. Era preciso conferir as malas e os materiais. Pela débil comunicação muitas vezes chegavam às localidades sem conhecer ninguém e sem saber a quem recorrer para auxiliar na obtenção de moradia e auxiliares. O dinheiro era escasso e dificilmente conseguiriam obter maior quantidade. Quanto mais adentravam as profundezas do Brasil mais difícil seria. Geralmente o zoólogo reclamava dos preços para alugueis e alimentação, pela grande movimentação de pessoas que aumentava na região pela existência da CLTEMA, até mesmo vagas em hotéis eram disputadas, a região não estava preparada para o contingente que atingia aquelas terras. A não obtenção de auxiliares, apontada por Miranda Ribeiro pela falta de interesse dos cidadãos por trabalho em alguns casos e também pela existência de endividamentos com o patrão, impossibilitando a dispensa dos serviços iniciais, em outros, deixava o trabalho mais árduo, pois que além de todo o serviço científico de coleta e preparação de materiais ainda tinham as responsabilidades domésticas. Até água precisavam obter, pois sua disponibilidade não era acessível.

Durante os próximos dias de agosto, a equipe de naturalistas dedicou-se a excursões nas cercanias da cidade de São Luiz de Cáceres. Com a conquista de um auxiliar puderam ter dias mais proveitosos para os estudos de campo. Andavam em torno de 16 a 19 quilômetros por dia. A falta de animais que assistissem no transporte dos materiais para a coleta e os capturados dificultava a extensão geográfica da exploração. Num comentário acerca dos animais para carga disponíveis para os naturalistas, Ribeiro se vale do mesmo para enfatizar os esforços à “conquista do sertão”.

Vieram os muares – um prestável e o outro... faria rir ao cavallo de D'Artagnan. Pobre bicho! Porque labores já te fizeram passar? Eis um atestado vivo da penúria e do esgotamento de uma lucta titânica em prol da conquista do sertão! E nós que cuidávamos encontrar em ti um guapo carregador deparamos com um esqueleto vivo de cima do qual teremos que forçosamente retirar os restos de pelle que ainda possues. (RIBEIRO, p.56)

A República brasileira abraçava os ideais dos engenheiros militares que compreendiam o “vazio” e o “desconhecimento” das regiões interioranas brasileiras como uma limitação ao progresso da nação, um avanço que estaria atado ao desenvolvimento técnico e científico nessas áreas. Junto a isso estaria ainda o estabelecimento do poder governamental republicano, atuando na ocupação desses espaços, que significariam a “ampliação” das fronteiras nacionais, por meio da infraestrutura de transporte (ferrovias e rodovias) e comunicação (telégrafo). (MACIEL, 1999, p.2) Nos discursos dos participantes da CLTEMA observa-se a sustentação desses valores, como demonstrado enfaticamente pelo relato do zoólogo.

Os contratemplos continuavam a se revelar. As preocupações iam muito além da ida a campo para a coleta, e aos poucos ia se fatigando. O que inicialmente causava-lhe espanto e curiosidade já tomava ares de insatisfação iminente, como na relação com os trabalhadores locais que atuavam com os naturalistas como auxiliares: “O ideal dessa gente é o ‘Cururú’ (que dura dois a cinco dias) a rede e a comida.” (RIBEIRO, p.67)

Miranda Ribeiro seguia para outras localidades nos arredores da cidade de São Luiz de Cáceres em busca de melhores auxiliares. Passara dois dias viajando numa lancha, foram atingidos por uma tempestade que enchia a embarcação, dormiram no meio do caminho necessitando o revezamento na segurança, pois não podiam confiar na escuridão da mata, e ao final o cidadão que procurava para auxiliar dizia que não interessava o trabalho por “aquelas bandas”, de “bugres” e “febres”. E assim Ribeiro retornava de “mãos vazias” a Cáceres.

Em fins do mês de setembro e início de outubro do ano de 1908, Miranda Ribeiro e seus companheiros ainda caminhavam pelos arredores de São Luiz de Cáceres, seguiam as explorações em grutas, Quilombo, Loca da Onça, Pirizal e Fazendinha (a poucas léguas a nordeste de Cáceres), Paratudal e Tucum (uma distância maior, 13 léguas ao sul da cidade). Nesta última excursão, por sua larga extensão, se preparavam de forma mais eficiente. Além do zoólogo e do botânico tinham mais três auxiliares, um responsável por guiar a equipe, outro pela cozinha e cuidado dos animais que assistiam ao zoólogo na caça, e um cargueiro para os alimentos e os materiais de tratamentos das coletas.

Em meados de outubro, Ribeiro deveria seguir, conforme indicação da “Direção Geral dos Serviços da Linha Telegraphica”, para a região da “mata da Poaya”, pelo rio “Sepotuba”, após os trabalhos em São Luiz de Cáceres. Contudo, o zoólogo acreditava ser conveniente primeiramente fazer o reconhecimento da região ocidental donde se estabelecia o rio Jaurú, e assim Miranda Ribeiro seguiu inicialmente esse rio das águas revoltas, “correntoso e fundo, sinuoso e atravancado de vetustos troncos”.

A viagem nesse trajeto se manifesta como uma verdadeira aventura a favor do domínio (do conhecimento científico e) das longínquas regiões da nação. Seguia-se o caminho numa lancha que todos os dias apresentava problemas, e somente a destreza do próprio marinheiro fazia retornar os trabalhos da embarcação. Uma viagem contra a correnteza, que deveria durar 15 dias, duraria 25. Quando a lancha parava era levada pela força d’água e com perigo de ir a pique. Os materiais e comida eram programados, e iam se acabando, muitas chuvas encontravam no caminho, não havia finais de semana ou folgas para o trabalho. Quando se percebia a presença daquele espécime ainda não possuído, a qualquer hora, era necessário o esforço para sua aquisição. A realidade da vida no Pantanal ia-se desvelando, a insuportável presença de mosquitos na hora do descanso ou mesmo da alimentação. O cansaço consumia a empolgação primeira, todavia não extinguia o desejo do conhecimento.

Ainda hoje os mosquitos não me deixam jantar. Fujo para o mosquiteiro, armado á beira do rio, no pouso aberto a facção. Há receios de onça, por isso deito-me completamente preparado para qualquer emergência. (RIBEIRO, p.94)

(...) além de tudo, como é desagradável deitar-se a gente com a roupa com que andou durante o dia! Para cumulo das nossas contrariedades o local era o reino unido dos carrapatos rodeleiros. (RIBEIRO, p.85)

O corpo sente o percurso, os pés não aguentam mais as botas, assim como elas não toleram mais os pés que as sovam. O corpo reage à falta de comida, o ar parece faltar naquele extenso cerrado, caminhando debaixo do sol, do clima úmido e quente, o corpo pede para

parar, e vai cessando. Mas é necessária a busca de alimento que não foi suficiente aos imprevistos do trajeto.

É realmente penosa uma viagem assim, rompendo pelo mato onde se deve abrir passagem a facão, carregado de objetos indispensáveis mas cujo peso não está em relação com as suas funções. E todo molhado já pela segunda vez o Salomão me falha com a sua pericia de administrador. - Amanhã de certo deverá terminar o açúcar e não ha três dias que deixamos o posto onde está a tolda. (...) Já prevejo que tenhamos necessidades mais cedo do que seria o natural. E, se as chuvas apertarem será um nunca acabar de molhadelas. Estou escrevendo dentro do mosquiteiro que, está todo molhado, exalando a mofo. Salomão enganara-se ainda quanto as Água-Limpa. Foi hoje que o transpusemos; chegaremos amanhã ao Salto? Veremos. (...) Estou cochilando sobre o papel; vou ver se descanso.” (RIBEIRO, p. 127)

O relato é construído de forma a impressionar pelos imprevistos decorridos. É necessário demonstrar as angústias sentidas, assim como o receio gerado pelas incertezas das situações futuras. Tudo isso é necessário como uma passagem de iniciação aos viajantes, a verdadeira viagem a campo era constituída por esses entraves, e o relato deveria realçar esses momentos, como é percebido durante toda a narrativa.

O dia foi de sol e calor e assim sendo não faltaram as abelhas principalmente os intransigentes Freceiros; é querer uma pessoa fixar qualquer cousa e o bichinho – zaz – cahe dentro do olho, cuja pupila ele pensa que é um buraco de pão podre ou cousa que lhe valha de casa. Santo Deus de Misericórdia! E os borrachudos? Pescoço, pés e mãos não lhes escapam; tendo tido camaradas com os pés inchados pelas mordedura d’essa praga. (RIBEIRO, p. 130)

Pegavam chuvas todos os dias, sempre dormindo molhados, só conseguiam secar a roupa na manhã seguinte. Com as dificuldades de manutenção da lancha decide que a melhor opção era seguir a pé, cada um carregando 17 quilos. As condições de alimentação e água já tornavam a saúde débil, usualmente se sentia mal. Sentindo muito frio, suspeitava de febre. Ainda tendo muito a conduzir, o zoólogo se tratava e continuava relatando suas observações. Fizera o levantamento do Rio Jaurú e assim como deixava materiais coligidos nas principais cidades para serem enviados a capital fazia o mesmo com páginas do diário.

E em 31 de março de 1909, com a simples lembrança de que já fazia um ano de sua colocação à disposição pelo Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, chega-se ao final do encadernado do zoólogo Miranda Ribeiro. O que compreende-se como apenas o final de uma parte da viagem pois que Ribeiro nos deixou duas pequenas cadernetas, o caderno Patrick 1º e o caderno “Do Madeira ao Amazonas”, praticamente completando o período de

viagem do naturalistas. Somente alguns dias não são retratados por estes materiais que se analisa aqui.

Uma hipótese é que a partir de maio de 1909 Ribeiro segue uma viagem mais escassa e penosa, o que não permitiu a escrita e envio de partes do relato para a capital durante seu trajeto. O pesado percurso que percorreria a começar nesse instante permitiria apenas transporte de pequenas cadernetas, e nelas seriam descritos acontecimentos, comentadas determinadas situações, assim como desenhados espécimes de plantas ou animais, tudo em um único objeto. (ANEXO 1)

Uma primeira caderneta pequena descreve os dias 23 de maio até 7 de junho de 1909, a partir daí temos o recomeço do relato, momento em que Miranda Ribeiro chega ao acampamento da CLTEMA na região do rio Juruena, onde se encontrava o chefe da comissão. Lá se organizava uma nova expedição de exploração do sertão do noroeste de Mato Grosso que seguiria um trajeto, “cerca de 100 léguas” não antes percorridas. Alípio de Miranda Ribeiro foi um dos principais auxiliares dessa comissão que seguia à Serra do Norte. (MISSÃO RONDON, 2003, p.99)

Nesse período Ribeiro começa a se relacionar com maior proximidade aos indígenas, tem como ajudante quatro índios da etnia Pareci, e visita aldeias abandonadas naquela cercania, o que possibilitou o recolhimento de materiais indígenas e a descrição da estrutura das malocas. Nessa passagem o zoólogo retrata uma série de lendas pareci que representam relações entre os animais (ANEXO 2). Também pode obter informações acerca de venenos, produzidos com plantas, para serem colocados na ponta das flechas.

O momento é de desgaste intenso, o zoólogo descreve não apenas seus problemas de saúde. O geólogo Cícero de Campos se retirava da expedição por conta disso, e o próprio chefe da CLTEMA sofria com constante febre.

Entretanto não há animação – falta no rosto dos que vão partir, a nota dominante do entusiasmo, com que devia encetar esse empreendimento. Os Parecis nos abandonam. Apenas o Major Libano vem ...³⁶

A outra pequena caderneta retrata um período bem mais longo, 8 de junho a 31 de agosto de 1909. Em 100 páginas miúdas letras subiam e desciam linhas, contornavam desenhos, com o desígnio de representar a laboriosa missão de atravessar as matas do interior brasileiro. Seguiriam até o acampamento de Campos Novos, o último estabelecido no ano de 1908, avançando pelo Planalto dos Parecis. Assentaram uma fazenda para invernada, “Retiro

³⁶ Trecho referente ao dia 2 de maio de 1909 encontrado no manuscrito “Caderneta de Campo I”

do Veado Branco”, e novos acampamentos como São João da Serra do Norte e Comemoração de Floriano. Miranda Ribeiro foi solicitado pelo chefe para escrever as placas dos marcos dessas novas fundações, que continham nome, datas e a localização. (ANEXO 3)

Esse trecho da viagem representado na segunda caderneta chega ao fim no rio da Dúvida³⁷. Foi um percurso caracterizado por intenso trabalho e excessivo cansaço. No início o próprio Rondon se encontrava febril, lembrando que o dia daqueles homens se restringia a andar de baixo de sol, dormir molhados de chuva e alimentação reduzida, como enaltecido no relato. Ribeiro sentia frio à noite e tinha as pernas inchadas, contudo sentia grande satisfação em ter Rondon como companheiro em diversas caçadas.

O então Coronel Rondon, atuava diretamente em diversas frentes, produzindo o mapeamento da região, com detalhamento dos rios, era responsável também pela coleta de material etnográfico, e não omitia seu interesse por todas as atividades relativas às ciências naturais, auxiliando o zoólogo em suas notas, informando sobre características de animais da região. Rondon sabia do desejo de publicação do diário do zoólogo e faz sugestões do quê e como construí-lo, como no trecho onde Miranda Ribeiro reproduz a fala do chefe sobre sua bebida a base de guaraná: “no seu livro, há de aconselha-lo aos viajantes, logo no prefácio.”

Além das penosas caminhadas a presença de indígenas tendia a incomodar Ribeiro e grande parte dos trabalhadores como relata com certo receio:

O Major (índio) trouxe indicações de que havia a 2 léguas d’aqui uma maloca grande, ele não a viu, mas julgara pelos indícios de sua proximidade e possivelmente não se aproximara – esta foi a notícia de ontem. Também esse índio notara que os da região vieram nos examinar, pois as suas pegadas estão próximas do nosso acampamento. O Coronel recomendou cuidado e impede que façamos uma visita a dita maloca.³⁸

A região da Serra do Norte, território de índios nambikwara, pouco foi desenvolvida no conhecimento e contato com seus habitantes. (SANTOS, 2011, p.73) Essa expedição apenas cortara a região, mantendo ainda muito suspeitas as ideias sobre aqueles indígenas. Para esses homens que se encontravam em região desconhecida e detinham notícias de ataques indígenas a emissários da CLTEMA, essas suspeitas eram mais um elemento na construção de suas experiências e sensações. Nas palavras de Ribeiro percebe-se a insegurança que pairava pelo acampamento. E o mesmo relata que qualquer demora numa

³⁷ O rio da Dúvida é percorrido durante o ano de 1914 na famosa Comissão Roosevelt-Rondon, com a participação do ex-presidente norte-americano Theodor Roosevelt, tornando-se rio Roosevelt após a conclusão da expedição.

³⁸ Trecho da caderneta de campo II de Alípio de Miranda Ribeiro em 2 de julho de 1909

caçada já proporcionava temor naqueles que se encontravam no acampamento. A suspeita de um ataque era iminente.

Apesar da suspeita não encontramos no relato nenhuma ocorrência de ataque indígena na presença do zoólogo. A proximidade com essas questões proporciona reflexões do autor acerca das questões etnológicas, mesmo que em determinado momento considere que não são questões de seu interesse.

Eu considero todos eles eguais, isto é do mesmo grupo. A minha opinião está baseada na forma das casas subsféricas, dos ranchos em meio d'agua, da identidade das flechas cujas penas negras são constantes e cujo ornatos são mais ou menos eguais no dormir sobre o solo e na cor escura de sua pele.³⁹

Assim, Miranda Ribeiro é envolvido nas diversas atividades e questões que surgem da experiência da viagem. Fala de índios, de animais e de políticos. Se esgota, se machuca e passa fome. Toma afazeres de desenhista e fotógrafo nos momentos necessários, até medicação sugere aos doentes que não tinham o doutor por perto.

As notas de Ribeiro retornam ao dia 25 de outubro de 1909, em seu caderno “Patrick 1^o”, sobre a excursão no rio Pimenta Bueno. As dificuldades advindas dos últimos meses, onde se embrenhavam na Floresta Amazônica de complexo acesso, impulsionam o chefe da Comissão a dividir a tropa em três grupos, já que teriam de continuar seguindo cada qual com as cargas nas próprias costas, pela maior dificuldade do trajeto para os muares e pela própria saúde dos mesmos. A época das chuvas se aproximava e quanto menor o grupo com maior eficácia seguiriam por cordilheiras até as cercanias da nascente do Jaci-Paraná, em busca da tropa do Capitão Pinheiro⁴⁰. Outro ponto eram os doentes e feridos que não suportariam a travessia a pé. Dessa forma Ribeiro e mais 13 pessoas seguiram na “Colombo”, canoa recém construída por excursionistas para a exploração do rio.

O levantamento do rio era feito pelo Tenente Alencarliense, mas Miranda Ribeiro além da pesquisa zoológica mantinha-se como um auxiliar do estudo do rio, como é possível verificar em seu minucioso relato dessa expedição. Em novembro o grupo se transfere a outra embarcação seguindo para a região de Calama, para alcançar a cidade de Manaus, onde deveria informar o paradeiro do Coronel Rondon.

Esse trecho da viagem revela o cansaço dos participantes da Comissão, muitos estavam doentes, alguns melhoravam e outros iniciavam uma deficiência na saúde. Miranda Ribeiro teve de tomar para si o levantamento do rio já que o Tenente foi cometido por

³⁹ Trecho da caderneta de campo II de 21 de agosto de 1909 sobre os índios Juruena e das regiões que passavam.

⁴⁰ Ver: MISSÃO RONDON, 2003.

violenta gripe. O zoólogo também buscava informações sobre os indígenas da região, contudo recebia relatos que considerava não confiáveis.

A 11 de novembro de 1909 Miranda Ribeiro continua a viagem apenas com um piloto e um ajudante, pois que a saúde impossibilitava a continuidade do tenente, levava apenas o indispensável, como o mosquiteiro e suas “cadernetas”. Já percorrendo as águas do “Gy”⁴¹, a exaustão toma conta de quase todos os integrantes, que facilmente se machucavam e/ou adoentavam-se. Ribeiro teve até de tomar o posto do remador, que também se sentira mal durante alguns dias, o que contribuiu para seu cansaço extremo.

Mas nem o café nem a vontade de ficar acordados nos bastavam para que sustentássemos as nossas intensões; por altas horas surpreendi me de um somno profundo.

(...) tendo dormido os barqueiros vencidos pelo cansaço a embarcação boiara, rio abaixo.⁴²

Após esse episódio o grupo se depara com o rio Preto, o que significava a proximidade com o rio Madeira, que o levaria a cidade de Manaus. E, dessa maneira se despede, dando “um sincero e grato adeus ao generoso Gy”.

Seu último caderno de campo contém o percurso final da viagem ao interior do Brasil, com o título “Do Madeira ao Amazonas”, e um primeiro, e único, subtítulo: “Calama”⁴³. Quando no mês de novembro de 1909, Miranda Ribeiro, deixando o “Gy-Paraná” e seguindo pelo Madeira, chega à cidade de Manaus, pegando sua última embarcação, o navio “Brasil” do Lloyd, que seguiu pelo norte e nordeste brasileiro retornando ao ponto inicial da viagem, a cidade do Rio de Janeiro.

O zoólogo sai em 20 de novembro de Calama, num belo e apinhado navio, demonstrando toda sua impaciência nas páginas finais de seu relato, quando desejava que o navio não mais parasse, o que ocorrera durante todo o percurso (seis dias) até Manaus, para recebimento da borracha, produção que se encontrava em intenso desenvolvimento. Miranda Ribeiro por mais desejo por seu retorno ainda relatou os costumes do mercado da borracha, já que muitos dos passageiros faziam parte desse negócio extremamente intenso no rio

⁴¹ Ji-Paraná, atualmente, é um município do estado de Rondônia, nomeado pelo seu famoso rio Ji-Paraná ou rio Machado.

⁴² Trecho do caderno “Patrick 1º”, página 26 e 27.

⁴³ Calama é hoje distrito do município de Porto Velho, região de população ribeirinha da Amazônia, e se encontra na margem direita do rio Madeira, na divisa entre o estado de Rondônia e do Amazonas, por sua distância (200 quilômetros) da capital Porto Velho, segue estreitas relações com o município de Humaitá no Amazonas. No início do século XX Calama era região que se estabelecia pelo desenvolvimento da produção de borracha, e se tornava, como relatado por Miranda Ribeiro, local de estadia de trabalhadores relacionados a extração da seringa e exportação da borracha.

Madeira, chegando a comparar esse rio ao Ganges na Índia no que condiz a sua fama. Entre outros assuntos que rondavam esses indivíduos e que chamaram a atenção do zoólogo estavam as histórias com os índios Parintintim. As histórias buscavam um certo terror àqueles que escutavam, mas Ribeiro buscou, numa atitude mais cética, demonstrar que não era tão difícil combater esses indígenas, e que essas narrativa que se diziam verídicas tinham um traço de exagero.

Em 23 de dezembro Miranda Ribeiro deixava a cidade de Manaus no “Brasil”, agora poupando intensamente suas palavras, em alguns momentos apenas indicando o dia e o local onde aportara: 26/12 no Pará, 29/12 em São Luiz do Maranhão, 31/12 no Ceará, dia 1º de janeiro de 1910 em Natal, 3 em Pernambuco e 5 em Maceió.

A viagem de retorno nos navios “Sapucaia” e “Brasil”, que direciona Ribeiro a seu ponto de partida, conduz o zoólogo a experimentação de lidar com estrangeiros e com os brasileiros, “mulatos” e “caboclos”, em suas palavras “gente sadia e gente cachética”. O zoólogo encarnava mais uma vez o antropólogo que vivenciava o dia a dia da embarcação que continha tantos rostos com diversas cores e assuntos, e ele ali, numa observação participante, encarando agora a vida na civilização após os seis meses de viagem onde só vira “florestas” e passara “os rios a canoa”. A viagem de retorno igualmente encaminhara o naturalista à sua casa e aos seus. O navio “Sapucaia” trazia a lembrança da ilha⁴⁴ com mesmo nome na cidade do Rio de Janeiro, e por conseguinte a saudade cada vez mais acentuada. A mistura de identidades, assuntos e objetivos encontrados na embarcação, uniu-se à saudade, ao cansaço, e ao tempo livre para reflexão, agora que achava-se apenas à espera da casa. Pode compreender, à sua maneira, o Brasil que delineava-se ali, com seus trabalhadores da borracha e índios (não tão) vingativos. O que começara com lindas uruguaias terminava com negociantes seringueiros lhe permitindo a completa viagem ao redor do Brasil.

A viagem em volta do Brasil propiciou ao autor os diversos comentários a partir das digressões geradas pelo contato com extremos, em modelos comparativos que se tornam peças primordiais na construção do relato. De maneira geral a comparação, mui cara aos viajantes, é proporcionada pela visão de mundo ao qual o viajante pertence e do mundo com que se depara. Ribeiro vivencia isto logo na parte inicial do percurso, quando conhece cidades das nações vizinhas sul-americanas e seus cidadãos. Nesse instante o naturalista reflete, como

⁴⁴ A Ilha de Sapucaia se localizava na Baía de Guanabara e foi aterrada na década de 1950 para a formação da Ilha do Fundão. Atualmente a ilha é tema dos estudos de temática ambiental por ter sido local de despejo do lixo da cidade. Ver: SEDREZ, 2011. Disponível em: <http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh4/palestrantes/palestrante%20LISA%20SEDREZ.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2012

representado pelos trechos citados nas páginas, 40 e 41, partindo do confronto entre a realidade brasileira e a estrangeira, essencialmente no que tange aos indivíduos e suas perspectivas socioculturais. Entretanto o que apresenta-se aqui como fundamental para a produção que se analisa é o modelo comparativo aplicado no próprio Brasil. A partir desta análise se observou o produto desta comparação nas representações da natureza brasileira e no próprio ser brasileiro.

O exemplo da chegada do zoólogo à cidade de São Luis de Cáceres é ilustre à argumentação a respeito da comparação entre o homem (e seu produto) e a natureza. Sua análise acerca da cidade é categórica e exemplar apresentando seu pensamento comum a muitas cidades do interior brasileiro que passava.

Bem delineada, porém muito mal construída, com as ruas sem calçamento e muitas casas de pau a pique e reboque. Como em Corumbá, o forro do teto é coisa que não se usa. Apenas os caibros e ripas (quando não sejam taquaras) são sarrafos dispostos com symetria para que as telhas, caiadas de branco no lado que fica para dentro da casa, façam as veses de forro com aspecto mais descente. São pois cobertas de telha vã, como dissemos no Rio de Janeiro. O soalho de madeira é também uma cousa rara - (...)

As ruas são de largura medíocre. (RIBEIRO, p. 46-47)

Observa-se sua crítica aos materiais e práticas da construção das casas, o que é considerado aqui nesta pesquisa como uma parte do que abarca o homem em termos de análise e descrição na narrativa do naturalista, são produtos da criação humana. Ribeiro tem um olhar específico tanto para os homens, cidadãos brasileiros, que se assemelha bastante ao modo como observa as construções (ou produções) humanas. As criações do homem não podem ser díspares ao que o próprio homem apresenta de si mesmo. No caso de Cáceres encontra diversos problemas na cidade onde alega falta de meios para a instrução e infortúnios quando da ocorrência de chuva. Além da preocupação veemente com o que chama de “falta de estética” nas cidades.

Sobre os cidadãos Ribeiro igualmente apresenta sua opinião, a princípio não tão depreciativa, entretanto, seguindo seu comentário demonstra seu espanto com o grande número de indivíduos que não são, em seu entendimento, afeitos ao trabalho, considerando ainda este posicionamento como algo irreversível, por seu caráter genealógico. Dessa maneira apenas a vinda de homens habituados ao trabalho, imigração, se apresentava como solução, opinião típica da intelectualidade da época.

Em alguns momentos do texto Ribeiro deixa transparecer seu pensamento baseado nas ideias raciais difundidas no século XIX que geravam o certo desejo pela imigração como

solução. A raça agora era tida como importante quesito para se alcançar a civilização (compreendida pela sociedade branca europeia) e o início do século XX foi espaço para apresentação de soluções para o futuro da nação que detinha as raças negra e indígena como habitantes. (KEULLER, 2008, p.63)

Aprecio os cacerenses, acho-os virtuosos e simples. Nas classes menos favorecidas há entretanto um certo desprezo pelo trabalho que me faz pasmar. Não há pressa para nada e a promessa de recompensa não os move. É certo entretanto que há bons trabalhadores aí; esses porém são habilmente segurados pelos abastados conhecedores dessas dificuldades mato-grossenses. Realmente, Mato Grosso é um dos estados brasileiros que mais carece de braços; o governo deve envidar esforços para caminhar para aí uma forte corrente imigratória. (RIBEIRO, p.52)

Essa vertente não era a única opção desenvolvida pelos interessados, alguns acreditavam na inserção do índio como mão-de-obra, contudo Miranda Ribeiro parece seguir uma corrente existente desde as décadas de 1880 e 1890 no Museu Nacional, assim como teóricos raciais da época, que compreendiam nas raças negra e indígena certa inferioridade. A partir das ideias evolucionistas, iniciadas pela teoria da evolução das espécies de Darwin, foi possível estabelecer intensas relações com estudos voltados à sociedade e sua origem, logo os pensamentos acerca da evolução social foram intensificados numa nação marcada pela formação miscigenada de seu povo e pelas afirmações de inferioridade racial e de insucesso para a mistura dessas raças. Estudos dos diretores Ladislau Netto e João Batista Lacerda apresentavam a afirmação da possível hierarquização das raças pela inferioridade de algumas (negra e indígena), entretanto será Lacerda a preconizar o fim dessas raças inferiores onde a raça branca, mais forte e adaptável, predominará, encontrando conforto a propagada ideia de fracasso da nação brasileira (GUALTIERI, 2008). Ribeiro, recorrendo a esses pensamentos, acreditará na imigração europeia como forma de agilizar este processo de branqueamento da nação.

Entretanto sua narrativa toma outro tom ao descrever a natureza local.

N'uma coisa Caceres é única; nas flores. Não se pense que fallo de flores delicadas, em plantas pequenas e de jardim, como sejam os cravos, as rosas, etc. Não: as flores de Caceres são nativas do logar e dão em árvores maiores que uma jabuticabeira grande. (RIBEIRO, p.48)

Assim como em outras paragens dessa viagem o zoólogo consegue encontrar a beleza singular na natureza, sem grandes esforços a natureza brasílica se apresenta prontamente nas áreas mais longínquas desse país. Ribeiro continua a revelar a variedade dessa flora carcerense que possui Tarumã, “piúva de cerne vermelho”, “flores amarelo ouro”, “piúva

roxa”, “caroba de flores azuis” e o “pau de novato”, como descrito no relato. A multiplicidade de tipos e cores, essa exuberância e preciosidade identificada pelo zoólogo é a merecedora dos mais belos elogios, com toda a criatividade poética que não percebida em outros temas no diário, a não ser a natureza.

As ruas de Caceres ostentam exemplares lindíssimos dessas arvores soberbas. Pela época das flores ellas se despem das folhas e se transformam em flores; são outras tantas mulheres que conscientes de sua belleza canônica se despem de ativos e trajes para se mostrarem em todo o esplendor de sua formosura. (RIBEIRO, p.48)

A flora e fauna brasileiras além de receberem numerosos e enfáticos elogios, abundantes e esparsos na narrativa de Ribeiro, são construídos frequentemente através de analogias, como a presente no trecho acima citado, onde o autor identifica nas flores uma alma feminina. Mas uma identificação primordial dessas analogias no relato se dá numa relação com a arte. É fácil perceber durante a narrativa diversos elogios a natureza utilizando-se da analogia com elementos artísticos.

Contorna-os o Paraguai pela esquerda e ai é mais estreito e mais profundo. A aurora estava realmente sublime; que suavidade de colorido! É um colorido nefelibatamente azul, mas de um azul opalescente, tão suave e tão impressionante, quer nos contornos arredondados das margens do rio, quer na superfície untuosa das águas que a vista não se cansa dessa tela natural. Que fascinação! Eu havia proclamado, para mim, que as auroras e os crepúsculos de Abril no Rio de Janeiro eram os mais belos do mundo – pois achei aqui auroras tão sublimes que não posso deixar de considerá-las eguaes ás do Rio. É impossível descrevê-las; talvez mesmo um mestre na pintura não conseguisse reproduzir de modo satisfactorio aquele tom diáfano, vaporoso, daquelas cores suspensas, todas subordinadas á totalidade glauca, dominante que depois se foi esvaihindo para o violeta e o róseo com a aparição do sól; (RIBEIRO, p.33)

Aqui Ribeiro coloca a paisagem como uma pintura em tela, mas considera-a algo a mais, pois é a “tela natural”, onde nem mesmo um artista criaria algo tão belo, mesmo que tentasse copiar. Um pintor não conseguiria representar tamanha beleza que é a natureza, mais bela que o belo, que a arte, é a arte natural. Miranda Ribeiro encara a natureza como algo além da arte, próxima, contudo, mais perfeita e impressionante.

Para Alípio de Miranda Ribeiro o diário de viagem possui algumas representações. Fundamentalmente representa sua noção de Brasil. A escrita da narrativa consolidava a experiência de uma viagem a campo, prezada pelo naturalista, como uma consolidação de sua identidade enquanto um naturalista **brasileiro**.

Ribeiro constrói seu relato de viagem, atravessando o Brasil de lado a lado, da ponta de Mato Grosso até a cidade de Manaus, saindo do Rio de Janeiro, circundando todo o sul do

país, e retornando pelo nordeste, passando pelas cidades de São Luís do Maranhão, Natal e Recife, e retornando, chegando a casa e saindo da viagem, fechando a circunferência, o círculo, redondo, *ao redor*. Rodeando e atravessando o território, assim se faz na trajetória, mas não somente, pois não atravessa apenas o espaço, atravessa também o tempo, pois somente *através* do tempo Ribeiro é capaz de constituir seu relato. Assim define sua forma de narrar, “observa a ordem natural dos fatos através dos tempos”. A importância do tempo para uma narrativa dessa natureza, que valoriza dia após dia, de instante em instante, onde cada experiência vivida pode refletir em um pensamento qualquer. Os usos para a expressão do título não terminam por aqui, ‘através’ é igualmente a ‘por meio de’, e é por meio dessa viagem, dos materiais encontrados, das experiências colhidas, das verdades criadas que o naturalista constrói seu relato de viagem e acima de tudo sua representação de Brasil. Comparando natureza e homem, buscando (des)cobrir a ciência ainda não conhecida e criar um homem nacional, procurando construir um Brasil.

2.1.2. UM NOVO HOMEM: RONDONIA

*“Salvo os typos de escolha, que representam a
humanidade do futuro, os homens cultos do Planeta mostram-
se índios de pelle branca, cobertos por uma crosta, mais ou
menos espessa, de verniz brilhante.
Si é que não irrogo uma injustiça aos pobres índios,
que nem palavra créaram para o “altruísmo”, e, mais de uma
vêz, têm realizado, apezar de tudo, aquillo que elles não sabem
que se chama – “solidariedade humana” – e que nós outros
sabemos bem como se escreve e como se não pratica.
Um dia, quando nada mais houver a melhorar, o
homem culto acabará, eu o creio, aperfeiçoando-se a si
mesmo.”⁴⁵*

O título da obra concebida a partir do relato de viagem de Edgard Roquette-Pinto quando participa, em 1912, da CLTEMA, tem grande representação em duas primordiais perspectivas para sua obra: referencia o homem que chefiava aquela missão e abria caminho para um sem-número de outros conhecerem aquelas terras e, os novos velhos homens, os constituintes da *Rondonia*, os quais o antropólogo dedicou notável esforço para uma compreensão científica, e que impulsionaram no autor reflexões acerca de sua própria sociedade. Assim o termo é uma homenagem ao líder da empreitada nas matas brasileiras,

⁴⁵ ROQUETTE-PINTO, Edgard. *Rondonia: anthropologia – ethnografia*. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. p. XI-XII

considerado por Roquette-Pinto como um indivíduo de valor imensurável por sua dedicação ao Brasil e a seus cidadãos, e igualmente distingue toda aquela região, especialmente seus habitantes, índios e sertanejos, que representam um distinto caminhar para os homens do Brasil.

A trajetória de Roquette-Pinto é iniciada em 22 de julho do ano de 1912. Saindo igualmente da então Capital Federal, o antropólogo saciava sua impetuosa expectativa que prolongara por mais ou menos um ano. Roquette-Pinto já discorria com Rondon, pelas correspondências trocadas, sobre sua participação na CLTEMA desde o ano anterior (SANTOS, 2011, p.70). Além do mais, havia tratado os materiais etnológicos advindos da mesma nos anos de 1910 e 1911. Agora o antropólogo se encontrava a caminho do admirável mundo que conhecera apenas por meio das falas daqueles que retornavam e dos materiais que lhe chegavam às mãos.

Seguindo o percurso fluvial costumeiro ainda naquele momento, assim como Miranda Ribeiro, Roquette-Pinto perpassa capitais sul-americanas como Montevideú e Assunção, e avança pelo rio da Prata, no antigo vapor denominado “Ladário”, até Mato Grosso. No mês de agosto já transpunham a fronteira entre o Brasil e o Paraguai pelo rio Apa.

No interior brasileiro o antropólogo passou pelas cidades de Corumbá e São Luiz de Cáceres e ao final de agosto alcança Tapirapuan, local onde a CLTEMA mantinha um posto de abastecimento de onde saíam os materiais necessários a caminho do posto da Comissão. O trajeto principal das tropas de abastecimento se dava de Tapirapuan para Juruena, depois Campos Novos e concluindo em José Bonifácio, localidade onde se encontravam as construções, percorrendo as regiões de Aldeia Queimada (posto da Comissão) e Vilhena. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.66)

O relato de Edgard Roquette-Pinto se detém em grande parte à localidade de Aldeia Queimada, quando inicia contato direto com índios Pareci que já mantinham relações com os excursionistas da CLTEMA. E na continuidade de seu trajeto até José Bonifácio, quando mantém relações com os tão esperados índios Nambiquara.

A obra “*Rondonia*” se divide em 10 capítulos, com uma pequena, mas categórica, apresentação inicial e anexos de vocabulários dos grupos indígenas, notas explicativas, índice alfabético, e de figuras, estampas e fonogramas ao final de suas páginas. Esta estrutura sofre alguma variação conforme a edição.⁴⁶

⁴⁶ Nesta pesquisa foram consultadas algumas edições da obra de Edgard Roquette-Pinto, contudo as referências serão feitas à 7ª edição de 2005, que remete à edição de 1917 dos *Archivos do Museu Nacional*.

Na Apresentação e nos três capítulos iniciais identificam-se dimensões fundamentais do pensamento de Roquette-Pinto e de que forma deve-se acompanhar seu texto. Nesta etapa exordial é possível observar também uma intensa preparação para a trajetória comum às viagens e aos relatos das mesmas.

O trecho a seguir transmite as intenções do autor com a produção deste objeto, inicialmente se colocando na categoria de homem de ciência que está para “servir” sua nação a partir da produção e divulgação do conhecimento, retirando de si o encargo de uma escrita fundamentalmente sublime como os gêneros literários. Entretanto ressalta o quão importante podem ser alguns detalhes ali descritos para aqueles que pretendem enfrentar semelhantes jornadas. Acreditando igualmente na continuidade dos trabalhos em campo e na relevância da propagação de tudo o quê o constitui.

Reconheço que são, aparentemente, ociosos alguns detalhes desta narração, que, afinal, nada apresenta de maravilhoso. Todavia, escrevo para documentar e divulgar. Escrevo para archivar e servir.

Há minúcias aborrecidas para quem toma de um livro afim de se recrear, ou para quem procura apenas uma nota.

O mesmo leitor, em outras circunstâncias, daria uma fortuna para conhecer essas pequenas cousas. A mais corriqueira informação póde servir a outrem de um modo indizível. Vale pela experiência que encerra, trabalho que poupa, tranquillidade que proporciona, habilitando outro transeunte a prever uma série de condições.

Tive a felicidade de achar um guia experimentado, já o disse; outros não a terão. Que aproveitem as informações aqui registradas. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 63)

Roquette-Pinto perpassa ainda pelos pensamentos relativos à humanidade, aos índios da Serra do Norte e ao Coronel Rondon, o que será pormenorizado mais a diante. Nesse momento preliminar é observada a construção de um pensamento que encaminha o leitor ao que virá, dialogando com a obra como um todo, inclusive suas conclusões. Assim compreende-se a introdução como uma composição posterior à conclusão da viagem e da obra, refletindo novamente acerca da viagem não linear que a própria construção do texto remete.

De tal maneira o antropólogo apresenta pontos cruciais de seu estudo acerca de “seus” índios, compreendendo que há muito o quê fazer no futuro. As informações obtidas foram em larguíssima escala, mas o cientista teve um tempo relativamente curto para tanto conhecimento ainda pouco estudado. Roquette-Pinto descreve brevemente o trabalho de observação ao qual se submeteu levando em conta que outros terão que continuá-lo, contudo aponta igualmente ao fato de que a permanência daqueles que irão desenvolver os estudos,

convivendo com os indígenas, será também uma forma de diluir os materiais de estudo, já que o convívio, que depende das trocas, acarreta no desaparecimento de alguns costumes e surgimento de outros, como relata Roquette-Pinto, “os machados de pedra não existem mais na Serra do Norte; cada índio já possui machado de aço.” (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. XIV)

A intenção do antropólogo foi tirar um “instantâneo”, como o próprio diz, ou uma fotografia, da situação desses índios antes que o contato com o desenvolvimento modificasse de forma profunda aquela sociedade e seus costumes específicos, o que no entender do autor ocorreria inevitavelmente. Destarte as intenções de Roquette-Pinto estavam diretamente voltadas na apreensão da sociedade indígena daquela região como forma de conhecimento do passado, ao recolher a imagem presente “sem retoques”, com suas “sombras” e “contornos” originais, que já se tornava passado, porém possibilitando reflexões sobre os homens futuros.

A preparação para o campo mencionada há pouco concerne além de um aparato material ainda o aparato mental relativo ao conhecimento e estudo da região que se irá percorrer. Logo Roquette-Pinto demonstra largo conhecimento do que existia acerca do território que iria avançar.

Iniciando a exibição de seu conhecimento referente à localidade, o antropólogo faz um elogio a Mato Grosso, evidenciando as interessantes características que constroem o território que se situa entre dois “sistemas”, o platino e o amazônico. Revela o desenvolvimento que a ciência tem prestado à região juntamente ao esforço sertanejo. Apresenta uma densa historiografia do território mato-grossense, recordando a invasão das terras por paulistas e a relação com a Companhia de Jesus, uma explicação para o início da utilização do nome e a criação do estado.

A pesquisa feita buscou também compreender avanços referentes ao contato com os indígenas, quem e o quê haviam encontrado, para avaliar o quanto tinham avançado com esse empreendimento. Utiliza-se de diversas produções de séculos passados chegando a transcrever durante algumas páginas a íntegra de relatos de viagem do Arquivo do Conselho Ultramarino referente à correspondência do Governador de Mato Grosso (1777-1805) que se encontrava no “Arquivo do Instituto Histórico” (IHGB). Assim o autor desejou determinar o que poderia esperar encontrar, se atentando de maneira mais hábil às modificações e permanências que encontraria referentes aos povos indígenas.

A partir dessa pesquisa Roquette-Pinto caracteriza como “incertas” e “nevoentas” as informações até o momento fornecidas. Verifica a falta de informações sobre o povo Nambiquara, apontando diversos erros e questionando o nome atribuído a esse tribo, pois que

a mesma nomenclatura era utilizada para nomear diferentes grupos que nem mesmo reconheciam o termo.

O primeiro capítulo da obra de Edgard Roquette-Pinto tem por finalidade justificar a importância da CLTEMA, já que antes dela existiam poucas e questionáveis informações, como o antropólogo demonstra através de sua extensa pesquisa.

De tudo isso que aqui fica se conclui que antes das expedições brasileiras, de 1907 até hoje, não existiam senão vagas notícias sobre os índios da Cordilheira do Norte, a população primitiva a mais oriental do continente Sul Americano; e também ficam apuradas as migalhas dos conhecimentos que possuímos sobre a bacia formidável do Juruena. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.24)

Isto posto, utilizando-se de célebres escritos mais antigos, coloca seu trabalho de apresentação da atuação da CLTEMA como essencial na construção do conhecimento do Brasil, primordialmente ao que se refere aos índios daquele território.

O segundo capítulo de *Rondonia* introduz Rondon e a construção do telégrafo ao conhecimento do leitor. Explica de maneira simplificada e direta no que consistia o empreendimento, quem comandava e de que forma aconteceria.

O autor se detém a descrever o início da CLTEMA, em agosto de 1907 especificando as regiões que buscaram alcançar, nesse caso a localidade de Juruena, e como se organizavam as atividades e seus respectivos trabalhadores.

Nesse momento Roquette-Pinto se dedica a construção de uma estrutura semelhante a um diário da própria Comissão, descrevendo os acontecimentos, como ocorreram e onde se encontravam no território a cada período. Apresenta nesse ponto uma narrativa em que coloca os índios como obstáculos para esse caminhar, relatando como Rondon foi atingido com uma flecha no caminho ao rio Juruena.

Ao fim do capítulo Roquette-Pinto introduz a situação atual (1915 – quando termina de rever a escrita da obra) da relação entre índios e “brancos”. O antropólogo ressalta que apesar do contato ainda existem alguns fatos de violência entre indivíduos. E assim utiliza-se desse fato para refletir e trazer a comparação entre essa situação e as situações de violência nas cidades, que entendem-se civilizadas. O modelo comparativo de pensamento é intensamente utilizado nos relatos de viagem já que o viajante está vulnerável às intensas tensões entre o que experimenta e o que compreende como natural.

É no capítulo 3 que efetivamente o antropólogo inicia o diário de viagem em seu mais essencial aspecto, o caminho traçado durante a viagem. É o instante em que relata onde algo

começa e onde termina, como se fez para chegar de um lugar ao outro, e o que ocorreu durante o percurso.

Roquette-Pinto aponta o desejo de chegar até Mato Grosso pela Estrada de Ferro, que já existia, mas permanecia incompleta pelos ataques dos índios Kaingang no território de São Paulo. O antropólogo reflete sobre o “Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais” (SPILTN), que teve grande êxito no trato com os índios citados. Contudo, menciona seu desgosto com relação aos trabalhadores rurais brasileiros, pois que, como se não fossem filhos dessa terra, se encontravam em situação de servidão não assumida e não via medidas para sanar esse cenário. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.31)

Durante o percurso que o antropólogo percorre para se chegar ao interior brasileiro, caminha pelos países vizinhos no continente sul-americano se deparando com suas realidades. Esse contato impeliu no antropólogo diversas digressões acerca dessas nações e da brasileira.

Chegando à capital uruguaia, Montevidéu, Roquette-Pinto aponta o distanciamento simbólico existente entre os países da América do Sul, que o incomodava. Assim questiona a falta de conhecimento de cientistas e revistas argentinas e chilenas no Brasil e vice-versa. Além dessas divagações o antropólogo também utilizará de seu relato para descrever suas percepções quando de seu primeiro contato com as cidades e igualmente suas ideias sobre os acontecimentos referentes a elas.

Ao encontrar as ruínas do templo Humaitá, no Paraguai, discorre sobre seu desgosto com relação à guerra que o Brasil prioritariamente travou contra o país, que, a seu ver, dizimou um povo verdadeiramente “filho” da América. Quando chega à “Asunción”, cidade paraguaia, com inspiração, define: “Morna cidade, toda envolta em tristeza e poesia, cheirando a mistério.” (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.39). Na narrativa de Edgard Roquette-Pinto igualmente é possível observar momentos de uma escrita mais poética. Distintamente de Miranda Ribeiro o antropólogo possui uma sensibilidade para as simplicidades humanas, conduzindo de maneira própria sensações antagônicas, batizando a mesma cidade como a “terra bela e desgraçada”.

Roquette-Pinto destrincha cada recanto das sociedades que conhece. Demonstra sua sensibilidade ao descrever as mulheres paraguaias e sua produção, a renda *nhanduti*, definindo-as ao final com as palavras “saúde e força.” (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 40). Analisando a renda, Roquette-Pinto parece conseguir chegar ao íntimo daquelas mulheres, além de conceber esse trabalho artesanal quase como a natureza.

Nhanduti, a renda paraguaia, tem o valor de uma obra de arte pura. Exprime, ao mesmo tempo, a alma caprichosa e paciente daquelas mulheres e traduz todo o seu sonhar incontido.

(...) As vezes, na sua simplicidade, parece que a renda se formou por si mesma de flocos de espuma branca; outras vezes, parece que as rendeiras gentis copiaram seus motivos das teias, que as aranhas distendem nas clareiras das matas.

Porque só o que é livremente concebido no seio da natureza, pôde ser, ao mesmo tempo, simples e maravilhoso; só o que é feito assim consegue despertar a emoção esthetica por meio de tão modesto processos.

Um pedaço de renda é um trapo; no entanto, o *nhanduti* das paraguaias guarda nos seus motivos delicados a alma do seu paiz encantador. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.45)

Comenta a prática da sesta, a etimologia do termo Paraguai e os termos da língua guarani utilizados na flora paraguaia. Cada detalhe foi apreciado e referenciado. O antropólogo não deixa passar as referências acerca da flora e da fauna, e destaca a importância de um trabalho para uniformizar as nomenclaturas utilizadas na América do Sul. Deste modo o diário vai se constituindo, por meio dos detalhes e comentários.

Seguindo ainda as divagações acerca do Paraguai e de sua sociedade, Roquette-Pinto trava comparações com o cenário brasileiro. O antropólogo se refere ao fato de no Brasil o aspecto indígena, na etnogenia, ter conseguido escasso desenvolvimento, enquanto que no Paraguai compôs a população. Roquette-Pinto simpatiza com a população paraguaia primordialmente por conceber um espírito nacionalista fortemente dominante naquele povo. Entretanto evidencia que esse caráter não foi bem aproveitado pelos governantes ditatoriais, que preferiram guiá-lo para benefício próprio. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.43)

É perceptível o quanto Roquette-Pinto sente falta de um ímpeto tanto pessoal quanto político com relação aos brasileiros. Já não é o primeiro momento em que aponta aspectos de outros cidadãos.

Edgard Roquette-Pinto em distintos momentos de seu diário de campo trata de questões acerca da nação e da nacionalidade brasileiras acreditando que a sociedade deveria se esforçar em prol desses ideais conforme mencionado em trechos anteriores deste trabalho, pensamento condizente com a ideologia corrente da época. O autor julga faltar um ímpeto político aos brasileiros e em diversas ocasiões trava um paralelo entre os países do continente americano.

Para Roquette-Pinto uma situação que nomeia como “desnacionalização” se tornava frequente nos países sul-americanos, aludindo esse acontecimento aos processos imigratórios. Assim, compara a formação da América do Sul e a do Norte, refletindo sobre o contingente imigratório desses dois exemplos, a partir da confrontação entre os modelos das nações norte-americana e brasileira. Para o antropólogo os imigrantes que chegavam ao norte desejavam

uma pátria nova, já os do sul não tinham uma preocupação moral. Compara os primeiros a mineiros, pelo desejo de construir algo novo, e os outros a garimpeiros, que somente desejavam sugar toda a riqueza o mais rápido possível. Aqui se estabelece a questão da construção nacional tão cara àqueles homens. Para Roquette-Pinto era necessário “despertar boas tradições e mantê-las vivazes”, assim como “procurar, por todo meio, ligar os filhos de todos, que forem nascendo no Brasil.” (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.35-36). Pela história o Brasil teria de percorrer um caminho deveras tortuoso, como as atividades de exploração da comissão, em busca de seu estabelecimento entre grandes nações, e a construção do telégrafo era o “pretexto”⁴⁷ para todo um esforço em prol da conhecimento e constituição em uma forte nação.

Conforme já tive oportunidade de dizer, a linha telegraphica do coronel Rondon, praticamente, hoje, vale muito menos que a admirável estrada de penetração por onde passa. Apertaram-se, por meio della, os laços da nacionalidade; saibam os governantes tirar partido da sua valia. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.100-101)

Roquette-Pinto compreende que a instalação de telégrafos já se tornara ultrapassada depois de tantos anos buscando sua ampliação pelo território brasileiro, todavia a diminuição das distâncias proporcionada pela estrada que encurta as viagens entre os estados e cidades brasileiros, e todo o conhecimento promovido a partir das viagens da CLTEMA, geram, potencialmente, disseminação e maior definição da nacionalidade brasileira, degrau fundamental para o esforço indispensável da sociedade em prol do país.

(...) na picada, a mão do homem havia fincado, de distancia em distancia, velhos troncos da floresta, assassinados pela sua industria para sustentar um fio delgado, que vinha de longe e seguia para muito longe, tocando, apenas, muito de leve, naquelles esteios. Era a linha telegraphica, correndo em triumpho pelo sertão remoto, tomando posse efectiva daquelle territorio. (ROQUETTE-PINTO, 2005,p.104)

O telégrafo representava o Estado nacional que seguia conhecendo e ocupando seus territórios ainda pouco dominados pelo próprio governo. Ao menos se buscou essa atribuição como símbolo dos novos tempos republicanos. Assim como muitos homens Roquette-Pinto acreditava naquele empreendimento e o que ele iria gerar. O telégrafo direcionaria os rumos daquela terra.

⁴⁷ Faço referência a célebre frase de Roquette-Pinto que se encontra no Prefácio à 4ª edição desta obra: “A linha telegráfica foi o pretexto. A obra de pesquisa e levantamento foi tudo”.

Para o antropólogo Edgard Roquette-Pinto seus esforços dentro da Comissão, como a produção do diário de viagem, contribuiriam igualmente para o empenho de constituição da nacionalidade brasileira, já que seu trabalho resultaria em produto do passado e, logo, objetos para a concepção da memória dos povos constituintes do país. Roquette-Pinto revela essa ânsia ao indagar a possibilidade de um jovem vivente dos anos de construção da linha telegráfica utilizar seus estudos num futuro para construir a história de seu povo.

Além dos trabalhos de busca das informações sobre os povos indígenas que o antropólogo efetuou, a narrativa do diário de viagem é composta por suas estratégias de descrição diária, como comumente conhecida. Apresenta detalhes das viagens que faziam, donde para onde estavam indo, em que momento foram e quanto tempo levaram, o que havia no caminho, como era o cenário natural que percorriam. Quando chegava aos postos da CLTEMA Roquette-Pinto também se dedicava a compreender e relatar como se davam os trabalhos dessa, como procediam em uma determinada região, até mesmo como eram feitos os postes telegráficos e a distancia entre eles, numa minuciosa descrição de tudo o que vi e ouvia.

O diário de viagem é gênero letrado característico por permitir numa mesma nota diversos aspectos, dando uma liberdade à escrita do autor. Num mesmo parágrafo do relato é costumeiro encontrar informações técnicas, geográficas e curiosas do posto telegráfico, finalizando com características geológicas da rede fluvial da região. Em seguida, como a narrativa do antropólogo, pode obter informações sobre os alimentos vegetais que têm a capacidade de se desenvolverem bem na região, e a melhor maneira para se consumi-los.

Observa-se no relato de Roquette-Pinto uma constante utilização de referências como Alex Hrdlicka⁴⁸, von Martius⁴⁹, Thevet⁵⁰, Jean Lery⁵¹, Piso e Marcgrave⁵², ratificando, apesar das características informais de um diário de viagem, necessidade de demonstração e referência a ilustres autores viajantes e científicos, já que a perspectiva técnica era de suma importância aos estudos desenvolvidos durante o percurso. Esses nomes mostravam que o antropólogo havia pesquisado e analisado outros que estiveram em contato com a região e os indígenas. Aproveitando alguns assuntos desenvolvidos pelos autores Roquette-Pinto pode

⁴⁸ Antropólogo, nascido na então Checoslováquia em 1869 e radicado nos Estados Unidos.

⁴⁹ Karl Friedrich Phillip von Martius, ilustre naturalista alemão que produziu juntamente a outros estudiosos a "Flora Brasiliensis", durante meados do século XIX e início do XX, obra de botânica que apresenta mais de 22.000 espécies da flora, em grande parte brasileira. Ver: <http://florabrasiliensis.cria.org.br/index>

⁵⁰ Frei André de Thevet, frade francês que publicou alguns escritos no século XVI sobre sua estadia no Brasil colônia.

⁵¹ Jean de Léry, pastor calvinista francês que escreveu o famoso livro "*Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil*", onde relata sua viagem ao Brasil e sua extensa relação com os índios tupinambás no século XVI.

⁵² Willem Piso e George Marcgraf foram responsáveis pela publicação "*Historia Naturalis Brasiliae*" resultado de sua estadia no Nordeste brasileiro, ao tempo dos holandeses no século XVII.

concluir determinadas pesquisas, às vezes de forma bastante profunda para um relato de viagem, como no caso da dermatite dos Nambiquara, onde aplica alicerces de estudos científicos.

Roquette-Pinto em sua extensa nota sobre a doença de pele que identifica nos índios apresenta o caráter a posteriori do relato de viagem que se torna uma publicação. A análise que trava da página 122 a 126 demonstra uma pesquisa abundante, que obviamente não pudera ser feita durante a viagem, na busca de informações sobre essa doença. O autor desejou construir um estudo antropológico da doença indígena bastante aprimorado, citando até trabalhos produzidos após sua viagem, onde pode-se ressaltar a construção da obra também com informações coletadas após o retorno do percurso. Assim como fora feito um preparo anterior para se ir a campo, era feita uma continuidade da construção da obra fora das terras interioranas.

Outra interessante dimensão do diário de Roquette-Pinto é sua extensão nas temáticas científicas, inventariais, que justificam a viagem, mas que muitas vezes são até postas de lado em alguns tipos do gênero, pela empolgação que um autor pode sofrer ao lidar com a experiência da viagem. O diário é gênero que permite o confuso, a mistura de temáticas, e uma certa impessoalidade. Contudo, o que é possível de se identificar no relato de Roquette-Pinto é sua dedicação, ao conseguir travar o contato tão esperado com os Nambiquara, desenvolvendo em seu diário quase que apenas seus estudos antropológicos, sem mais apresentar datas, locais de passagem, tempo de caminhada, durante algumas páginas. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.124-130)

O relato de viagem de Roquette-Pinto, assim como o de Miranda Ribeiro, também pode ser analisado a partir da identificação dos três aspectos comuns ao gênero do diário de viagem. As duas narrativas permitem observar distinções significativas no pensamento dos cientistas e também na construção de seus relatos. Entretanto os aspectos fundamentais do relato de viagem são notórios na narrativa do autor.

A dimensão da *experiência iniciática*, desenvolvida na análise do subcapítulo anterior, é igualmente manifesta por Roquette-Pinto em sua chegada à cidade de Corumbá, quando demonstra as dificuldades de uma longa viagem por paragens não tão dadas à otimização do “progresso” da capital. Onde era necessário transportar com cuidado toda a espécie de materiais e a espera por embarcação se tornava vagarosa demais àquele que já se encontrava há mais de 15 dias esperando seu destino.

No mesmo dia em que cheguei a Corumbá partia uma lancha para S. Luiz de Cáceres, para onde me dirigia; era preciso, pois, transbordar sem demora todo o material que levava, do *Ladario* para o *Etruria*.

Perdido o *Etruria*, seria forçado esperar cerca de 15 dias por outro vapor. Surgiu uma dificuldade. O guarda da alfandega embarcado no *Ladario* não quis permitir a retirada dos meus volumes marcados: 'Museu Nacional'.

'Museu Nacional!' Marca suspeita! O guarda não tinha a mínima noção do que fosse um Museu. Quanto mais eu lh'o explicava, tanto mais ele descreia. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 46)

Além das “intempéries” da longa trajetória até o local onde a CLTEMA se encontrava, o antropólogo, assim como o zoólogo Miranda Ribeiro, ressalta a presença dos mosquitos, que são tormentas inigualáveis para aquele que possui apenas curto tempo para descansar.

O mosquito de rêde é suplicio bem fazejo, naquele calor e á rêde cama suportável naquele meio.

Não valia fazer o mosquito de gaze leve, crivosa; não há que deixar espaço a entrada do inimigo; o mosquito é de 'algodãozinho', de malhas bem cerradas.

A temperatura dentro de tal sacco não é, evidentemente, agradável; todavia, é suportada de boa cara porque, sem a proteção daquele pano, não se dorme. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 49)

A experimentação do antropólogo com o ataque de mosquitos gerou não somente seu relato sobre essa experiência como possibilitou a composição de extensa descrição dos detalhes pertinentes a essa rotina. Expõe o tipo de mosquito mais adequado para cada ocasião e de que modo deve ser armado.

O relato de viagem é autobiográfico, além de possuir uma série de expectativas o autor está de corpo e mente entregues à jornada. O corpo sente e o relato busca atingir em sua construção literária as sensações vividas. Mesmo já num extenso caminhar, o que poderia se tornar um costume, se torna o desabafar do insuportável.

aparece logo depois a primeira praga: *abelhas*, entrando pelo ouvidos, pelas narinas, pela boca, pelos olhos, emaranhando-se nos cabelos. (...) chegam *polvoras* e *borrachudos*. Trabalham, como bombas microscópicas de sugar sangue, até a entrada da noite. (...)

A gente acredita, um momento, que vai afinal descansar; mas, no escuro, tendo penetrado, á socapa, debaixo do mosquito, *anophelinas* e *culicinas* começam a ensaiar a cantiga, como guitarristas que procuram afinar a *prima*. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.103)

O corpo do antropólogo vive a viagem, e como de costume são os insetos (mais uma vez as abelhas e anopheles) que incomodam bastante, especialmente no momento de descanso. Deve levar em conta todo o esforço desses viajantes para se compreender os

detalhes da construção do relato. Apenas Roquette-Pinto possuía 16 malas que pesavam até 35 quilos cada uma. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 67)

Os momentos de caminhada sacrificada também são lembrados. Durante o caminho ao Planalto dos Parecis tem de percorrer extenso deserto, entre as bacias platina e amazônica, mas sem nenhuma nascente. Não só os homens mas também os animais sofrem nessa passagem, muitos deles deixados para trás pois atrasavam a excursão com seu fraco caminhar, e logo perdiam-se cargas que não tinham mais quem carregá-las.

No diário é descrita a técnica de viagem, desde a maneira de se proceder na primeira viagem de carga do animal, os objetos inventados e utilizados pelos matutos, até as técnicas de aproximação dos indígenas mais selvagens, com os materiais de troca mais valiosos.

Dentre o tópico de descrições, o aspecto *inventário* se destaca por ser constituído primordialmente por esse método. O inventário crucial para Roquette-Pinto é a descrição de tudo o que pertencia ao universo dos indígenas da região, sendo a justificativa primeira de sua presença na viagem. Contudo, o antropólogo compreende que a vastidão das informações geradas por aquelas terras deveria sensibilizar a todos. Isto posto, suas descrições abarcaram muito além dos indígenas.

Descreve a geografia do estado, as florestas e os cursos dos rios da região. O autor demonstra uma profunda curiosidade, apresentando mínimos detalhes da paisagem. Por professar uma antropologia abrangente, com conexões com a história natural, o antropólogo tem notável percepção da flora e fauna, e da geografia local, as quais mesmo sem pertencerem ao seu objetivo científico, estariam presentes como contribuição a toda e qualquer área de interesse da comissão.

Apresenta as características da alteração da paisagem daquela região conforme as estações, particularidade incompatível com os cenários litorâneos comuns ao antropólogo.

Nos campos, que a invernia transforma em lagoas, há boas pastagens, de que limitados rebanhos se utilizam.

Na estação das seccas, verdadeiras lagoas, em compensação, quase desaparecem; e a fauna lacustre, sofrendo os rigores dessa incerteza, modifica seus hábitos.

Jacarés, privados da água dos seus lagos, arquejantes, saíam pelo campo, procurando veadinhos que vinham matar a sede. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 61)

A coleta de todo elemento referente ao ambiente percorrido era preocupação incessante daqueles que compunham a comissão. Guardar cada detalhe daquela terra, trazendo uma minuciosa descrição, mesmo que não tão organizada, das características locais, era a busca dos homens que se entregavam à composição de uma narrativa da viagem, que além de

contribuírem aos futuros viajantes, forneceria mais informações sobre a região até então quase desconhecida de todo. Portanto, o relato apresenta dados de mudança de temperatura diária, às vezes consideravelmente brusca, e ainda sobre o impressionante rio Sipotuba, com suas “aguas claríssimas, fundo pedregoso e fortíssima correnteza.” (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 62). Num outro momento se dedicará ao estudo de insetos, quando percebe o “mundo de insectos” que a experiência nas florestas mato-grossenses abriu para si, brincando ainda com um possível título original para suas anotações de viagem: “Visita aos Índios do Paiz dos Insectos”. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.70-71)

Por sua formação em medicina os eventos em torno dessa temática, como doenças e feridas, se constituíram em importantes conteúdos de suas notas. Roquette-Pinto analisa possibilidades de doenças na região, e ao investir um tanto de seu tempo nesses estudos percebe a presença abundante da polinevrite nos cidadãos, desejando chamar a atenção dos médicos locais para isso.

O antropólogo também analisa alguns doentes na enfermaria militar. Faz uma descrição meticulosa acerca da “ferida brava” ou úlcera que encontra tantos nos homens da Comissão como nos indígenas. Além das descrições acerca dos doentes apresenta algumas notas sobre as histórias que ouve, como a do índio que se cura dessa enfermidade.

Roquette-Pinto também se preocupa com as questões higiênicas e sanitárias. Ressalta o estado insalubre da água da cidade de São Luiz de Cáceres. No intuito de afastar esses desagradáveis acometimentos propõe a profilaxia, prevenção, da malária, nos componentes da comitiva, acrescentando ao final o resultado positivo de seu empreendimento.

Como complemento de sua coleta de informações, e preocupação com os enfermos que se encontravam distantes das melhores condições de tratamento, Roquette-Pinto consultava muitos participantes da Comissão que estavam adoentados e colhia informações acerca das doenças que mais atingiam a região. A partir de suas notas propõe alguns questionamentos na procura por dados mais corretos. Com a grande incidência de paludismo (malária), e a verificação de que seu transmissor não estaria naquele instante tão presente, o antropólogo e médico questiona a possibilidade de outra espécie ser transmissora da mesma enfermidade.

As doenças identificadas nos índios também são largamente analisadas. Apesar da dificuldade desse estudo, pela desconfiança dos próprios enfermos, o antropólogo consegue, mesmo com uma observação não tão aprofundada, concluir estágios da doença e propor possíveis vias de contágio.

Outro objeto que se tornara matéria de coleta do antropólogo foram as línguas indígenas e suas expressões. As diferenças na nomenclatura indígena de frutos, plantas e animais é de largo interesse do antropólogo, e também característico dos diários de viagem. Seus autores tendem a extrair todos os informes possíveis acerca das populações indígenas e suas línguas. O idioma indígena auxilia grandemente no esclarecimento referente ao conhecimento científico da região já que ao compreender as palavras indígenas poderia obter as informações dos habitantes daquela terra.

Roquette-Pinto dá novo uso ao diário de campo, como um “arquivo de expressões sertanejas”. Seu interesse pela fala dos habitantes locais faz com que a cada expressão linguística característica da região que escutava, parava e a transcrevia. O antropólogo vê como importante estudo, possibilitando inédito trabalho, a coleta de informações linguística, primordialmente as expressões verbais e usos linguísticos dos sertanejos. Almeja fazer um trabalho aprofundado sobre elas, já que pouco foi divulgado sobre o assunto, e o que fora, acredita conter imperfeições analíticas variantes a partir do interesse final dos estudos. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.97)

O autor se esforça para apresentar uma análise concreta daquela terra na imagem de seus componentes e para tanto considera importante buscar novos elementos na prosa dos sertanejos, nas conversas à noite, em volta de uma fogueira:

“Para documentar a vida sertaneja, nada melhor que surpreender as palestras dos tropeiros, á noite, no pouso, ao redor do fogo, pitando socegradamente, para queimar o tédio.” (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 96)

A realidade sertaneja que Roquette-Pinto se deparava contribuía para sua descrição minuciosa dos detalhes daquela terra, mas também fez parte das muitas digressões que o viajante experimenta durante seu percurso.

O terceiro aspecto básico notado em relatos de viagem é o *comentário*, que reflete as inúmeras divagações e observações sobre os mais diversos assuntos, que podem ou não acharem-se dentre os temas *a priori* definidos para figurarem no diário de campo.

A dimensão do *comentário* tende a fortalecer o caráter plural, criativo e pessoal do relato que permite as mais diversas divagações em momentos não determinados e fora de uma ordenação pré-delimitada. Apesar da estruturação primeira desse gênero que remete às notas diárias, as divagações fazem o leitor percorrer distâncias imensuráveis durante o percurso da narrativa.

Desta maneira, ao se deparar com a realidade da existência sertaneja, Roquette-Pinto percebe o quão significativo era para seu pensamento o reconhecimento desta condição, revelando-a na definição das circunstâncias de produção do diário. Como antropólogo da CLTEMA Roquette-Pinto detinha um claro objetivo de identificar e analisar a situação dos povos indígenas da região. Como assevera no princípio de sua obra, desejava um “instantâneo” daqueles que futuramente não existiriam mais naqueles contornos. Contudo o contato com a população sertaneja impulsionou-o a reflexões primordiais se tornando necessidade fundamental o relato minucioso da vida sertaneja brasileira.

Aquelle homem encarnava uma raça forte, que anda por ahi a sofrer supplicios na sua terra, onde os estranhos engordam.
Era preciso documentar sua vida e registrar aqui essa observação, como um caso clinico de pathologia social. Foi o que eu fiz. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.99)

A condição na qual o sertanejo se encontrava preocupava os viajantes; Miranda Ribeiro também narra os costumes da relação de trabalho sertaneja, e tanto ele como o antropólogo percebem que muito desta condição se devia a uma escravidão por dívida vivida pelos trabalhadores da região. Dessa forma, mais uma vez a construção do diário de campo se dá pelo uso do modelo comparativo entre segmentos da própria sociedade brasileira. O que muitas vezes foi praticado por viajantes estrangeiros que notavam sua sociedade através do olhar para as sociedades do continente americano. Agora o brasileiro também olhava para si por meio de uma mirada para os vários brasis, o que, neste caso, muito perturbou Roquette-Pinto que compreendia nos sertanejos um futuro para os indígenas, contudo ainda com caminhos muito incertos.

Na descrição do processo de exploração do trabalhador a partir do exemplo da extração da borracha Roquette-Pinto pontua:

(...) É caboclo de complexa mestiçagem.

Alto, de saliências osseas acentuadas, membros longos; pelle cúprica olivácea; nariz convexo, estreito; olhos meio oblíquos; malares projectados. Cabelo negroide.

No fim da safra do anno passado ficara devendo 500\$ a D. João; este ano não receberia nada.

No começo da estação, quando foi para o seringal, recebeu, além de um terno de roupa de riscado, o seguinte, que é o fornecimento habitualmente feito pelo patrões a cada trabalhador:

25 litros de arroz.

25 “ “ feijão.

50 “ “ farinha.

(...) O preço daqueles gêneros, ele não sabe; o patrão não diz.

Depois da safra entram em contas; e o seringueiro sae devendo. Sobre essa divida repousa todo o systema de exploração da borracha... (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.99)

Ao atribuir grande valor às relações de trabalho Roquette-Pinto descreve ainda outras atividades extrativistas da região como a extração da poaia⁵³. Apresentando um histórico desta atividade percebe que a relação entre o homem e a natureza havia mudado consideravelmente, muito em consequência das queimadas utilizadas para afastar insetos que atrapalhavam na coleta, como abelhas, marimbondos e formigas. Através dos relatos de trabalhadores vai compreendendo e reafirmando a mudança no cenário natural das terras que foram palco de longas queimadas. E chega a conclusão de que o homem, na figura desse trabalhador, responsável pelos incêndios, acaba com sua própria subsistência, por “ignorância e ambição”.

Observa-se na fala de Roquette-Pinto a intensa preocupação com os homens “daquele” Brasil. Mal informados, não sabiam a melhor maneira de tirar o proveito das riquezas de sua terra. E quando outro mais instruído, podendo aparentemente auxiliar aqueles primeiros, somente tirava proveito para si próprio.

Eis ahi o preço de um homem. Há uma diferença tão grande entre o que são os brasileiros das cidades, e o que padecem as populações sertanejas, que até parecem habitantes de dois paizes diversos. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.99)

Para o antropólogo lidar com a condição dos “homens daquela terra” foi determinante para a constituição de seu relato e de seu pensar. Quando fala de Rondônia pensa em tudo o que a integra. Desde os rios e florestas, aos animais e habitantes, que tinham no índio e no sertanejo os dois polos básicos.

Roquette-Pinto se detém em outros momentos às notas da realidade sertaneja, apresentando as famosas “histórias da onça” e variados objetos dos costumes sociais. Porém o que integrará de forma ampla as páginas desta obra são as descrições, comentários e vivência com indígenas.

Em meados do mês de agosto de 1912 Edgard Roquette-Pinto chegava à Aldeia Queimada, onde o Tenente Emanuel do Amarante cuidava do posto de abastecimento da CLTEMA nesta localidade e, no testemunho do antropólogo, fazia renascer ali a “antiga

⁵³ [*Psychotria ipecacuanha* (Brot.) Stokes - Rubiaceae] é o nome científico da poaia, planta brasileira de incidência principal nos estados de Mato Grosso e Rondônia. O “poiar”, como chamam na região os processos de extração da planta, geralmente se dava nos períodos de chuva, e o que interessava aos “poaieiros” (trabalhadores desta atividade) eram as raízes, com seu alto valor farmacológico. Ver em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-05722012000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: nov. 2011.

povoação incendiada”, tornando um “centro pareci”. Esse é o primeiro momento em que o antropólogo mantém uma relação dinâmica e complexa com um grupo indígena. Entretanto os índios Pareci já se relacionavam com os trabalhadores do posto telegráfico contribuindo, em alguns casos para as atividades do mesmo.

Doravante Roquette-Pinto instaura seu momento mais sistemático no diário. Apresenta inicialmente, de forma de talhada e nos moldes científicos, características físicas e culturais dos índios. São como espécimes colhidos por naturalistas. Identifica a cor da pele e outros dados pertinentes ao assunto utilizando tabelas reconhecidas e em uso no Museu Nacional. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.73-74)

Roquette-Pinto segue uma demonstração descritiva do método utilizado para estudo dos indígenas, o chamado “retrato falado”, que consiste na medição e notação das características da cabeça e face do indivíduo, buscando assim chegar a um perfil. Apresenta histórico e técnicas da metodologia antropológica, que, naquele momento, consistia em grande parte de estudos biológicos e físicos. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.75)

O antropólogo compõe uma análise dos índios apresentando as características do corpo e suas medições, mas também observa os aspectos sociais, como o grande contingente de crianças e o pequeno de idosos. Faz um breve comentário sobre as condições sanitárias e de saúde dos indígenas. Complementando sua análise insere tabela referente ao método do “retrato falado”, onde foram consideradas as dimensões (grande, médio e pequeno) da cabeça e face (fronte, nariz, e orelha) de grupos Pareci. Uma segunda tabela apresenta o “typo anthropologico” dos índios a partir das informações da tabela anterior, determinando as características mais e menos incididas. Por último é apresentada uma tabela mais detalhada do grupo Pareci-Kozárini, com as medições referentes ao retrato falado. (ANEXO 4)

O relato demonstra o valor que o viajante atribui também às “informações etnográficas”, apesar do excessivo trabalho a favor das fórmulas, números e tabelas para a análise antropológica. No intuito de incrementar sua pesquisa, que seria complementar à pesquisa do próprio Rondon, Roquette-Pinto recolheu cada costume, gesto e material que pode em seu curto tempo de contato com os índios Pareci de Aldeia Queimada.

Além das notas anthropologicas, indicadas acima, obtive informações ethnographicas, themas musicais, lendas, cantigas, que registrei no phonographo Edison, films documentando scenas industriaes: preparo da mandioca, tecelagem, fiação, etc... (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.80)

Desta maneira fora analisada a divisão dos grupos Pareci, sua organização social, a figura de seus chefes políticos e/ou espirituais, assim como a relação com a mulher e as mudanças referentes ao contato com o homem branco, onde o antropólogo ressalta: “As armas de que usam são as nossas. Atiram bem.” (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 82)

Descreve a moradia dos indígenas. Musicas e lendas são transcritas.

Em seu diário Roquette-Pinto apresenta parte do estudo sobre a língua pareci, no uso de pronomes. Tenta identificar os pronomes pessoais na construção de uma simples frase, contudo identifica variações nesses pronomes. Suas notas revelam a valorização do trabalho de Rondon de documentar o vocabulário pareci, mas igualmente reflete a dificuldade dos trabalhos de tradução pelos próprios indígenas, que não têm um estudo aprofundado de sua língua.

Na busca do conhecimento sobre os índios Pareci também interessavam as informações a respeito do ambiente que os cercavam. Por esse estudo eram adquiridas informações acerca do território em seus aspectos geográficos e ecológicos assim como os hábitos sociais referentes à ocupação dos espaços e utilização do que fosse gerado.

Em certo ponto compreende-se o acréscimo, feito pelo autor, de mais um propósito a seu diário: o de catálogo de artefatos antropológicos; revelando que as imagens que são dispostas, desde as primeiras páginas de sua obra, farão parte da coleção do Museu Nacional, que se apresentam com os números de notação próprios da coleção museológica.

O antropólogo se detém a explicar minuciosamente alguns artefatos daqueles índios os quais seguiram para a formação da Coleção Rondon no MN. Descreve a finalidade, forma, materiais utilizados, como cestos, armas, adornos para rituais, e muitas vezes ainda julga a execução e eficiência do mesmo e se permanecem sendo utilizados pelas tribos. Interessante é mais uma vez percebermos a organização e o aspecto colecionista da obra: cada objeto descrito tem seguido a seu nome indígena o número da catalogação na coleção, facilitando sempre a referência aos interessados em encontrarem o artefato para apreciação no museu.

Contribuíram para essas coleções fonogramas (representações gráficas de composições musicais) das canções indígenas. Roquette-Pinto revela que esses fonogramas estão no MN e com a ajuda de Astolpho Tavares pode disponibilizá-los nesse trabalho. Um estudo feito sobre esses instrumentos, também com a colaboração do Prof^o Tavares, procurou identificar o ritmo das músicas e seus compassos, figurando em notas do diário o detalhamento de alguns tipos de flautas e suas respectivas características sonoras. Com maior profundidade são apresentadas hipóteses, propostas pelos estudos do antropólogo, das notas, acordes e tons dos sons daqueles instrumentos. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 88)

As notas sobre os índios Pareci são parte de um trabalho inventarial, de uma experimentação de relações e das reflexões propostas pelo antropólogo. Para dominar as alterações sofridas pelos costumes deste povo Roquette-Pinto buscou referências nas obras de Karl von den Steinen, que manteve contato com a tribo durante sua expedição ao alto Xingu em fins do século XIX, concluindo sobre os índios que “Da sua theogonia pouco resta.” (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 93). Para o antropólogo em diversas dimensões a sociedade pareci se modificara. A presença constante como ajudantes na CLTEMA significava para o autor que se encontram numa situação de “verdadeiros sertanejos”, pois que comportavam-se como trabalhadores da terra, brasileiros em dedicação para sua nação. A escolha de alguns para o labor da extração da seringa é o que gerava uma situação precária e descontinuava o curso dos mesmos indivíduos.

Foi o anseio pelo encontro com os índios Nambiquara e o próprio acontecimento que mais avultaram o relato de Roquette-Pinto, tendo o mesmo percorrido árduo caminho em busca deste evento, e em seguida, se dedicado com afinco ao trabalho de compreensão daquele povo.

Em 16 de setembro de 1912, chegava ao local de contato Nambiquara. No último pouso do Planalto dos Parecis o antropólogo tem seu primeiro indício da aproximação da tribo dos selvagens: “ao longe, subiam, da grande floresta, columnas tênues de fumaça do fogo dos Nambikuáras. Era o Valle do famoso Juruena.” (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.101). Roquette-Pinto ansiava pelo contato com a tribo que mantinha escassa relação com o homem civilizado. Seu primeiro contato relacionado ao povo Nambiquara se deu quando toma conhecimento, na região da *Mata da Aldeia*, das antigas aldeias nambiquara abandonadas na época da construção da estrada da CLTEMA.

Apesar dos esforços e programação o antropólogo se encontrava num momento delicado ao perceber que seu planejamento se desencaminhava ao não encontrar nenhum dos tão esperados índios. Uma viagem é composta por suas aventuras e inesperados. Muitas são as motivações, expectativas, e planejamentos. Mas o esperado que não vem traz uma decepção, agravada por todo o cansaço resultante dos esforços e sacrifícios feitos até o momento: “Confesso minha surpresa de então, não tendo encontrado um só nambikuára, depois de tanto tempo de viagem.” (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.104)

Essa reflexão abre espaço para o questionamento de todo o planejamento da viagem, pelo menos por um instante. Entretanto, juntamente com a desconfiança, torna as conquistas futuras muito mais saborosas.

Seguindo seu caminho, passando pelos postos da CLTEMA de Juruena e Juína, o antropólogo verifica a continuidade da situação do difícil contato com os indígenas que geralmente visitavam aqueles espaços. Entretanto, verifica o motivo primordial do afastamento, que consistia na crise de alimentos e de transporte que afetara o fornecimento dos gêneros aos postos. Os produtos com os quais os postos telegráficos eram abastecidos também eram utilizados para as trocas com os índios, na busca da manutenção da relação. Além deste acometimento enfrentavam período de seca, o que dificultava significativamente a subsistência indígena, que despendia muito mais tempo na caça do que de costume. Os índios não conseguiam e não tinham motivo para retornarem aos postos. É nesse contexto que Roquette-Pinto presencia uma importante resultante das relações construídas entre os índios e os trabalhadores da comissão.

Nos postos da Comissão Rondon, nessa ocasião da secca, com a crise de transportes, em vez de receberem generos, os índios forneciam, ao pessoal, massa de mandioca e milho. Não vi um só trabalhador, ou soldado, que se não referisse, com elogios, a essas dadivas providenciaes. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 106)

A viagem do antropólogo, idealizada no diário de campo, deve manter uma linearidade envolvente e, como numa trama literária, momentos de ápice. Assim, como já retratado, a alta expectativa do encontro com os índios “não civilizados”, finalidade primeira da viagem, não fora alcançada, e começava a transparecer manifesta indefinição sobre o tema. A grande demora não causara apenas uma certa decepção e cansaço, tornou a expectativa ainda mais alta quando os indícios do encontro se apresentavam indefectíveis. Os próximos trechos retirados da obra de Roquette-Pinto representam por meio de suas palavras a emoção e expectativa do encontro que se apresentava cada vez mais próximo, no descobrir de pistas, como numa busca pelo “tesouro perdido”, produzindo um texto mais intenso e sensível.

Havia já um mez que viajava pelo sertão, atraz dos indios. Nos pontos em que contava enconral-os, Uáikoákorê, Juruena, Juina, nenhum me apparecia. Mas, ao saír do posto do Juina, começaram a surgir, pelo serrado, e mesmo pela pecada, signaes evidentes de Nambikuára próximo.

(...)

Sempre de ouvido alerta, parando cada vez que se nos deparava um dos taes toldos de folhagem, arregalando para o serrado, que os raios da lua pareciam cobrir de espumas, íamos andando na frente, anciosos por encontrar os primeiros índios.

Alta noite, numa colina, á beira da linha, próximo do Ribeirão 20 de Setembro, avistamos, longe, uma fogueira. Eram elles.

Apressámos o passo dos nossos animaes, e á grande distancia, começamos a gritar, para os prevenir de nossa presença:

- *O! O! Nen-nen! Nen-nen!* (Amigo! Amigo!)

(ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 106)

O encontro com o outro, o desconhecido, era a grande expectativa do antropólogo e se tornava agora real. Sua fala passa o vigor do choque que representa toda a espera e preparação para aquele instante. Como se conseguira parar o tempo para ver de fora cada detalhe Roquette-Pinto diz: “Ao luar, muito leitoso, era phantastico o aspecto daquelles homens, altos, lépidos, irrequietos, animados, falando sempre, desengonçados, inteiramente nus.” (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.107)

O contato com os índios Nambiquara havia sido tão esperado, e realmente, para Roquette-Pinto fora surpreendente. Os índios muito animados desejavam todos os objetos que viam. Tentaram acalmá-los alegando que no dia seguinte seriam oferecidos os presentes. O grupo da comissão seguiu para um rancho próximo onde puderam descansar.

De maneira oposta ao momento anteriormente ao encontro, Roquette-Pinto mostra toda sua excitação pelos acontecimentos.

Dormir, excitado por aquelle quadro de mágica, desenrolado á meia-noite?
Dormir, naquella noite inesquecível em que a sorte me tinha feito surprehender, vivo e activo, o ‘homem da idade da pedra’ recluso no coração do Brasil, a mim que acabava de chegar da Europa, e estava ainda com o cérebro cheio do que a terra possui de requintado, na diferenciação evolutiva da humanidade! (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 108)

O relato demonstra que não era possível descansar o pensamento quando tantas questões se apresentavam. Roquette-Pinto diferente de muitos cientistas via naqueles índios “selvagens” a beleza pura do homem primitivo, era uma raridade viva diante de seus olhos.

Edgard Roquette-Pinto segue seu percurso até o posto Telegráfico de Campos Novos, conhecido por ser naquele momento o principal sítio da CLTEMA na Serra do Norte. Campos Novos inicia sua emergência como um destacamento do grupo que acompanhava Rondon em 1909, e se estabelece como uma internada, sendo núcleo de sustentação dos grupos que perfaziam o caminho e necessitavam dos gêneros ali produzidos. A existência de ampla estrutura de roçados, currais e pastos possibilitou a intensa relação com os índios da região, conhecido como um “centro de atração nambiquaras”, por este motivo fora desde o princípio o local escolhido pelo antropólogo para estabelecimento de sua sede de estudos. O viajante estendeu seu percurso a outros postos da CLTEMA, também na Serra do Norte, com o propósito de alcançar o maior número de grupos Nambiquara, como o fez no posto de Três Buritis, alcançado nas últimas semanas do mês de outubro.

Com a positiva aproximação aos Nambiquara o antropólogo agora seguiria com sua pesquisa de maneira intensa: “foi um dia de trabalho inteiramente cheio. Films, chapas, notas,

vocabulário; iniciava-se a realização da parte essencial do meu programma.” (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 109)

O antropólogo pontua as perguntas fundamentais que colocou para si focalizando seus objetivos para com o objeto que iniciaria o estudo doravante.

- a) Quaes os typos anthropologicos fundamentaes de índio brasileiro?
- b) Quaes os traços característicos dos índios da Serra do Norte?
- c) Como se processou sua diferenciação anthropologica?

(ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 127)

Roquette-Pinto, retornando ao caráter mais científico de seu relato de viagem, como houvera feito no trajeto do caminho em que estuda os Pareci, inicialmente apresenta um breve parecer das atividades praticadas e das carências sofridas em seu estudo. Expõe, assim, os grupos dos Nambiquara que conseguiu identificar e analisar, e justifica a pobre observação existente sobre um desses grupos indígenas, o qual obteve contato com apenas um indivíduo pertencente ao grupo e que se manteve muito nervoso impedindo um estudo mais profundo, como acentua o antropólogo. Dessa forma justifica faltas e inconclusões pela desconfiança de muitos destes índios que ainda àquele tempo não mantinham uma relação de estreita confiança com o “homem branco”. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 115)

Produzirá análise sobre a pele dos índios, a variação de cores e outros aspectos. Insere, de forma a ser mais explicativo, a “Escala Dermochromica para os Indios do Brasil”, uma tabela do degradé das cores de pele dos índios brasileiros, tabela essa produzida pelo próprio antropólogo conjuntamente a Albert Childe, e publicada nos *Archivos do Museu Nacional* (Vol. XX), para larga utilização destes níveis na área.

O Museu Nacional possui diversas presenças no diário de viagem, obviamente por ser intermediário nesse processo em várias frentes, possuindo funcionários como participantes e fornecendo a guarda do material coletado. Compreende-se também a presença da instituição na obra como forma de informar e divulgar a instituição e os materiais que nela figuravam. Além disso, as afirmativas de estudos anteriores, seus respectivos resultados e as produções como tabelas da notória instituição científica brasileira são assertivas utilizadas pelo autor para dotar seu discurso de autoridade científica.

Os pelos foram também motivo de estudo, suas características são descritas, assim como os hábitos em torno desse tema, como o costume de arrancar os pelos do corpo e da face com uma concha. Fala das unhas, pés, tamanho, forma e calos. Pernas, mãos, abdômen e tronco, tudo foi registrado, assim como a mensuração dos indígenas, e a constatação de que as

mulheres Nambiquara eram menores do que esperado. Roquette-Pinto mostra como a antropologia considerava a medição e a relação entre as medidas do corpo indígena indispensável em sua análise, e apresenta todo o trabalho dessa natureza nas mulheres Nambiquara.

A estatura das mulheres, portadoras de pélvis assim reduzido, é bem pequena: as nambikuáras medem 1,47 de altura.(...)

O exame das proporções do corpo, realizado em alguns typos que representam o conjunto dos caracteres somáticos mais nítidos da mulher nambikuára, revelou factos interessantes, cujo conhecimento é indispensável para o trabalho de comparação anthropologica.

A *altura da cabeça* contém-se pouco mais de seis vezes na altura total do corpo ($6 \frac{1}{2}$).

O *segmento cerebral* do rosto, e o segmento respiratório, são iguaes; o digestivo é maior que os precedentes.

A distancia entre os olhos (diâmetro bi-palpebral interno) é maior que a fenda palpebral; assim os olhos acham-se muito afastados um do outro, pela espessura da raiz nasal. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.116-117)

Outros tipos de relação são propostos pelo antropólogo: quantas “cabeças” caberiam na altura do indivíduo, e se a altura do tórax seria igual à metade da altura do abdômen, a altura da face com relação ao comprimento da mão, qual a fração que representava a relação entre a medida da mão e a altura do corpo. Naqueles anos a metodologia antropológica era meticulosa e empírica, um trabalho muito próximo ao do zoólogo, que seguia uma descrição minuciosa do espécime coletado, travando excessivas mensurações para a classificação das espécies, subespécies e etc.

Outra curiosidade na pesquisa de Roquette-Pinto foram os indicativos acerca da arcada dentária indígena, donde, partindo dos sintomas identificados, trava um paralelo com o “homem civilizado” e seus hábitos. Verificando a existência dos “dentes sizo” em muitos meninos, compreende que era quase certo que todos os indígenas tivessem esses dentes, iniciando seu crescimento precocemente, o que já não ocorria no homem branco, onde muitas vezes esses dentes nem chegavam a fazer parte da arcada dentária mesmo depois da idade adulta. Dessa maneira, Roquette-Pinto compreende que a existência desses dentes na arcada dentária de grande parte dos jovens Nambiquara representava a necessidade de utilização mais intensa dos dentes por parte dos índios, além do que a dentição completa era alcançada igualmente mais cedo naqueles indivíduos: “Os grandes molares aparecem mais cedo porque são solicitados por mastigação frequente e forte.” (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 119)

A partir da análise da dentição o antropólogo descreve os modos alimentares daqueles indivíduos, o que lhe proporcionara curiosidade e questionamento ao constatar que de maneira

geral não suportavam o “leite condensado”, importante sustento para aqueles que percorriam o árduo caminho pelo interior brasileiro.

É preciso conhecer a gula dos índios, sua fome insaciável, seu ‘animus devorandi’ continuo, persistente, infallível, sincero, para bem compreender a repugnância que os conduzia a tal renúncia. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 163)

Dessa forma, em seu estudo Roquette-Pinto apresenta uma análise antropológica aprofundada dos índios do Brasil e em seguida dos índios da Serra do Norte, os quais estavam em contato, utilizando largamente trabalhos anteriores. Com base nos resultados encontrados expõe tabelas e quadro dos índios Nambiquara (antropometria dos homens; retrato falado de homens e mulheres; fórmulas dactiloscópicas) compostas pelos índices das medições tão caras ao estudo antropológico da época.

Continuando a narrativa de sua relação o antropólogo descreve informações dos Nambiquara referentes à sua demografia, estabelecimento na região e os grupos que os compõem com seus respectivos limites no território (ANEXO 5). Descreve as aldeias nambiquaras, como são formadas e porque seguem determinados procedimentos, trazendo ainda as variações na formação de aldeias de um grupo ao outro, compreendendo as distinções nos modos de vida pela diversificação do ambiente onde habitam: “Ainda uma vez o meio geográfico condicionou a ação humana.” (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.157)

A língua continua fazendo parte das análises do antropólogo que busca reunir os termos linguísticos indígenas utilizados na denominação dos grupos da tribo, na constante preocupação de não se modificar nada para que não ocorresse nenhuma confusão entre a nomenclatura pela qual os próprios índios se reconheciam e como os outros o denominavam.

Roquette-Pinto descreve os tipos de armas, os materiais utilizados para sua produção e como as mesmas são utilizadas. Nesse segmento retomará o caráter de manual colecionista, apresentando descritivamente objetos indígenas das tribos Nambiquara, da Coleção Rondon, pertencente ao MN. Fala de religião e rituais, como o casamento, o qual demonstra a forma simples que envolve este rito. O antropólogo descreve o casamento, a partir de informações de um soldado, como apenas o pedido do noivo ao pai de sua escolhida, e a entrega de arco e flecha pelo pai da moça ao índio, simbolizando que agora será ele o responsável pela defesa da família. Pela falta de informações parecia-lhe que rituais e a religião eram pouco complexos. Fala também das doenças e de como as tratam, não havendo necessariamente um indivíduo especializado para curá-las. Assim se dá também com a liderança política: alguns

grupos possuem uma liderança oficial, ainda que temporária, e outros não têm liderança formal, apenas as pessoas sabidamente mais influentes.

O antropólogo francês, Claude Lévi-Strauss, em sua obra que retrata a viagem ao Brasil nos anos de 1930, “Tristes Trópicos”, desenvolve o caráter dos chefes em seu capítulo sobre os Nambiquara. Lévi-Strauss concebe a “estrutura social” deste povo como extremamente “frágil”, demonstrando como era simples e fácil que famílias trocassem seus grupos, e chefes deixassem seus postos. Se detém em compreender como as dispersões dos grupos do povo Nambiquara ocorrem, verificando as fragilidades deste posto como a não hereditariedade para a passagem ao próximo indivíduo a ocupar a posição, os escassos benefícios ao chefe, além de árduas atividades que o líder deveria assumir. Lévi-Strauss considera a existência da liderança nambiquara como “causa do desejo do grupo de se constituir como grupo” e não como “efeito da necessidade de uma autoridade central” (LÉVI-STRAUSS, p.385).

Enquanto Roquette-Pinto não se detém tanto a compreensão da estrutura social dos grupos Nambiquara que se relaciona, talvez pelo pouco tempo que possuía, privilegiando os estudos físicos, e também pela dificuldade de se relacionar com o povo consideravelmente afastado da “cultura branca complexa”, Claude Lévi-Strauss, quase vinte anos depois, consagrando novos métodos do trabalho etnográfico, se dedica aos estudos da organização social do povo Nambiquara, assim como de outros que contacta na viagem, caracterizado pelo momento em que se relaciona com estes, desenvolvendo noções percebidas por Roquette-Pinto mas não esmiuçadas.

Algumas notas representam a curiosidade do antropólogo que ao mesmo tempo se espantava, se interessava, descrevia e questionava, podendo ainda refletir e divagar sobre suas experiências inicialmente científicas mas que transbordavam para outras extensões do ser.

O gênero diário de campo permite também a viagem mental, do inconsciente, sem uma tensão ou propriamente responsabilidade com as possíveis conclusões, tal como nessa nota de Roquette-Pinto:

A letra desses cantos, infelizmente, não foi apanhada. Apenas conhecemos as duas palavras que ali estão: *Tagnani*, nome da tribo; *Tangrê*, estrela. Astrolatria? As três figuras centrais daquela dança, em que se falava de estrelas, troxeram-me ao pensamento a formosa constelação do Orion, onde existem as Tres-Marias. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 173)

A curiosidade que igualmente brota dos diversos fomentos relativos a toda a experiência da viagem interessa também aos estudos desenvolvidos. Numa mescla entre

atenção científica e curiosidade pessoal Roquette-Pinto nota que os índios têm uma maneira peculiar de lidar com os animais, seus xerimbabos, conseguindo domesticar muitos deles, principalmente pela comida e relação como os tratavam: “Na cuia em que o dono come, há sempre lugar para o focinho do seu cão”. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 169) Assim como tratavam os filhos, dando-lhes sempre um pouco do que comiam, agiam com os animais.

São apresentadas, além das descrições das características físicas dos indivíduos e os costumes daquele povo, a própria relação estabelecida e imprescindível ao estudo antropológico, relação esta que propicia a confiança essencial para as análises fundamentadas no acompanhamento cotidiano de uma sociedade, e ainda em outra dimensão a relação afetiva que aflora, mesmo que dispensável, do antropólogo para com seu objeto. Os índios passam a ser “seus”, como deixa transparecer em um trecho: “(...) verifiquei perfeitamente nos **meus** índios”. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 125)

O contato crescente entre o antropólogo e o povo Nambiquara possibilitou a experiência que caracteriza o trabalho antropológico em si, a participação, não apenas a observação, no cotidiano da tribo. Desta forma Roquette-Pinto menciona com sincera alegria o reconhecimento por meio da pintura corporal que ele e seus acompanhantes receberam dos indígenas: “Para os Tagnanis esta pratica é signal de especial sympathia quando executada num estrangeiro. Merecemos todos, em Tres Buritís, essa homenagem.” (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 167)

Outra experimentação resultante do vínculo que se constituía na prática foi a participação numa dança festiva. Descreve todo o movimento e formação dos componentes. E revela que ele e seus companheiros de comissão se sentiam “mortos” depois de cinco horas de dança, tentando muitas vezes se recostar na rede, mas logo surgiam índios empurrando-os de volta para a festa, num incentivo compulsório dos anfitriões.

Começou-se a rodar ás 7 horas da tarde,cantando sempre. (...) Meia-noite. (...) E na roda, suando, cheios de poeira, mais mortos do que vivos, todos nós entravamos no côro: - *Tagnaní-i Tagnaní-i!* (...)

E assim foi, durante o resto da noite. Quando um de nós fugia, e procurava a rêde, vinham logo dois ou três latagões reforçados, falando muito. E empurravam para o seu posto o desertor... (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 173)

As amizades entre trabalhadores da CLTEMA e alguns índios foram evento ocorrido naquelas terras, como narra o antropólogo. A amizade entre o Tenente Pirineus de Souza e os índios Nuléke e Krikricêknerá auxiliou veementemente a formulação do vocabulário dos dialetos nambiquara produzidos por aquela comissão.

Nuléke é de tal maneira afeiçoado ao tenente Pyrineus que, quando voltamos, em 1912, elle, aflicto, não exitou em transpor os limites de suas terras, e sahindo de um território que nenhum delles, desde muitos séculos abandonára, veiu com uma tropa, á Tapirapuan em busca do seu amigo.

Foi o primeiro a se entregar, em confiança, á gente brasileira.

Estes dois índios viviam, em Campos Novos, como si fossem ‘crias’ da casa. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 177)

Sobre o índio Damasceno, a quem Roquette-Pinto muito se afeiçoou, são tecidos alguns elogios no decurso da narrativa. Este índio assistira na produção do vocabulário de outro idioma indígena e nos muitos questionamentos e pedidos do viajante, tendo até mesmo simulado uma cena de um ataque a flechas que foi gravado e seguiu para o MN.

Este foi o mais inteligente que pudemos encontrar. Repartia com elle essa situação, um *Tagnaní* de quem nos separamos com pesar. Entendia este o menor dos nossos gestos. Executava, com perfeição, qualquer pedido nosso. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 177-78)

Dentre todos os temas constituintes do diário de viagem outro complemento às questões de Roquette-Pinto foram as ideias acerca do campo científico do qual fazia parte. A antropologia enquanto prática e conhecimento científico ganhou seu espaço na obra. Traçando um comentário sobre o caminhar da própria antropologia enquanto ciência Roquette-Pinto considera primeiramente que a mesma ainda não atingiu seu potencial, admitindo categorias positivistas para essa asserção, e, seguidamente, apresentando os novos caminhos que devem ser explorados pelo campo.

A anthropologia não é mais inútil pesquisadora de soluções impossíveis para problemas ociosos, embora não tenha ainda attingido o gráo supremo que lhe foi marcado na hierarchia positiva. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.126)

Ao introduzir a questão da antropologia enquanto conhecimento que necessita desenvolver seu potencial estabelecido o antropólogo logo remete o pensamento à ideia de raça. Este conceito já no século XIX era divulgado pelo mundo como a noção de grupos em que eram divididos os seres humanos, referenciavam uma certa semelhança física conferida por aspectos psicológicos e culturais. As raças seriam, não apenas diferentes, mas sim desiguais. (TODOROV, 1989 apud RAMOS, 2008)

A raça não é uma expressão verbal, sem valia nem função; marca sempre relações, entre um grupo de organismos e o meio em que elles vivem. É, por isso, indispensável ir levando em conta os phenomenos, do mesmo modo como se apreciam os seres.

Perante a moderna orientação da anthropologia a observação dynamica das raças, dos typos, e dos próprios indivíduos, vai-se, aos poucos, caracterizando como a

única saída para os que estudam com desejo de encontrar o caminho do progresso. A descrição estatística das caracterizações não satisfaz ao espírito científico da época; recentes verificações e descobertas que a *physiologia* conseguiu, mórmente no âmbito das funções das glândulas de secreção interna, mostram que a *morphologia*, por si só, é fraco contingente para o conhecimento dos organismos. Ella é condicionada de modo iterativo pela maneira de funcionar própria á cada qual. Numa palavra: a *anthropologia anatomica*, cada vez mais, perde em favor da *anthropologia physiologica*. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 126)

Considera aspestos propriamente da antropologia a anatomia e a fisiologia. Apesar do imenso trabalho de mensuração produzido durante as atividades referentes aos Pareci e Nambiquara, Roquette-Pinto compreende a limitação de um estudo apenas anatômico e enfatiza o desenvolvimento das pesquisas em fisiologia⁵⁴ que levam em consideração os níveis psíquicos do ser. Para o antropólogo é a “psychophysiology das raças” terreno fértil para os problemas desta ciência.

Ao registrar alguns costumes como os modos de nadar e o andar dos indígenas, ressaltando as características dos caminhos e dos rios que percorriam, Roquette-Pinto aponta seguidamente o tipo de músculo trabalhado, como um exemplo de análise fisiológica.

Roquette-Pinto faz extensa pesquisa em obras que buscaram uma produção do “tipo” de índio brasileiro, demonstrando as omissões e imperfeições, mas também valoriza parte de alguns trabalhos, como os de Von Martius e D’Orbigny. O antropólogo buscou apresentar um resumo do que houvera se produzido de estudos antropológicos sobre os indígenas do Brasil, e a partir dos trechos dessas pesquisas anteriores, os quais se utiliza, Roquette-Pinto reafirma sua visão da necessidade de um salto avante nas práticas teórico-metodológicas da antropologia por meio da inserção de recursos da fisiologia. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.132)

Assim, empregando um dos estudos apresentados pelo naturalista-viajante Karl Von Martius, caracteriza a pulsação cardíaca como um aspecto fisiológico. Além de explorar o estudo de Manouvrier sobre a relação entre a medida dos membros inferiores e do corpo:

Morphologica e physiologicamente o busto (cabeça e tronco) é muito mais importante que o membro inferior. De sorte que, avaliar a sua relação com a *altura total* ou *estatura*, é determinar, até certo ponto, o valor biológico do individuo (Montessori). (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 143)

No decorrer do relato sobre o contato entre Roquette-Pinto e os índios são apresentadas notas que conduzem a constatação de algumas assertivas concluídas pelo

⁵⁴ “ciência das funções orgânicas”. Para maiores informações sobre os estudos físicos da antropologia ver: KEULLER, 2008.

antropólogo a respeito das interrogações colocadas a si próprio. O antropólogo buscou compreender quem eram fundamentalmente os índios Nambiquara e é no exemplo da maneira que aqueles dormiam, utilizado por ele para exemplificar sua constatação, que são inicialmente esclarecidos os incômodos sentidos por Roquette-Pinto. Ele experimenta o grande desejo daqueles índios para com a rede de dormir, contudo, apesar da condição potencial de produzirem esses objetos os mesmos índios continuavam a dormir no chão.

E não conheciam a rêde, inseparavel companheira dos Parecís, seus vizinhos; hoje, que a conhecem, estimam-na infinitamente. No meio delles, para repousar um pouco, á noite era uma difficuldade; mal armávamos a nossa, surgiam logo três ou quatro candidatos... E uma vez donos dela, difficilmente nol-a deixavam. Mais de uma vez fomos, todos, despertados por alguns índios, que a fina força desejavam dormir nas mesmas rêdes em que repousávamos. (...)

Porque, pois, não se utilisavam da rêde? Porque não a conheciam.

Traçar fios de algodão e de tucum, traçam elles, de maneira mais que sufficiente para confeccionar uma rêde; apreciar esse leito dos seus vizinhos, também haveriam de apreciar, como agora acontece.

Os índios da Serra do Norte attestam, por este traço ethnographico, a situação da inferioridade em que se encontram.

Tal ignorância é, aliás, característica social de um grande grupo ethnico do Brasil, que comprehende os mais atrazados aborígenes da America, no consenso de todos os que o tem estudado: - o grupo *Gê-Botocudo*. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 158)

Roquette-Pinto compõe uma noção de atraso a respeito da população Nambiquara, contudo compreendendo-a como um atraso cultural. Partindo da análise etnográfica, na observação dos hábitos sociais, o antropólogo inicia a construção de seu julgamento. Era complexo para Roquette-Pinto, homem de ciências embrenhado nos pilares do positivismo, compreender o porquê de um povo que tem todas as condições de produção, no caso o domínio de práticas artesanais que poderiam produzir, por exemplo, uma rede, e não aplicarem esta técnica, não desejando executar algo que muito admiravam.

A ideologia positivista tinha como princípios fundadores a ideia de que as sociedades passavam por três estágios evolutivos, determinados pelo desenvolvimento científico dominado pela sociedade. Assim, todas as sociedades e seus indivíduos seguiriam por um mesmo caminho evolutivo que tinha como topo a apreensão das principais ciências. (COMTE, 1976). Roquette-Pinto não admitia como aquele povo permanecia num estágio tal tendo o contato com estágios mais avançados e suas produções. A noção de que uma sociedade não seguia “os trilhos” do progresso era completamente incompreensível.

Analisando a situação da agricultura existente entre os Nambiquara Roquette-Pinto constata mais um importante elemento para a compreensão daquela sociedade. Assim, complementa seu pensamento com a nota sobre as plantações pesquisadas, admitindo ser mais

um traço “paradoxal” do grupo, considerado atrasado, apresentar tal desenvolvimento da agricultura. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 159)

A caça e a pesca, exclusivamente, não poderiam manter uma população tão grande qual a da Serra do Norte. Seriam os índios obrigados a realizar grandes incursões para outros pontos, em busca de alimento; já estariam, portanto, aniquilados há muito tempo, ou teriam perdido suas características, que só o isolamento pôde conservar.

Foi o gérmen da agricultura, que não sabemos donde houveram, si é que ali mesmo não surgiu espontaneamente, o factor que permitiu sua conservação na ‘idade da pedra’ até hoje. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 169)

Para Roquette-Pinto os Nambiquara eram um povo dentro de uma contradição. Com características nômades (hábito de se carregar sempre suas posses, maneira de dormir diretamente no chão, etc.), e, entretanto, sendo também uma sociedade praticamente sedentária (inclusive por sua alimentação baseada na agricultura, o que predispõe a necessidade de fixação da moradia). O antropólogo compreende o estabelecimento da produção agrícola como única maneira do povo Nambiquara ter atingido a manutenção necessária como um grupo tão extenso, o que não ocorreria caso tivessem de viver como caçadores e coletores, onde as condições de sobrevivência são excessivamente severas, pelos obstáculos para se caçar e colher em grande quantidade. E o fato de não terem se expandido em busca de alimento também significou para o antropólogo, a manutenção das características dos Nambiquara, visto que ao não percorrerem grande extensão do território, afastaram-se do contato com o homem civilizado, não construindo relações com ele e seus *modus vivendi*.

Por esses caminhos o antropólogo segue constituindo questão essencial acerca dos índios Nambiquara. O povo que planta milho e mandioca, (gêneros que até o momento não se compreendiam como nativos da região), e que também não mantinha contato com o homem civilizado. A agricultura, elemento de sociedades sedentárias, potencializa a capacidade dos povos ao desenvolvimento, porém essa mesma agricultura é compreendida pelo antropólogo como a principal propiciadora da manutenção de uma cultura menos desenvolvida. Além de todos esses indícios Roquette-Pinto ressalta que observa na agricultura nambiquara considerável evolução subsumindo as referências deste grupo. “Segregados inteiramente, sem mesmo conhecer os homens brancos e seus animais domésticos, o cão, por exemplo, os índios da Serra do Norte tornaram-se agricultores eméritos.” (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.169)

Não se encontrou o milho, nem a mandioca, vivendo nas matas. (...) Entretanto encontramos uma tribo segregada, na 'idade da pedra', vivendo da agricultura; e cultiva milho e mandioca iguaes aos nossos... (...) Onde, na superfície da Terra, existe milho em estado nativo, a não ser a *Zea mais tunicata*, de que alguns supõem vir a fôrma hodierna? Que desvendar de mistérios, não traria o elucidar da questão! (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 170)

Assim, Roquette-Pinto considera um paradoxo, além de um enigma, essa sociedade indígena. Para o antropólogo é impossível conceber que aqueles índios tenham tido contato com o homem civilizado, já que se encontravam na situação tão primitiva. Roquette-Pinto segue sua jornada em busca da construção da verdade do homem brasileiro e dos “tipos” que o compõem. A última citação reflete esse caráter de aventura que um mistério acarreta a determinada situação. Encontrava-se na busca de desvendar os enigmas da evolução do humano brasileiro, para compreender melhor o homem brasileiro presente e propor um melhor brasileiro no futuro.

O trabalho com os índios era árduo, intenso, e por mais científico que este estudo se caracterizasse as emoções estavam sempre ali, boas e ruins. O diário de viagem é gênero literário que permite a informalidade característica do dia-a-dia, principalmente do usual de uma viagem onde emoções positivas e negativas se intercalam rapidamente. Como exemplo disso, o relato de Roquette-Pinto traz uma nota característica desse aspecto informal. Inicialmente deve-se considerar que o antropólogo já se encontrava há meses na viagem, se deparando com diversidades, tanto agradáveis como detestáveis, mas que já não se tem uma recepção tão curiosa. O viajante já se deparava com toda uma realidade de difícil digestão para um homem urbano dedicado à ciência. Apesar de toda sua expectativa em entrar em contato com o “selvagem”, deve-se compreender que o contato em si não é algo fácil de levar. Assim como o trabalho exaustivo, num curto espaço de tempo após o longo percurso de caminhadas, apresentava suas consequências no corpo e mente do cientista. Todas essas questões, inclusive o esgotamento de seu ciclo de viagem, se pode atribuir uma falta de paciência e um desabafo:

Infelizmente Gouveia era de uma insuficiência pasmosa. Viveu entre elles, preso, seis mezes; casou-se lá com uma índia, que se esforçara por ensinar-lhe a língua de seus Paes. Afinal, fugiu sem trazer outra contribuição além de informações muito vagas, como esta que, no entanto, julgo acertado deixar aqui registrada. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 164)

O soldado Gouveia, que fora prisioneiro numa aldeia nambiquara, e depois mantivera relações com aqueles índios pelo seu casamento com uma das mulheres, não apresentara

grandes contribuições à pesquisa do cientista, apesar de sua posição perante aquele grupo. Dessa maneira, Roquette-Pinto, que via seu tempo se esgotando, e desejava colher o máximo de informações possíveis acerca dos indígenas, já via com maus olhos aqueles que não colaboravam conforme esperado.

Com o período de chuvas, característico da região, o viajante percebe que é necessário retornar, perfazendo o caminho de volta, onde passaria novamente pelos postos telegráficos anteriormente conhecidos e ainda poderia recolher algumas notas dos grupos que ali estivessem. O trecho abaixo representa mais um momento crítico da viagem quando, ao retornar, o cenário se modifica bruscamente, e o tempo vai chegando ao fim.

Para atravessar o rio Formiga, na volta, já custamos um pouco mais; as primeiras chuvas do verão haviam incrementado seu volume, a planície das suas margens, especialmente a da esquerda, fora invadida.

(...) Riachos modestíssimos, que viramos ondular quase á medo nos seus primeiros kilometros atravez do chapadão, fomos encontrar, na Estrada Rondon, rios feitos, ousados, insolentes, vultuosos, despencando-se de alturas consideráveis em saltos phantasticos, cachoeiras maravilhosas.”

(...) A ponte da Estrada Rondon sobre esse rio aluira-se, ao embate da cheia; não resistiu ao peso de nossos cargueiros. Cedeu. Quase perdemos três bois afogados. Algum material infelizmente, foi pela água abaixo. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 193-194)

Agora as intempéries seriam mais constantes. Com o passar do tempo as dificuldades parecem importar mais, o cansaço, obviamente, vai tomando espaço, incomodando duramente. A alimentação já rareava, “Nossas provisões já se tinham tornado escassas. O assucar começou a faltar e appellámos, mais uma vez, para o mel delicioso da bojuí preta, da borá Regina, da jati.” E juntamente a isso a preocupação em manter todo o material de imenso valor dominava o antropólogo que dizia ter desejado, em alguns instantes, abandonar os índios com quem ainda trabalhava para acompanhar o material que seguia adiante.

As chuvas eram diárias e torrencias. Os bois da nossa tropa, na espinha, frouxos e com o lombo horrivelmente pisado, infundiam-nos pouca esperança de chegar á Tapirapuan com todo material. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 198)

Apesar das dificuldades que enfrentava no fim de seu percurso Roquette-Pinto é brindado com as novidades do “progresso” no sertão. O Tenente Amarante com “seus Parecís de Aldeia Queimada” abriram uma estrada para automóveis em Utiarití.

Mas uma circumstancia, nimiamente feliz veiu livrar-me dessa opressão. E terminei o meu ‘raid’ pelo sertão do Nor’Oeste de Mato-Grosso da mais imprevisita maneira.
(...)

Nesse automóvel, e por esse caminho novo, cortamos o divisor das águas, com toda a nossa bagagem, pela boa vontade e inesgotável amabilidade daquele engenheiro militar. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 198)

Ao final do livro Roquette-Pinto apresenta agradecimentos e a conclusão de sua empreitada. Pontua vinte e duas conclusões acerca dos índios da Serra do Norte. Traz a noção do que é o índio naquele presente, seus possíveis caminhos, e como o governo deve proceder acerca de sua situação. Dessa forma, Roquette-Pinto retorna trazendo uma noção do índio como futuro tutelado, onde a sociedade e o governo deveriam protegê-lo e não pensar em dele se aproveitar.

Rondonia apresenta largo estudo acerca dos índios da Serra do Norte, como foi demonstrado nas páginas anteriores, sendo esta a finalidade primeira da viagem em que foi confiado e da própria obra. Como igualmente exposto nesta dissertação, o relato de viagem não necessita, (e dificilmente consegue), se restringir apenas aos assuntos sumariamente definidos. Pelo contrário, relata cada pensar impulsionado pelas experiências, sendo constituído pelas muitas reflexões produzidas, e grande parte destes pensamentos refletem o pensar sobre o mundo de origem do viajante. Importante tema exposto por Edgard Roquette-Pinto, e que revela muito de seu pensamento, é a referência à noção de homem e de mundo que o antropólogo compreende. Na apresentação da obra, em suas primeiras linhas, o antropólogo, com muita clareza, demonstra o que retirara desta notável experiência especialmente no tocante a sua realidade.

Para Roquette-Pinto o mundo era alterado muito mais rapidamente do que o homem fazia a si próprio. O desenvolvimento científico, intensamente marcado pela última década, mudava violentamente o mundo e a maneira de se viver, aparentando a falsa noção de um desenvolvimento humano também. Como relata o viajante, o homem

chegou a voar melhor que as aves; nadar melhor que os peixes; libertou-se do jugo da distancia e do tempo; (...) ouve a voz dos que morreram, conservada em laminas, com o seu timbre, e as inflexões da dor e da alegria; (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. XI)

Contudo, não era possível observar uma mudança realmente significativa no homem enquanto ser. O pensamento de Roquette-Pinto era formado pela existente tensão que percebia entre o **mundo** e o **homem**, que no interior da questão, não caminhavam juntos. O mundo, enquanto natureza e aplicações tecnológicas, seguia em constante desenvolvimento, enquanto o homem, como parte desta realidade, aparentemente seguia este caminhar. Entretanto o antropólogo percebe a “crosta de verniz brilhante” na qual esses homens estavam embebidos.

A partir das realidades experienciadas pelo antropólogo, sua viagem à Europa e o contato com os “índios da idade da pedra”, concebe como seu pensamento a percepção de que, por mais tecnologias que os homens da primeira sociedade dominassem, de nada podiam se envaidecer, no que concernem as questões ontológicas, sobre os segundos. Permaneciam em grande parte com os mesmos vícios que os “primitivos” índios, chegando até a um nível de maior embaraço, já que muitas vezes se intitulavam como pertencentes ao topo da civilização sem mesmo praticar aquelas enormes qualidades divulgadas. Isto posto, para Roquette-Pinto era necessário uma efetiva transformação do homem, a evolução para um novo homem, o qual o antropólogo acreditava ser possível. Talvez tendo admitido esta esperança ao lidar com os homens de **Rondonia**, o índio que mesmo sem saber definir com palavras pratica a “solidariedade humana”, e o sertanejo, “magro e feio”, mas tão forte para “amarrar os extremos da pátria”.

Contemplando a abordagem acerca das questões primordiais elucidadas durante o relato de viagem e que constroem essencialmente a obra, no compreender da análise travada aqui, foram observadas importantes estratégias de representação da natureza e do homem *rondoniano*.

Assim como o zoólogo Alípio de Miranda Ribeiro, Roquette-Pinto se utilizará de amplo arsenal de adjetivos para caracterizar as muitas paisagens por onde passou. Nas descrições da geografia do estado, das florestas e cursos dos rios da região o viajante não poupa as caracterizações geralmente com alto teor poético. Em 11 de agosto de 1912, seguindo pelo rio Paraguai após deixar a cidade de Corumbá ele descreve:

Enquanto o vapor sobe a corrente, vão passando, como no pano de fundo de um cenário de magia, árvores folhudas, onde, confiantes, livres e ágeis, casais de macacos, atores inconscientes, exibem o seu papel. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 51)

Para Roquette-Pinto aquele era o “paiz de sonho”, um paraíso, onde a fantasia poderia aflorar. Aqui, novamente, a natureza era concebida como obra de arte. Enquanto Miranda Ribeiro descrevia o que via como um livro, o antropólogo anuncia uma peça teatral onde os animais são personagens. Essa metáfora utilizada pelos cientistas demonstra o quanto compreendiam, ou desejavam representar, a natureza como um constructo de aparência perfeita, como se a mesma fosse desenhada ou escrita com todo o cuidado que uma obra de arte deve ter. A teoria da evolução, a qual expandia seus conceitos para além dos limites das ciências da vida, divulgava o quanto tempo as espécies animais, assim como as vegetais,

levaram para se tornarem o que são. Quer dizer, a constituição da natureza exigiu muito tempo e trabalho, nos mínimos detalhes, até mais do que as próprias obras de arte levavam (ou levam), afirmando a intenção de aproximar ou mesmo de ultrapassar estas.

As descrições acerca da natureza brasílica não se limitaram às analogias referenciadas acima. De importante valor a essa pesquisa foi a identificação de uma outra representação do natural encontrado nos sertões do Brasil.

E' palmeira do campo.

Quem passa, attrahido pela modéstia de sua estipe, preso ao seu perfume, aproxima-se; e, como si desejasse fazer as honras do sertão ao visitante, arqueada ao peso dos cachos, Ella offerta seus fructos.

Em geral as palmeiras, como as outras mães-arvores, ou talvez ainda mais, erguem para o céu, bem longe dos homens, os filhos cubiçados. Ha lucta para conseguil-os. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 69)

Agora as palmeiras do Salto da Felicidade ganhavam ares de ser humano. O viajante humanizava a natureza na busca de melhor representá-la aos leitores. Ela podia ser anfitriã, balançar seus cachos, tendo sua dimensão de mãe ressaltada. Acerca das bacias do Prata e do rio Amazonas Roquette-Pinto igualmente confere aspectos humanos.

Quem atravessa Mato Grosso nota que seus arroios orientados para o Norte, contribuintes do Amazonas, e os que vão perder no Paraguai, nascem como irmãos gêmeos, lado a lado; entre uns e outros não há montanhas. Dir-se-ia que se afastam, cada qual para seu destino, pela razão de uma vontade individual. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 1-2)

Rios são considerados irmãos e seus percursos são como os caminhos do destino. Para Roquette-Pinto essa era a maneira de se compreender a natureza. Ela poderia ser humana, praticamente com desejos e vontade própria. Em outro instante as folhas que desatavam de uma planta eram encaradas como suas lágrimas. E a cigarra, com seu canto, emitia “nota aguda de um mezzo-soprano”. Dessa maneira os elogios foram diversos e a humanização desta natureza brasileira compôs categoricamente a narrativa do viajante.

Esta constatação poderia não ser tão valorizada nesta pesquisa não fosse outra categorização referente ao homem.

Distintamente de Miranda Ribeiro que compreende uma tensão e oposição entre a natureza e o homem brasileiros, Roquette-Pinto percebe, pelo contrário, uma complementação desses dois polos naquelas terras. Apesar de compreender os aspectos negativos em variadas paragens, ele consegue reconhecer o belo na carência das cidades e de seus cidadãos.

A cidade e seus arredores foram erguidos em uma mancha calcareo-silicosa no lençol argiloso, humido, alluvial de toda a região.
 Nua, sem a proteção das árvores, sofre no verão os rigores do Sol; a poeira fina, sutil, levanta-se em nuvens, ao menor transito, e invade as vias respiratórias.
 Quando chove surge o tijuco, pastoso, exuberante, tomando as ruas, aliás bem traçadas, alinhadas em taboleiro. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 56)

O viajante, ao relatar sua imagem da cidade de São Luis de Cáceres, demonstra sensibilidade e trato especial com as palavras. Mesmo com a poeira dominante na cidade, aspecto de desgosto a muitos, como ao zoólogo, e a constante lama causada pelas chuvas, consegue demonstrar beleza no cenário que aparenta certo desleixo. Diferente do primeiro relato analisado, Roquette-Pinto enxerga na simplicidade daqueles homens e de seus costumes um encanto.

Sobre um casal de índios Guató que conhece ao passar pelo rio Paraguai a caminho de Cáceres

Joaquim é um Guató cego, que vive sentado debaixo de uma figueira, ao lado da cabana, rolando na direção do rio, seus olhos extintos.
 Vive alli, naquele aterrado, ponto firme no meio do pantanal, só com a sua Guató, velha companheira corajosa de sua triste escuridão, que o alimenta e o protege.
 Ella colhe, naquela terra, os fructos que cultivava para manter seu lar.
 Perdido num recanto agreste, rodeado de feras e perigos, esse drama de amor e de piedade se desenrola há alguns annos.
 E' um poema de bondade, que a natureza feminina canta, no amago da mata, com todo o encanto da beleza primitiva e toda a santa poesia de uma dedicação sem esperança...(ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 52)

Roquette-Pinto observa no casal de índios a beleza da vida simples e dura, do plantio para a própria subsistência aos perigos da mata, a qual os companheiros se entregam. Ali o antropólogo igualmente consegue distinguir a presença da arte comparando a dedicação da mulher a seu parceiro a um poema. Aqueles homens eram, assim como a natureza, merecedores de grandes elogios e admiração, provocando em seu público a emoção característica das obras de arte. Obras essas que já foram comparadas à natureza no relato e que agora faziam parte do caráter dos homens, pois que esses, diferentes dos que partilhavam das grandes invenções da civilização moderna, eram homens com a dimensão natural ressaltada, eram homens naturais, homens da terra, pertencentes e constituídos pelas qualidades da mesma.

O que é encontrado no relato de Roquette-Pinto é o processo de naturalização do homem rondoniano, simples e belo como a natureza e como a arte. O sertanejo como exemplo primordial desse povo era admirado pelo antropólogo que compreende nas próprias crianças o

caráter de “verdadeiros homens”, pelo crescimento que implica a sobrevivência às adversidades daquele território.

João Cavalcante é sertanejo inteligente e bondoso. Fiz-lhe uma série de questões; respondeu com clareza.

O saber dessa gente matuta tem sabor especial. Quando nos contam cousas e factos, não se prendem a theorias e liames de que se acham embaraçados os letrados. Na sua voz, é ainda a própria Natureza quem fala; ganhamos escutando-a. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 63)

Mais uma vez, com clareza, Roquette-Pinto apresenta sua percepção da natureza naquela gente. Sua fala era como o próprio canto dos pássaros, ou os ruídos da cachoeira, e sua crianças eram “filhos da floresta”.

Não havia, no pensar do cientista, tensão entre o homem e natureza rondonianos, pois que ali sim era o local onde os dois polos brotavam do natural, da terra. Assim conseguiram dialogar. Lá, naquelas terras onde a natureza é humana e o homem é natural. A tensão ocorria no mundo civilizado pois ali o homem não acompanhava as modificações que ele mesmo promovera no mundo, mantendo um desequilíbrio constante representado pelas guerras e injustiças irradiadas pelo mundo.

O antropólogo desejava compreender quem eram os homens que antecederam aos brasileiros da sociedade moderna, e buscou comparar aqueles homens, tidos como homens do passado, com os homens do presente numa investigação sobre si mesmo e sua sociedade.

A maior parte dos documentos, arquivados neste livro, data daqueles dias inesquecíveis.⁵⁵

2.2. OS RELATOS EM EMBATE

Os relatos de viagem de Alípio de Miranda Ribeiro e Edgard Roquette-Pinto se constituíram de maneira consideravelmente distinta, tanto nas estratégias de escrita escolhidas pelos respectivos autores como nas trajetórias das obras ao longo do tempo.

Apesar de serem resultantes de um mesmo projeto, em viagens distintas, entretanto pertencentes à mesma Comissão, a forma em que se retrataram seguiu algumas similitudes

⁵⁵ Frase de Edgard Roquette-Pinto após o início do contato com os Nambiquara. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 114)

advindas do próprio gênero literário, como as notas diárias, mas também puderam ter suas particularidades bem definidas, valendo isso igualmente para suas conclusões centrais.

Miranda Ribeiro desejou tecer um comentário amplo, sem extensas explicações científicas, que poderiam tornar seu relato um monótono estudo de classificação e sistematização zoológico, privilegiando a elucidação da natureza num plano maior, onde estabelece como principal viés o modelo comparativo entre o homem e a natureza brasileiros.

Já o antropólogo Edgard Roquette-Pinto torna seu relato muito mais científico⁵⁶, contudo com uma suavidade distinta pela própria temática de seu trabalho, a antropologia e a etnografia. Encontra-se no relato uma boa dose de inventário científico pelas tabelas de medições dos indígenas e imagens de artefatos coligidos com as indicações de localização no acervo do Museu Nacional. Obviamente deve-se considerar que esse relato foi integralmente publicado em algumas edições, permitindo uma organização mais eficiente. Seu relato detinha como objeto de estudo também seu objeto de divagação de modo que a maior parte de suas páginas é dedicada a essa atividade. Todavia igualmente é possível perceber o modelo comparativo entre o homem e a natureza brasileiros como peça fundamental no desfecho do pensamento que o antropólogo pretende divulgar em sua obra.

Enquanto Miranda Ribeiro caçava e estudava os animais, travava digressões não somente para com esses, mas igualmente sobre a paisagem natural local, e principalmente a respeito dos homens. O zoólogo representou um embate entre os homens (e suas construções) e a natureza interioranos. Para ele os homens representavam o que o Brasil precisava modificar, a imigração foi citada por vezes. Comum às discussões científicas da época a miscigenação não levaria o país a seu patamar de progresso tão desejado. Entretanto a natureza brasileira, que Ribeiro reencontrava ali, era merecedora de todos os elogios e cobiça dos países vizinhos. Era como se fora criada nos mínimos detalhes como os melhores materiais que se encontravam disponíveis na Terra.

Já Roquette-Pinto estudava cientificamente os homens e divagava também sobre o mesmo objeto, mantendo em grande parte suas palavras em construções científicas ou não acerca desses. Contudo foi possível identificar durante a narrativa a existência também de uma relação entre a natureza e o homem brasílicos. Assim como o relato do zoólogo muitos foram os elogios derramados pelo antropólogo para com as belíssimas paisagens por onde passara. Faziam parte de suas notas de forma muitas vezes poética as descrições desses

⁵⁶ Sá ressalta a atuação singular de Edgard Roquette-Pinto no movimento, no início do século XX, em prol da distinção entre literatos e cientistas, e conseqüentemente na redefinição de suas respectivas práticas. (2006, p. 117-126)

cenários e de seus personagens principais. O que foi constatado também para com os habitantes da região. Não deviam nada àquele panorama natural pois que eram constituintes e constituídos por ele. Assim como os animais, o sertanejo e o índio eram personagens daquele paraíso, e por isso Roquette-Pinto não concebia choque entre os dois, contemplando um com um pouco mais de “humanidade” (sic) e o outro com mais “naturalização”.

Apesar das distintas concepções pode-se perceber que tanto um como o outro cientista compreendiam a simplicidade natural como o mais belo aspecto a ser analisado. Pois que as representações que para cada um receberam o aspecto do natural revelado receberam a exaltação. Contudo, apenas o antropólogo conseguia extrair do homem rondoniano essa qualidade, por isto mesmo admitira ali uma terra distinta a ser chamada de *Rondonia*.

Em coreografias que se alternam, os cientistas constroem suas representações de Brasil (ou de algum Brasil), privilegiando como fim o pensamento sobre a sociedade e seus indivíduos, pensando ainda em sua própria constituição. Para Miranda Ribeiro, naturalista baseado nas referências dos ilustres naturalistas viajantes do século XIX, era fundamental pertencer a uma experiência como esta, tendo na constituição do relato de viagem a consolidação do evento. Roquette-Pinto igualmente tem na prática, com a publicação e ampla divulgação de sua obra, o alicerce de sua figura enquanto antropólogo.

Na busca de compreender o mundo em que vivem construindo uma resolução às questões postas, e ainda, a constituição de sua identidade, pode-se conceber aos relatos de viagem uma nova proposta que foge aos parâmetros das análises comumente apresentadas e seguir a caminhos do mistério, do mito, e do herói mitológico.

3. PARTE III

3.1. O CIENTISTA COMO HERÓI NA NARRATIVA DO RELATO DE VIAGEM

“Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes.”⁵⁷

O livro do mitólogo Joseph Campbell, *O herói de mil faces (1949)*, apresenta a existência, baseada no conceito de imagens arquetípicas do psicanalista Carl Gustav Jung, de modelos mitológicos que podem ser visualizados em diversas construções, que incluem mitos arcaicos de diferentes regiões do planeta, sonhos, assim como obras literárias modernas. O contato com obras de Campbell despertou o interesse em outra direção para a análise dos relatos e da viagem dos naturalistas da Comissão.

Apesar de contestada por alguns teóricos da mitologia a obra de Campbell é utilizada aqui como pontapé inicial para o ensejo de possíveis reflexões acerca das narrativas dos diários de campo estudados. Não se pretende de maneira alguma provar a existência de um mito nas narrativas de viagem, e nem mesmo uma intenção buscada por aqueles cientistas na construção de uma narrativa mitológica. Contudo acredita-se que é possível identificar elementos mitológicos, característicos primordialmente dos mitos que desenvolvem a jornada de um herói, nas construções narrativas analisadas, e que, conseqüentemente, isto encobriria um significado e uma intenção. Assim, compreende-se e subsume-se como início a este momento da análise as palavras do teórico Mircea Eliade que caminhou em paralelo com as abordagens de Campbell: “O pensamento mítico pode ultrapassar e rejeitar algumas de suas expressões anteriores, tornadas obsoletas pela História, pode adaptar-se às novas condições sociais e às novas modas culturais, mas ele não pode ser extirpado.” (ELIADE, 1972, p. 124)

Para se compreender o que será proposto é necessário conhecer a base do pensamento de J. Campbell que se sustenta na psicanálise analítica de Jung. Para o psicanalista as imagens arquetípicas seriam

⁵⁷ CAMPBELL, 2007. p. 36.

formas ou imagens da natureza coletiva que se manifestam praticamente em todo o mundo como constituintes dos mitos e, ao mesmo tempo, como produtos autóctones e individuais de origem inconsciente. (JUNG, 1978 apud CAMPBELL, 2007, p. 51)

Seriam imagens comuns aos homens e suas composições, como os sonhos e os mitos. Apesar de seu carácter pessoal pela psique, essas imagens não são individuais, não sendo possíveis alterações pelos desejos individuais de um delírio. Para Campbell o sonho e o mito representam uma mesma dinâmica psíquica, contudo o sonho é personalizado pelas distorções de questões pessoais do indivíduo. Já o mito detém problemas e questões da sociedade.⁵⁸

O autor segue a linha da “psicologia analítica” como uma das modernas teorias do mito apontadas por Eleazar Mosséievich Mielietinski⁵⁹. Para Mielietinski (1987, p.77), Joseph Campbell juntamente a Mircea Eliade foram os dois principais autores da primeira metade do século XX “no campo da generalização e resumo sobre mitologia”. O primeiro seguindo o junguianismo e o segundo estabelecendo contato com a psicologia analítica para uma explanação mais abrangente.

Na companhia de outros nomes como Cassirer, Lévi-Strauss e o próprio Eliade, Campbell fez parte das novas interpretações do mito que surgiram no início do século XX. As interpretações de Campbell e também de Eliade podem ter conquistado popularidade por seu enfoque psicanalista e generalizador, entretanto Mielietinski ressalta sua preocupação para com um possível reducionismo dos mitos aos “complexos psicológicos” e vice-versa, pois que, o autor russo afirma ser necessário manter a análise das distintas “produções da imaginação humana”. E. Mielietinski repreende também os conceitos de “eterno retorno”⁶⁰, desenvolvido por Eliade, e da “essência imutável das máscaras mitológicas”⁶¹, de Campbell,

⁵⁸ Na nota 18 do Prólogo de *O herói de mil faces* Campbell demonstra, assim como Jung já afirmara, que a teoria dos arquétipos não fora invenção do psicanalista. Por meio de citações de F. Nietzsche, A. Bastian, F. Boas, J. G. Frazer e S. Freud demonstra que a ideia de que haveria um pensamento comum a mente humana das mais diversas regiões e desde um tempo passado fora desenvolvido pelos pensadores anteriormente. Ver: CAMPBELL, 2007. p. 51-52.

⁵⁹ Eleazar M Mielietinski em sua obra *A poética do mito* faz um compêndio acerca das teorias modernas do mito apresentando suas características e principais autores para chegar à relação entre o mito e a literatura no século XX.

⁶⁰ É a ideia de que desde os tempos primevos as sociedades mantem mitos que devem ser compreendidos a partir de sua continuidade, e repetição, nos rituais. O tema do “eterno retorno” é encontrado em diversos mitos que compreendem a repetição cíclica da criação do cosmo, o que dependerá de um fim para um novo recomeço. Para Eliade este tema se torna um arquétipo na medida em que é encontrado em diversos mitos. Além disso reflete também um pensamento anti-historicista do autor pela necessidade de suspensão do tempo histórico para um tempo sagrado. Ver: ELIADE, 2001. <http://www.biblioargentina.org.ar/archivos/adcurso/mer.pdf> Acesso em: 3 de dezembro de 2012.

⁶¹ Em sua coletânea “*As máscaras de Deus*” vols. 1, 2, 3 e 4, Joseph Campbell buscou apresentar uma análise das mitologias espalhadas pelo mundo, desde as mais antigas, como em seu vol. 1 (Mitologia Primitiva), até as mais diversificadas vol. 2 (Mitologia Oriental), vol. 3 (Mitologia Ocidental) e vol.4 (Mitologia Criativa). Nesta obra Campbell permanece afirmando sua teoria de que os mitos, nos mais distintos espaços e tempos, tendem a manter os mesmos arquétipos e funções, por trás das diferentes “máscaras” pode-se encontrar uma mesma base

afirmando que apesar da divulgação de que seriam essências dos mitos os mesmos não são nem mesmo essenciais às teorias sobre o tema. Entretanto afirma num outro momento (p.196) que “a transformação do caos em cosmo constitui o sentido fundamental da mitologia”⁶², questão primordial para o conceito do *eterno retorno* de Eliade. A generalização difundida pelos dois autores acerca das questões mitológicas e da psicanálise é para Mielietinski um sintoma do período do modernismo cultural em que viviam e levava à dissolução das temáticas abordadas. (MIELIETINSKI, 1987, p.180-6)

Ainda que o teórico Eleazar M. Mielietinski mantenha posição contrária ao pensamento de Campbell, o mesmo é categórico em afirmar que o mitólogo norte-americano descobriu o padrão ritual da iniciação dos mitos heroicos⁶³. Destarte as concepções abordadas pelos teóricos Joseph Campbell e Mircea Eliade apresentam-se como interessantes meios para se pensar a Ciência, como uma proposta de análise a partir de sua relação com a Mitologia. A busca é no sentido de se compreender o conhecimento científico em suas distintas dimensões da produção humana, localizando-o no início do século XX brasileiro, e posteriormente em nossa atualidade. Os materiais primordiais permanecem sendo os diários de viagem abordados. Será dada continuidade à análise com o acréscimo da temática mitológica, focalizada no arquétipo do herói mitológico, na tentativa de se propor um novo olhar a questão e que possa acrescentar ao estudo, sem se aprofundar nas questões psicanalistas do herói e seus desdobramentos ao homem moderno.⁶⁴

A trama do herói que segue a uma jornada de aventuras e depois retorna a seu mundo real se tornou importante modelo de história para a literatura e artes em geral ao longo do tempo. O herói, juntamente aos deuses, estabelece a história dos homens, organizando e dotando-a de representações, e necessidade.

Dos mitos das populações ditas primitivas aos romances e à banda desenhada contemporâneos, o herói continua a figurar como uma pessoa em torno da qual se desenrolam as vicissitudes da vida e da morte, das origens da sociedade e do significado de toda a acção. Todavia, enquanto o herói mítico aparece como aquele que vem antes da lei, da norma, do direito, da ordem, (...) e que com as suas acções rompe a sequência linear do tempo para fundar num ritmo diferente a possibilidade de uma vida social ainda que mortal, o herói trágico, pelo contrário, contribui para reafirmar o estatuto geral da sociedade (...). A individualização do herói, o ter-lhe tirado a máscara, é um produto da literatura, especialmente quando uma sociedade

psicológica arquetípica. Apesar de compreender importantes considerações do mitólogo norte-americano Mielietinski não aceita o caráter generalizador e essencial desse conceito.

⁶² Mircea Eliade, em *Mito e realidade*, desenvolve largamente a concepção do retorno cíclico do mito representativo do início como cosmo (a ordem) e do fim como caos (desordem).

⁶³ Mielietinski afirma que V. Ya. Propp e W. E. H. Stanner, cada qual de forma autônoma, também fizeram parte desta descoberta. (MIELIETINSKI, 1987, p. 266)

⁶⁴ Para maiores esclarecimentos ver: CAMPBELL, 2007.

passa das tradições orais à escrita como forma da narração dominante. As ambiguidades caem para dar lugar a um personagem psicologicamente construído ainda que nem sempre sobre a imaginação. (...) Deste modo, mudam também os processos de identificação inerentes mais à imaginação social do que à imaginação sobre os alicerces originários da sociedade. Todavia, a necessidade de um herói tipo, sem caracterizações individuais, parece hoje renascer – por meio de personificações – através do cinema e outras formas de comunicação em massa que criam novas máscaras, que repropõem noutras dimensões os valores do simbólico no tempo actual. (ENCICLOPEDIA EUNAUDI, 1994)

Para Mielientiski os mitos heroicos são formas clássicas do mito. O mito ratifica a ordem social e cósmica existente, e exemplifica ao homem o que é o mundo e o próprio homem daquela dada sociedade para que ele compreenda e saiba manter essa ordem. Os mitos e ritos de passagem são exemplos importantes do mito enquanto auxiliador de condições críticas psicológicas, derivadas das etapas complexas da vida, que o indivíduo passa, e tem a capacidade de solucionar as crises no intuito de beneficiar a relação com a sociedade, questão primordial do mito. O herói representa a sociedade, sendo o mito uma questão social e não individual. (MIELIENTSKI, 1987, p. 197)

Joseph Campbell, antropólogo e mitólogo norte-americano, compreende que “os heróis e os feitos do mito mantiveram-se vivos até a época moderna”. Com suas distintas “faces” detém um mesmo arquétipo nos mitos. O que Campbell pretende é demonstrar a possibilidade de diálogo entre as diversas culturas, que, apesar da multiplicidade de costumes, símbolos e etc, mantém uma essência em comum. O mito, primordialmente enquanto monomito representado pela aventura mitológica do herói, é utilizado para comprovar sua ideia. Monomito⁶⁵ é o termo utilizado para denominar o conjunto de características encontradas correntemente nas mitologias espalhadas pelo mundo, e ainda nas diversas narrativas como propõe o autor.

Assim Joseph Campbell busca demonstrar o quanto há de convergências nos mitos espalhados pelo mundo, tendo como principal foco o arquétipo do herói e sua jornada. Para o autor não é apenas a cultura ocidental moderna, mas ainda as várias sociedades que sucederam ao longo do tempo, que se utilizaram do padrão de núcleo temático sintetizado pela forma estrutural dos ritos de passagem, “*separação-iniciação-retorno*”⁶⁶, compreendido como a “unidade nuclear do monomito” (CAMPBELL, 2007, p. 36).

Dessa maneira, o herói é encontrado em diferentes configurações, com diversas faces, nos múltiplos mitos existentes. Contudo, símbolos que permeiam os mitos demonstram certa unicidade dentro dessa multiplicidade. Joseph Campbell descreve a organização existente na

⁶⁵ Termo retirado de *Finnegans Wake*, romance de James Joyce (1939)

⁶⁶ Esta fórmula padrão é representada por Joseph Campbell por meio de uma imagem reproduzida no ANEXO 6.

aventura do arquétipo mitológico esmiuçando a estrutura anteriormente citada (separação-iniciação-retorno).

As ações que definem o percurso são: afastar; penetrar; retornar, sendo a retirada do mundo exterior para o mundo interior o primeiro passo do herói. Assim, a *separação*, termo utilizado no parágrafo anterior, pode ser compreendida como a partida, é o momento do conhecimento do herói, composto pelas subdivisões definidas por Campbell, “chamado da aventura”; “a recusa do chamado”; “o auxílio sobrenatural”; e “a passagem do primeiro limiar”, de maneira geral. A *iniciação*, momento de desenvolvimento da aventura por meio dos desafios que serão ultrapassados, é marcada especialmente pelo “caminho de provas”; “a apoteose”; e “a última benção”. Chegando à última parte da jornada temos o *retorno*, marcado pela “fuga mágica”; “o resgate com a fuga externa”; “a passagem pelo limiar do retorno”; “senhor dos dois mundos”; e “liberdade para viver”, como principais pontos (CAMPBELL, 2007, p.41).

A jornada mitológica do herói tem como seu primeiro estágio, da parte inicial (**separação**), o *chamado da aventura*. Isto quer dizer que o herói foi convocado pelo destino para sair do “centro de gravidade do seio da sociedade” a um local “desconhecido”. De diferentes maneiras esse chamado pode ocorrer, com o aparecimento de um guia, pelo acontecimento de um erro, ou mesmo pelo simples interesse do herói por algo aparentemente comum. (CAMPBELL, 2007, p.66). O lugar estranho ao qual será levado pode ser representado pelo topo do céu, ou pelas profundezas do inferno, assim como o fundo do mar ou uma ilha distante. A ida a esse local pode ser por desejo próprio ou mesmo uma obrigação.

No diário de viagem do zoólogo Alípio de Miranda Ribeiro, “Ao redor e através do Brasil”, pode-se identificar a presença de construções na narrativa que se assemelham a esse estágio inicial distinguido por Campbell. O contato inicial com a existência da CLTEMA se deu por meio de uma nota de jornal que comunicava o acontecimento da empresa, como relata em seu diário. Aquilo lhe chamara a atenção, porém prontamente resolve esquecer a possibilidade que se apresentava de executar a viagem pelo Brasil que sempre sonhara. Neste instante revela o passo seguinte da primeira parte do monomito, *a recusa do chamado*, momento em que por algum motivo, medo, desconhecimento, incerteza, o herói decide não seguir o chamado e continuar em sua mesma posição. Mesmo Miranda Ribeiro desejando a viagem, percebendo que se apresentava uma interessante ocasião para concretizar seu sonho, demonstra em sua narrativa a negação optada ao observar dificuldades na execução do chamado.

(...) em princípios de 1907, li no “Jornal do Commercio”, do Rio de Janeiro, a notícia que se preparava uma comissão como fim de construir uma linha telegráfica ligando Cuyabá no Estado de Matto-Grosso, a Santo Antonio do Madeira, no Estado do Amazonas; pensei na minha sonhada viagem, era o ensejo que se apresentava.

Contudo, tinha então no prélo os dous primeiros tomos da “Fauna Brasiliensis”, cuja impressão precisava acompanhar. Afastei, por isso, do espírito esse sonho que me fascinava mas que, me parecia não ter ainda o seu momento chegado.

Não mais pensei no assumpto. O trabalho da secretaria do Museu Nacional, agrega, além das fastidiosas funcções burocráticas, a de satisfazer informações diversas, muitas vezes resolvidas pelo expedito e inteligente meio do telephone. (RIBEIRO, 1909, p. 1)

Mesmo após a recusa, pode-se perceber um retrocesso ao primeiro estágio da iniciação já que inesperadamente “(...) Poucos dias depois daquele em que eu lêra a noticia do Jornal acima referida, estando na secretaria, fui chamado ao telefone.” (RIBEIRO, 1909, p.1) Ao telefone se encontrava Gustavo Peckolt⁶⁷, que lhe fizera uma pergunta sobre a nomenclatura científica de um pássaro e seguidamente o convidara para um encontro com alguém que desejava ter “esclarecimentos zoológicos”. Peckolt figura como o arauto, mensageiro, que Campbell aponta como característico do *chamado da aventura*. Comumente é observada no mito a existência dessa personagem que indica para onde o herói deve seguir em busca da jornada.

O antropólogo Edgard Roquete-Pinto por sua vez apresenta igualmente em sua narrativa elementos que indicam a proximidade com as etapas do monomito de J. Campbell. Roquette-Pinto expõe seu contato com o chamado para a aventura revelando o caráter místico desse momento por meio das palavras escolhidas.

Trabalhei alguns meses, em 1910, junto a Cândido Rondon; a poesia daquelas terras remotas infiltrou-se-me o pensamento.

Ouvir o mestre, era escutar a voz chamadora do sertão; sentir o rumorejo das florestas distantes. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 32)

Convidado a atuar na comissão pelo próprio Rondon, o antropólogo indica seu momento de recusa ao chamado. Este estágio pode ou não ocorrer nos mitos e narrativas correlatas como afirma Campbell (2007, p. 66), às vezes gerando um triste fim quando o herói mantém esta negação, pois que a recusa significa uma renúncia em prol do interesse próprio, o que se opõe ao fundamento primordial do mito que são as questões do social, mas pode-se ainda retornar a esse chamado ao adquirir uma maior consciência, ou, nos casos mais complexos, por um auxílio sobrenatural.

⁶⁷ Filho do famoso, e também, farmacêutico, Theodore Peckolt.

Em 1911, quando Rondon foi, mais uma vez, para o reino encantado de cousas novas e recortado de ásperas veredas, segui para a Europa...

A nossa vida é mesmo assim.

Crescemos, uns, qual arvore indivisa, levados pela força de um destino rectilíneo, como as palmeiras crescem; outros com a vida ramificada pelos empuxos ambientes. Pretendemos. Tentamos. Retrocedemos. Afinal, caminhamos na diretriz primitivamente escolhida, quando o tempo nos concede alcançar; crescemos como as lianas. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 32)

Assim Roquette-Pinto busca apresentar os motivos de sua recusa, seguindo a demonstração do retrocesso ao chamado. Quase como algo sobrenatural apresenta o destino enquanto responsável pelos caminhos seguidos, travando uma analogia ao crescimento das árvores. Mas, finalmente, em 1912 o antropólogo consegue seguir a viagem já pretendida, retornando ao caminho destinado ao herói.

Os próximos pontos específicos da primeira parte da jornada são *a passagem pelo primeiro limiar e o ventre da baleia*. Não se evidenciam de modo tão manifesto nos relatos, entretanto é interessante aponta-los em favor de uma análise mais completa. Os dois aspectos supracitados serão analisados conjuntamente pela complementariedade existente entre si. *A passagem pelo primeiro limiar* representa o momento inicial da passagem para o outro mundo. A ocasião onde sentimentos contraditórios se encontram é de excepcional cuidado pelo efetivo contato com o desconhecido. Geralmente observa-se a presença de um guardião desse limiar, que tanto protege a passagem, podendo aparentemente ser perigoso desafiá-lo, quanto apresenta um mundo novo. Ultrapassá-lo é necessário e gratificante, pois que o receio do desconhecido é sanado após esta conquista. (CAMPBELL, 2007, p. 82-91)

O ventre da baleia, como complemento ao momento anterior, é a continuação da passagem. Enquanto o primeiro fala da passagem referente ao mundo exterior e da dificuldade de se sair dos espaços comuns ao cotidiano e ultrapassar o limite para o desconhecido, o segundo fala da passagem interior. Os mitos que apresentam construções com as imagens do ventre de algum animal ou monstro, geralmente se referem ao herói que é engolido e acaba no interior daquele ser. Este acontecimento representa a morte do herói que, após se encontrar num “útero”, renasce transformado, quando se livra do interior ao qual fora dominado. Estes estágios do monomito representam o quanto o herói necessita se renovar, para o mundo externo e para o seu interior, na busca de seguir sua aventura. Para Joseph Campbell tanto o mergulho ao ventre do monstro como a entrada num templo são imagens congêneres da aventura, e tem como significantes os atos de “concentração” e de “renovação da vida”. (CAMPBELL, 2007, p. 93)

Apesar das narrativas dos cientistas não apresentarem tão claramente estas imagens é possível associar alguns instantes das viagens apresentadas com essa etapa final do primeiro estágio. Tanto o zoólogo quanto o antropólogo necessitaram ultrapassar os limites fronteiriços do país e se embrenhar no interior do território brasileiro ignorado. Precisaram abdicar dos conhecidos trajetos e do clima comum a seu corpo. Além disso, ao mesmo tempo em que adentravam o interior daquele Brasil penetravam também seu interior. Eram obrigados a fazer uma viagem da alma, tendo de lidar com aquele novo mundo, desconhecidas formas de pensar, impulsionados ao exercício antropológico do estranhamento e do familiar. Dessa maneira, os cientistas, assim como o herói, tiveram de se transformar, como num renascimento, agora prontos para os passos seguintes da jornada.

A **iniciação** compreende a segunda parte do mito-aventura, é o desenvolvimento da jornada, onde se tem como estágio inicial *o caminho de provas*, com testes diversos, lutas, organização com aliados e o embate com os inimigos. Para Campbell a segunda parte da jornada é o momento crucial para o herói, pois o que fora passado inicialmente, na partida, era apenas o início, ainda existirão muitas provações, tanto físicas quanto mentais. Este é também o momento de se perceber que durante toda a caminhada o herói pode estar sendo auxiliado por uma benção sobrenatural. (2007, p. 102-172).

A passagem do herói enquanto mito presente em diversas narrativas representa para Campbell o caminho que todo e qualquer indivíduo seguirá. Assim, ele deve se utilizar dessa ampla construção para compreender como superar os obstáculos que dificultam seu deslocamento (2007, p.121). O herói geralmente recebe auxílio de uma figura, masculina ou feminina, que dará suporte nessa iniciação, onde deve aprender as técnicas e atribuições de sua vocação, além de recompor seus conceitos emocionais.

Importante estágio e que encerra a segunda parte do monomito é *a benção última*. Por meio desta concepção J. Campbell demonstra que o herói é o escolhido, tem a vocação para seguir a aventura, e por isso conquista com facilidade o que para outros seria altamente penoso. O medo pelo que seu corpo pode sofrer é corrente, entretanto quando o herói, que está preparado, consegue seguir seu caminho, ao final deste percebe por uma ajuda sobrenatural que pode ultrapassar os limites mais laboriosos, além de neste instante alcançar a percepção de que a indestrutibilidade do ser está além da vulnerabilidade de seu corpo.

As circunstâncias alusivas à *iniciação* representam um momento muito comum nos relatos dos naturalistas, pois que descrevem inúmeros acontecimentos caracterizados pelas dificuldades porque passavam. Desde as chuvas torrenciais aos mosquitos que os impediam do breve descanso. O encontro com tribos indígenas não amigáveis (no caso do zoólogo), o

não encontro com indígenas (para Roquette-Pinto), dificuldades com a alimentação, entre outras situações, fazem da viagem um trajeto de provações, onde é necessária resistência física e mental para se continuar.

Era também um dos pontos de uma zona perigosa, pois estava dentro da área percorrida e assolada pelos Parintintins que, de quatro em quatro annos, costumam a praticar a guerra contra os invasores das suas terras. Esses Parintintins são índios de estatura elevada e não perdoam os que se atrevem a percorrer a margem direita do Gy, das cachoeiras (2 de novembro) para baixo e do Madeira até perto do Humaitá. É voz corrente que esses índios sejam aliados aos Matanaués, outra tribo dessa zona, onde outrora os Turás e Ararás, pacificados depois de que a missão de S. Francisco foi fundada, pouco a cima da foz do Gy, no Madeira. Os Parintintins haviam, segundo nos informara D. Miguel, atravessado o Gy um pouco abaixo do Largo Verde e atacado a feitoria da Carmen em S. Helena.⁶⁸

No trecho acima observa-se a figura do inimigo que o índio encarna no relato de Miranda Ribeiro, que em algumas ocasiões revela a preocupação com aqueles pertencentes a grupos ainda não “civilizados”. Já Roquete-Pinto buscava o contato com este tipo de índios, os Nambiquara, mas a escassez de materiais para a permuta com aqueles dificultava esse contato, prejudicado também pela seca que marcava o trajeto de sua viagem no ano de 1912. Num outro momento, Miranda Ribeiro se depara com a perda de todo material coligido, espécimes e chapas fotográficas, por conta da falta de animais cargueiros, dificultando a continuidade do trabalho.

Na construção das narrativas do relato os cientistas afirmam a todo instante essas dificuldades, a situação em que se encontravam e o excessivo cansaço após as semanas de viagem. Para os naturalistas a provação máxima desta jornada estaria na continuidade dos trabalhos apesar de todos os percalços passados. Em alguns momentos se sentem coagidos e mesmo amedrontados, já que os expedicionários são atacados por índios, e outros sofrem com doenças que levam às baixas na expedição. A conquista desses heróis está na manutenção de seu conhecimento adquirido por meio dos materiais coligidos e por sua experiência no outro mundo. Dessa forma, o grande esforço parece ser recompensado ao final.

Pyreus apontou o trilho por onde passára, no anno anterior. Fomos andando cerca de duas léguas. Era demais, pelas contas que fazia. Voltamos. Ou a maloca tinha sido transferida para outro sítio, ou nós nos tínhamos enganado. Carregamos nossas montarias com o maior numero de brindes que nos foi possível arranjar, vasculhando as canastras.

Seguimos de novo.

Partindo do poste telegraphico numero 4930, rumo Sud’Este, á distancia de três leguas, atravessamos o rio Urutáo e, depois uma grande mata, percorremos uma

⁶⁸ Trecho do caderno de campo Patrick 1º (página 25), de Alípio de Miranda Ribeiro, referente às notas da viagem pelo rio Pimenta Bueno em novembro de 1909.

picada mal aberta pelo passo dos índios e cahimos num cerradão. Um pouco além começaram a aparecer, na areia, rastros de muita gente; e longe, mal distinta entre as moitas, surgiu a triste aldeia: duas cabanas erguidas numa praça redonda e limpa. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 192)

Nas páginas dos relatos percebe-se ainda a importância que a figura de Rondon encerra para os viajantes. É a imagem masculina do auxiliar (CAMPBELL, 2007, p. 74-82), ele possui experiência nessa aventura, tendo, antes dos naturalistas, percorrido os caminhos das matas motogrossenses. Para Miranda Ribeiro era importante seguir as recomendações do chefe, a escrita do diário de viagem era algo muito incentivado por Rondon, assim como a ajuda na escolha dos temas indispensáveis na composição da narrativa. Na obra de Roquette-Pinto são ressaltadas as imagens deste mentor como pode-se observar: “Ha homens que diminuem á medida que nós nos aproximamos; outros, de longe, brilham como estrellas e quando nos chegamos, vemos que são mundos, ainda maiores, de sentimento e caracter.” (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.67)

Joseph Campbell ressalta a importância de outro aspecto constitutivo da iniciação (segunda parte) da aventura do herói, *a apoteose*. Este é o momento fundamental da aventura pois encerra a condição divina do herói quando este “ultrapassa os últimos terrores da ignorância” (2007, p.145). É o momento de libertação do herói que consegue desatar as amarras da consciência, nos mitos religiosos é o encontro da paz e do amor. Para os cientistas a apoteose foi o encontro com a verdade que buscavam, o Brasil que procuravam obter. O antropólogo Roquette-Pinto demonstra em seu relato este aspecto no momento de encontro com aqueles que lhe trariam as respostas tão esperadas. Ao encontrar os índios Nambiquara, depois do extenso trajeto percorrido e dos longos vazios encontrados, o antropólogo reage com a exaltação característica da penosa conquista.

Alta noite, numa colina, á beira da linha, próximo do Ribeirão 20 de Setembro, avistamos, longe, uma fogueira. Eram elles.

(...)

Que gente é essa, que fala idioma tão diferente das línguas conhecidas, tão diferente da língua dos seus mais próximos vizinhos; que tem costumes tão estranhos aos que vivem perto; que não conhece os mais essenciais objetos da vida dos seus companheiros de sertão? De onde veio? Por onde passou, que não deixou rastros? Quando chegou áquellas matas, onde vive há tanto tempo? Que ligações tem com os outros filhos do Brasil? (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 106-108)

Isso era o que de novo o “herói” levaria para seu mundo, uma parte do outro mundo, que faria sua sociedade repensar sua história. Agora era necessário retornar.

O padrão do monomito é a completude do ciclo, sendo necessário que o herói retorne trazendo a sabedoria alcançada para seu mundo, podendo esta auxiliar na renovação da sociedade (CAMPBELL, 2007, p.195). O **retorno**, estágio final do ciclo, tem como um primeiro aspecto a *recusa do retorno*. Essa recusa pode ocorrer quando o herói não acredita que sua mensagem alcançará a comunidade e muitas vezes gera a estadia eterna do herói no outro mundo. A *fuga mágica* representa o retorno do herói que teve em sua aventura o objetivo de retornar com o “elixir” para salvação da sociedade, sendo seu retorno auxiliado por poderes sobre naturais daqueles que lhe enviaram. O resgate com auxílio externo já representa a vinda do mundo ao encontro daquele herói que apenas está estacionado pelo estado de existência perfeita no outro mundo. Assim existem diversas maneiras de se proceder ao retorno, entretanto o imprescindível é perceber que em todas essas possibilidades a dificuldade de se retornar, a passagem do limiar de retorno, será encontrada. Uma dificuldade que reside na volta com este novo saber, muitas vezes contestado e dificilmente compreendido.

Assim Joseph Campbell demonstra que a dificuldade está não apenas no trajeto do retorno mais ainda na recepção do herói que se afastou, como se morrera para a sociedade, e precisa retornar sabendo como comunicar a sabedoria ao mundo. Esse herói está agora transformado, é “Senhor dos dois mundos”, tendo a liberdade de ultrapassar o limiar que divide-os, e possuindo o poder de compreensão desses que aparentemente são opostos. Campbell declara que o herói, completado o ciclo, tem “liberdade para viver” pois que consegue reconciliar a “consciência individual” e a “vontade universal”, pela visão clara de que em todas as coisas há a relação entre os fenômenos passageiros e o imperecível.

O que se pode considerar dos relatos dos naturalistas é que elementos correlatos ao monomito de Campbell, no que tange, nesse instante, ao *retorno*, são encontrados, por exemplo, no revelar das dificuldades da volta, mas sempre com uma resolução em tempo. Os naturalistas foram enviados com o objetivo claro de conhecimento científico da região, e esperava-se o retorno com esse saber. Nas dificuldades do retorno nota-se como auxílios (quase que sobrenaturais) compõem as narrativas, as quase fatalidades estavam sempre presentes no trajeto. O sono que dominara todos os presentes na embarcação que levava Miranda Ribeiro a Manaus fizera esses se desviarem do caminho, e se não fosse por seu repentino despertar o barco haveria soçobrado. Assim como o retorno de Roquette-Pinto que se encontrava em tortuosas passagens, provocadas por chuvas torrenciais, e das precárias condições dos mares que carregavam os materiais.

As chuvas eram diárias e torrenciais. (...)

Grandes úlceras provocadas pelas cangalhas, logo invadidas pela 'bicheira', que vai corroendo os tecidos como broca fatal, adoentavam os cargueiros e nos preocupavam justificadamente. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 198)

Entretanto um inesperado e feliz acontecimento põe fim às temeridades do retorno. “Em Utiariti soubemos que estavam no salto Bello do Timalatiá o tenente Amarante; com seus Parecís de Aldeia Queimada, tinha ido abrindo um caminho de automóveis pelos espigões do chapadão”, e dessa forma o antropólogo faz seu percurso de volta num automóvel, passando pela estrada construída com suor indígena.

A sociedade enviara esses estudiosos para essa jornada, e permanecia ansiosa por seu retorno, esperançosa e aflita. E por meio do auxílio do automóvel, característico da civilização, desse outro mundo, retorna a seu encontro, como se seu mundo o chama-se de volta, enviando um meio mais rápido e seguro para seu retorno.

Além do ciclo que se fecha ao retorno do herói, a questão da recepção pela sociedade do novo saber que traz consigo é de extrema relevância para essa análise, como exemplo tem-se a própria construção do diário de viagem que representa a sabedoria adquirida, juntamente com os diversos trabalhos científicos que surgirão posteriormente, que devem ser passados para a sociedade, a final, esta fora a justificativa, por isso o chamado, para que retornassem com um novo saber, que explicassem a todos quem são, e que local é este do qual fazem parte.

Os naturalistas-viajantes retornam ainda com uma transformação de outra dimensão, a transformação em seu próprio ser, que compreende-se aqui nesta análise primordialmente como a construção da identidade do naturalista. Agora eles tinham mais essa experiência, um trabalho de campo desta magnitude e importância, tida tradicionalmente como um passo fundamental na trajetória das figuras excepcionais dessas áreas de estudo. Com a completude do ciclo da aventura, a produção do diário de campo suportando a manutenção da existência da experiência, e a multiplicidade de publicações que surgiriam a partir do que fora trazido do interior do Brasil, estes homens estariam completando um estágio de suas trajetórias. O diário consolida a viagem e conseqüentemente a identidade desses enquanto homens da ciência.

Apesar do que possa parecer a respeito dessa tentativa de relacionar a ciência e a mitologia, onde para esses cientistas esta seria uma referência distante, foi possível obter interessantes citações nos relatos a respeito dessa relação, desde a simples menção do termo “martyres da ciencia” reproduzido por Miranda Ribeiro da fala do Bispo que encontraram em Jacobina, que ao saber de todo o esforço que faziam o zoólogo e os outros naturalistas que o

acompanhavam denominou-os dessa forma. Ribeiro opta por representar esta ocasião em seu relato, reafirmando por meio da fala de outrem os esforços heroicos que aqueles realizavam naquelas paragens. Foi também a partir do relato de Miranda Ribeiro, fundamentalmente na imagem de sua viagem⁶⁹, a imagem circular que remete seu percurso saindo da cidade do Rio de Janeiro, seguindo ao sul do país, e aos países vizinhos sul-americanos até alcançar o Mato Grosso, e o retorno pelas regiões norte e nordeste brasileiras até a chegada ao ponto de partida, fechando o ciclo, que proporcionou a referência à jornada do herói mitológico e ao monomito.

Entretanto são nas palavras apresentados por Roquette-Pinto que se pode visualizar mais nitidamente um pensamento em favor da referência mitológica na ciência do início do século XX brasileiro. O antropólogo apresenta em seu relato uma concepção do termo herói, afirmando ser este um importante viés na constituição das nações.

Para os povos, como para os indivíduos, a auto-sugestão do valor próprio é força imensa, visto que o homem decreta a própria ruína no dia em que desanima. Um povo que rememora seus heróis cultiva energias necessárias a seu viver futuro. Heróis – e o conceito precisa ser definido, por seguro – são todos aqueles que produzem uma idéia, ou uma ação diretora; heróis, pela concepção de Carlyle. Heróis filósofos, heróis guerreiros também... Porque ‘herói’ não quer dizer valente; mesmo no conceito greco-romano quer dizer ‘divino’. (ROQUETTE-PINTO, 2005, p.34)

Com essa declaração Roquette-Pinto apresenta sua crença na possibilidade, e quase no dever, do cientista enquanto herói. Um herói que precisa ser criativo e/ou liderar. Que não necessita ter atuação física, e não é sinônimo de força e coragem. Esse herói é “divino”, o que torna mais claro o pensamento do antropólogo no âmbito do mito e/ou místico.

Observou-se que os cientistas buscaram por meio da escrita de seu relato de viagem representar o Brasil. Para Miranda Ribeiro isto ocorre por meio da oposição entre natureza e homem. Já Roquette-Pinto não enxerga esta oposição nos homens de “Rondonia”, pois que fazem parte daquelas terras assim como a natureza. Num exercício de aprofundamento desta análise pode-se propor uma analogia ao mito da aventura do herói, relacionando os elementos deste mito-aventura e os elementos de construção da narrativa dos relatos. É possível pensar na representação que os diários se constituem como o algo novo que o herói deve levar em seu retorno ao mundo, assim como o mesmo demonstra a mudança que ocorre no naturalista por conta da viagem, trazendo consigo materiais e informações científicas, mas primordialmente uma nova concepção de mundo, o herói mitológico mantém paralelos a estas

⁶⁹ Ver APÊNDICE 1.

questões, pois que ao mesmo tempo em que retorna a seu mundo com uma sabedoria que modificará o caminhar de sua sociedade, ele mesmo traz consigo uma mudança interior significativa. A partir destas temáticas foi possível identificar esses elementos mitológicos na construção do relato de viagem. Contudo será possível estender essa análise para a apropriação de elementos mitológicos pelo campo científico brasileiro da primeira metade do século XX?

3.2. MITO E CIÊNCIA

As questões acerca dos mitos e da mitologia, primordialmente referente à Antiguidade Clássica, como mais conhecidos pelo mundo moderno ocidental, têm se refletido em amplo interesse de estudiosos e curiosos, de áreas múltiplas, o que tem caracterizado estes assuntos como claramente populares.

Como conteúdo de disciplinas escolares, em trabalhos especializados, filmes e animações as figuras mitológicas têm chegado aos indivíduos advindas de distintas experiências humanas. Esta popularização, que de maneira geral não é restrita à contemporaneidade, mais remota a séculos passados, estimulou o interesse pelas temáticas, sem necessariamente a preocupação dos questionamentos acadêmicos, permitindo a reinterpretção desses signos e a confluência de seus distintos significados.

Desta forma se torna primordial a busca pela melhor conceituação, ou a “menos imperfeita”, do termo mito para se iniciar o debate. Optando, como referência à análise, pela continuidade de utilização dos autores anteriormente citados, observa-se a visão de Eliade:

A definição que a mim, pessoalmente, me parece a menos imperfeita, por ser a mais ampla, é a seguinte: o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos "primórdios". Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a "sobrenaturalidade") de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do "sobrenatural") no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural. (ELIADE, 1972, p.9)

Para o autor romeno Mircea Eliade a dificuldade de uma definição objetiva do termo o proporcionou a apresentar o que seria uma concepção mais abrangente, que permitisse um distanciamento da incompletude quase que inerente a esta tentativa. Assim registra categoricamente, como constituintes do conceito de mito, os pontos: do relato num tempo inicial e precípuo, sobre criações do mundo advindas das proezas de seres especiais, proezas estas extraordinárias e restritas a suas aptidões, como a própria criação do mundo, tudo isso ressoando na existência das coisas e do homem. Enquanto sua função estaria na revelação dos modelos de conduta e, conseqüentemente, no provimento de significação, e inteligibilidade, do mundo e da existência humana.

Mielietinski (1987) compreende o mito tendo como propósito primordial a explicação da origem das coisas, possibilitando assim a compreensão dos segredos da natureza e dos mistérios da vida pelo homem, sendo sua questão elementar a redução das essências das coisas às suas origens. O autor acrescenta ainda que os mitos codificam o pensamento, estabelecem regras de comportamento social, ratificam o rito, e fundamentam as instituições.

Muitas outras definições, de importantes pensadores ou não, seriam possíveis de serem reproduzidas aqui. Entretanto estas amplas definições parecem suficientes para o início da exposição. As duas concepções demonstram a importância do mito para o homem e sua constituição pelas temáticas da criação e origem das coisas. Desta forma o mito é uma história que reflete a criação do mundo e do que nele existe gerando uma explicação ao homem, em seu caráter social, e se expandindo às diversas áreas que lhe dizem respeito.

Apesar das muitas possibilidades em que um mito pode se constituir observa-se que, de maneira geral, sua presença busca dar sentido à existência do homem no contexto em que ele se encontra. Muito frequente nas sociedades menos complexas, das diversas regiões do planeta, o mito estava presente na justificativa da origem das coisas e nos rituais, que permitiam a manutenção dos costumes. Considerando agora sua localização no ocidente, com as sociedades grega e romana da antiguidade, o mito fora ganhando novos significados para as sociedades que, conscientemente ou não, mantiveram-no vivo.

A busca aqui é de pensar, e acima de tudo, proporcionar, uma possível reflexão entre mito e ciência, dois termos detentores de significados múltiplos, e às vezes muito simplificados, que em outro nível apresentam uma complexidade profunda nas concepções adquiridas ao longo da história da humanidade, e as que ainda surgirão num futuro próximo. Dessa forma, ainda como introdução a este intento necessita-se do posicionamento atual no que consiste a Ciência, tarefa não menos complexa do que a primeira.

Conhecimento científico é conhecimento provado. As teorias científicas são derivadas de maneira rigorosa da obtenção dos dados da experiência adquiridos por observação e experimento. A ciência é baseada no que podemos ver, ouvir, tocar etc. Opiniões ou preferências pessoais e suposições especulativas não têm lugar na ciência. A ciência é objetiva. O conhecimento científico é conhecimento confiável porque é conhecimento provado objetivamente. (CHALMERS, 1981, p. 23)

Alan Francis Chalmers, filósofo da ciência, apresenta no início de seu livro “*O que é ciência afinal?*” o que chama de um conceito popular de ciência. Assim como o termo mito, ciência possui uma série de concepções, apesar de sua emergência bem posterior ao primeiro, sendo atualmente muito mais popular e gerando grandes controvérsias especialmente pelo lugar que ocupa na civilização contemporânea. Em sua obra Chalmers apresenta igualmente uma série de pensamentos modernos a respeito da Ciência, a partir dos principais teóricos da filosofia da ciência, para ao final propor o que compreenderia como a melhor definição para a compreensão do que é Ciência.

“ (...) sugiro que a pergunta que constitui o título desse livro [*O que é ciência afinal?*] é enganosa e arrogante. Ela supõe que exista uma única categoria “ciência” e implica que várias áreas do conhecimento, a física, a biologia, a história, a sociologia e assim por diante se encaixam ou não nessa categoria. Não sei como se poderia estabelecer ou defender uma caracterização tão geral da ciência. Os filósofos não têm recursos que os habilitem a legislar a respeito dos critérios que precisam ser satisfeitos para que uma área do conhecimento seja considerada aceitável ou “científica”. Cada área do conhecimento pode ser analisada por aquilo que é. [...] Desse ponto de vista não precisamos de uma categoria geral “ciência”, em relação à qual alguma área do conhecimento pode ser aclamada como ciência ou difamada como não sendo ciência.” (CHALMERS, 1981, p. 211)

O autor é mais radical ao propor uma não definição do termo ciência, já que sua tentativa preconceberia a existência de parâmetros únicos para o conhecimento, o que para ele seria absurdo e enganoso. Demonstra que a despeito das diversas concepções apresentadas em sua obra, para ele, a Ciência, enquanto uma concepção geral, como apresentado pelos diversos autores, filósofos da ciência do século XX, não existiria. Além de considerar a não existência de um “conceito de verdade à altura da tarefa de caracterizar a ciência como uma busca da verdade” (p.212). Existe o conhecimento referente às diversas áreas e respectivas disciplinas, que podem e devem ser avaliadas por seus objetivos, métodos e resultados, mas sempre alusiva ao que ela é.

Para a historiadora da ciência Maria Amélia Mascarenhas Dantes uma definição de ciência enquanto “atividade de produção de conhecimentos socialmente instituída” tem sido utilizada pelos historiadores brasileiros nos últimos anos (2005). A despeito da concepção de

ciência como conhecimento científico moderno (racional e experimental) instituído a partir da Revolução Científica no início da Idade Moderna europeia, utilizada de maneira geral, Dantes busca valorar os interesses sociais na nova definição, que impulsionou a produção de pesquisas de História das Ciências sobre o Brasil e países periféricos a esse tema.

A historiadora opta por não admitir uma ideia de ciência compacta, compreendendo-a como prática de construção de conhecimento, entretanto ressaltando seu caráter social nessa atividade. Mas, distintamente do autor anterior, M. Dantes demonstra a difícil desvinculação do termo, como proposto por Chalmers, nos estudos atuais.

Observa-se que, assim como o termo mito, ciência caracteriza-se por uma difícil definição, por tamanha sua amplitude de significados distintos nos tempos e espaços variados. Dificilmente imagina-se a sociedade atual sem utilizar o vocábulo, todavia é importante destacar que esse amplo uso e contato, auxiliado pela gama de informações facilmente disponíveis, característica da globalização estabelecida, impulsiona as discussões acerca das concepções presentes de ciência na contemporaneidade.

A partir destes esclarecimentos pode-se introduzir a discussão acerca da possibilidade da relação entre as categorias. Mielientinski refletira sobre isto. Para ele os pensamentos mitológico e científico se mantiveram simultaneamente no decorrer da história, por isto, também, o pensamento mitológico não deve ser considerado um “antecessor inacabado” do outro como o autor notava que correntemente estava sendo exposto. Assim, de certa forma, os dois pensamentos estavam passíveis de serem considerados “tipos” de pensamentos lógicos. Contudo, não obstante a correlação existente, para o autor, esses pensamentos se estruturam de maneira distinta:

As classificações científicas se constroem à base da oposição entre os princípios internos, enquanto as mitológicas se constroem segundo as qualidades sensoriais secundárias, inseparáveis dos próprios objetos. Aquilo que na análise científica se apresenta como semelhança ou outro tipo de relação na mitologia afigura-se uma identidade. (MIELIENTINSKI, 1987, p.194-195)

A partir do desenvolvimento da ciência é possível refletir sobre um paralelo desta e do mito. É sabido, pelos estudos de teoria do conhecimento vastamente difundidos no campo da história e filosofia das ciências, que o conhecimento científico emergiu juntamente ao campo filosófico de pensamento. Uma grande parte de questões apontadas pela ciência a muito já havia sido, e até mesmo permaneciam sendo, discutidas pelos filósofos. O que pouco tem se atentado neste campo de estudo é que a filosofia antiga, especificamente da Antiguidade

Clássica, tem o princípio de seu desenvolvimento na mitologia. A filosofia clássica emerge trazendo novas compreensões das narrativas mitológicas (MIELIETINSKI, 1987).

O mito, como brevemente retratado a cima, tem na origem do mundo e das coisas ponto fundamental de sua formação. A cosmogonia, criação do mundo, é retratada no mito e se torna “modelo exemplar de toda a situação criadora”, de certa maneira se repetindo a cada gesto do homem (ELIADE, 1972, p. 26). Dentre esta temática encontra-se a relevância do sistema cíclico na mitologia, onde o mundo deveria sempre se renovar, sendo necessária para isso a destruição, para uma nova criação, do caos ao cosmos. Desta forma a filosofia irá apresentar novos olhares para questões genuinamente mitológicas. A origem do mundo e de tudo o que faz parte dele será tema corrente, e apresentará novas concepções ao mito abafando sua existência enquanto história verdadeira e sagrada.

Não há um rompimento bruto entre o mito e a filosofia, é contínua e delicada a forma com que estas vão se estabelecendo uma perante a outra. Os notáveis filósofos gregos como os sofistas e Platão seguiram uma concepção do mito que transitava entre fábula e alegoria (MIELIETINSKI, 1987). O esforço da filosofia naquele momento era de ultrapassar a história divina da mitologia, na busca do “essencial”, a partir da compreensão da “matriz do Ser”. Neste sentido a filosofia caminhava numa direção, entretanto ainda encontrava-se junto ao mito, como no momento em que se depara com a cosmogonia. Não mais referente ao mito cosmogônico, mas sim como problema ontológico (ELIADE, 1972, p. 81).

O "essencial", portanto, é atingido através de um prodigioso "voltar atrás": não mais um Regressus obtido por meios rituais, mas efetuado por um esforço do pensamento. Nesse sentido, pode-se dizer que as primeiras especulações filosóficas derivam das mitologias: o pensamento sistemático esforça-se por identificar e compreender o "princípio absoluto" de que falam as cosmogonias, em desvendar o mistério da Criação do Mundo, em suma, o mistério do aparecimento do Ser. (ELIADE, 1972, p.81)

O autor Johannes Hessen compreende que a filosofia estaria, perante a totalidade da cultura, entre a ciência de um lado, e a religião⁷⁰ e as artes do outro. Em sua perspectiva é a religião a mais próxima, dos domínios culturais, da filosofia, pois que as duas se dirigem à totalidade do ser buscando sua compreensão. Buscam uma visão de mundo originada de forma distinta. A filosofia tem no “conhecimento racional” sua fonte para a percepção, a medida que a religião, esfera onde se encontra o mito, busca na “fé religiosa” a visão de mundo característica de sua interpretação (HESSEN, 2003, p.11-12).

⁷⁰ Ver Enciclopédia Einaudi, v.30 – Religião-Rito, Imprensa Nacional, 1994; para se compreender melhor o mito enquanto aspecto da religiosidade.

Ciência e filosofia para Hessen se encontram na base da função do espírito humano da qual se utilizam, o pensamento. É no objeto desse pensamento que as duas se distinguem. A ciência tem como objeto parte da realidade enquanto a filosofia trata da totalidade.

Por conseguinte, observa-se na filosofia uma possibilidade de compreender a relação entre mito e ciência, já que estas duas, diante do sistema cultural, estariam afastadas pela filosofia, que consegue, em sua essência, unir funções dos dois domínios. (HESSEN, 2003)

A filosofia, além do papel que lhe foi proposto a cima, teve ainda posição primordial para a continuidade do mito na cultura ocidental, apesar de sua atuação na reinterpretação do mito, o que posteriormente ocasionou um esvaziamento de sua relevância para a conduta social. Contudo, foi através desta recondução, onde as artes terão também atuação, que o mito pode permanecer “vivo”. Como apresentado, os filósofos antigos permaneceram mantendo o mito entre suas questões, não mais sendo encarados por parte da sociedade como algo real, mas tendo sua função de alegoria difundida. O esgotamento de seu valor religioso possibilitou a assimilação de alguns elementos pelo cristianismo e mesmo quando na Idade Média os teólogos cristãos deram por demônios os deuses mitológicos, por outro lado, o panteão permanecia sendo discutido e não fora relegado ao esquecimento apesar de sua desmistificação. Desta forma M. Eliade ressalta que “a religião e a mitologia gregas, radicalmente secularizadas e desmitificadas, sobreviveram na cultura européia, [...] por terem sido expressas através de obras-primas literárias e artísticas” (1972, p. 113). O Renascimento europeu conduziu a mitologia novamente para uma posição positiva tornando-a um “tesouro cultural”. A partir daí pode ser compreendida como objeto de investigação científica, e retornava a suas formas mais clássicas.

A partir do século XIX, para Eliade, começa a emergir um esforço desenvolvido pela cultura ocidental caracterizado como uma “anamnesis historiográfica”, tendo a historiografia papel fundamental nisto, o que traria ao mundo civilizado, após algumas gerações, implicações culturais significativas referentes a um interesse cada vez mais aguçado pelo passado, paralelas à projeção causada pela rememoração dos “eventos míticos” pelos povos “arcaicos”: a projeção do “homem para fora de seu ‘momento histórico’” (1972, p. 98). Assim, essa anamnesis conduziria ainda ao que o autor denomina como “Tempo primordial”, momento onde foram estabelecidos os comportamentos culturais. É durante este século, XIX, que o autor percebe um impulso para o reencontro do homem moderno com a mitologia, em termos de funções e aproximação. Apesar de a História ser apontada como principal veículo

do subjugamento do mito no Ocidente⁷¹, ela mesma está trazendo, em união às suas áreas correlatas como a arqueologia e a etnologia, um novo caminho para a relação entre a sociedade moderna e o mito.

Como o autor preza: “O pensamento mítico pode ultrapassar e rejeitar algumas de suas expressões anteriores, tornadas obsoletas pela História, pode adaptar-se às novas condições sociais e às novas modas culturais, mas ele não pode ser extirpado.” (ELIADE, 1972, p. 124)

Neste instante, como forma prática de se pensar a relação que tem sido proposta nesta análise, seguirá como exemplo da proposição a correlação plausível entre os relatos de viagem dos cientistas, objetos primeiros desta pesquisa, e o mito. Esta reflexão não é simples nem mesmo pode ser inserida em qualquer uma circunstância, todavia acredita-se viável.

Como ponto crucial da reflexão entre as narrativas do diário de campo dos cientistas e do modelo mitológico tem-se o rito. Demonstrado intensamente, utilizando-se da obra de Joseph Campbell, o ritual de passagem característico das aventuras míticas do herói foi base para se pensar a relação entre mito e ciência. O rito é de extrema importância ao mito que traz consigo a necessidade dos rituais que são memórias, lembranças, reatualização e reutilização do mito. O mito cosmogônico, por exemplo, é repetido a cada mito de criação relembrando o que existia e o que passava a existir em cada momento.

Existem ainda, de maneira extensa, os ritos de passagem *regressus ad uterum*, relativos às passagens de adolescentes para a vida adulta, entre outros exemplos, que representam o renascer do indivíduo para a sociedade, quando assume outra função perante ela. Entretanto, são nos rituais da aventura do herói que se compreendem as mais célebres e interessantes temáticas, além de primordiais a esta análise. Estes rituais representam uma passagem de corpo e alma, constituída pelas variadas provações, tendo com a conquista da vitória o retorno do herói como um novo ser.

Assim concebe-se a relação entre o rito e a viagem dos cientistas a partir de seus relatos. Os cientistas brasileiros seguem ao desconhecido interior do Brasil, (como o herói que vai ao interior do monstro), e o “rasgam”, percorrendo suas florestas encharcadas e dominadas pela natureza, cortando a mata selvagem e abrindo a picada, como se rasgassem o ventre do monstro em busca da liberdade e do renascimento.

⁷¹ Para maiores esclarecimento ver: ELIADE, 1972, p. 83-99

Pode ser acessado em: <http://pt.scribd.com/doc/60591375/Mircea-Eliade-Mito-e-Realidade>

O valor apodíctico do mito é periodicamente reconfirmado pelos rituais. A rememoração e a reatualização do evento primordial ajudam o homem "primitivo" a distinguir e reter o real. Graças à repetição contínua de um gesto paradigmático, algo se revela como fixo e duradouro no fluxo universal. Através da repetição periódica do que foi feito in illo tempore, impõe-se a certeza de que algo existe de uma maneira absoluta. Esse "algo" é "sagrado", ou seja, transumano e transmundano, mas acessível à experiência humana. A "realidade" se desvenda e se deixa construir a partir de um nível "transcendente", mas de um "transcendente" que pode ser vivido ritualmente e que acaba por fazer parte integrante da vida humana. (ELIADE, 1972, p.100)

A viagem dos cientistas se configura como rito de passagem necessário a construção da identidade profissional desses, que ainda detinham visões à tradição do naturalista-viajante do século anterior. A viagem é como um ritual, que levou aqueles cientistas a vivenciarem e repetirem as jornadas dos "heróis" passados. Era uma "necessidade", como reverbera Miranda Ribeiro, a partida para aquela aventura. Viviam um momento especial na História da Ciência mundial, que via a História Natural perder cada vez mais espaço para os avanços científico-tecnológicos de outras ciências, era necessário fazer reviver aquela história que ia desaparecendo. Desejam ser lembrados, reatualizados, reutilizados e, fundamentalmente ritualizados, desta forma escreveram para serem lidos por outros viajantes.

De suma importância para as sociedades que mantem seus mitos é a relação que se estabelece como "tempo primordial" do mito. A "vivência" do mito resulta de reiteração daquele tempo em que os entes sobrenaturais viviam. Não se trata apenas de uma comemoração. O ritual, que mantém o mito "vivo", reatualiza o mito e leva os indivíduos participantes a um tempo além daquele que estão acostumados. Este tempo é suspenso para que se viva a experiência num "tempo prodigioso", quase como se morresse para o "tempo cronológico" e para aqueles que nele vivem e seguisse no tempo primeiro com os entes sobrenaturais. Este é o percurso para aqueles que seguem o rito (ELIADE, 1972).

Os cientistas estudados, ao seguirem o percurso de suas viagens, demonstraram por meio de seus relatos esta supressão do tempo característica do ritual. Praticamente nenhum contato com seu mundo cotidiano, seu "tempo cronológico". Nas narrativas dos diários é onde mais claramente se encontra esse aspecto, pois que o próprio gênero literário mantém certa suspensão do tempo, e o caráter de rito de passagem que as viagens adquiriram, como fora apresentado neste estudo, reafirmam o deslocamento para um outro tempo. Característica essa que será reatualizada a cada leitura do texto, quando o próprio leitor, mergulhado no enredo da trajetória da viagem, segue a uma viagem que rememora e ao mesmo tempo cria algo novo.

De modo ainda mais intenso que nas outras artes, sentimos na literatura uma revolta contra o tempo histórico, o desejo de atingir outros ritmos temporais além daquele em que somos obrigados a viver e a trabalhar. Perguntamo-nos se esse anseio de transcender o nosso próprio tempo, pessoal e histórico, e de mergulhar num tempo "estranho", seja ele extático ou imaginário, será jamais extirpado. Enquanto subsistir esse anseio, pode-se dizer que o homem moderno ainda conserva pelo menos alguns resíduos de um "comportamento mitológico". Os traços de tal comportamento mitológico revelam-se igualmente no desejo de reencontrar a intensidade com que se viveu, ou conheceu, uma coisa pela primeira vez; de recuperar o passado longínquo, a época beatífica do "princípio". (ELIADE, 1972, p.134)

A questão que se coloca aqui demonstra que o pensamento mítico representa de forma esplendida algo de extrema significância para a existência humana, e que por isso deve permanecer no mais distinto caminhar da humanidade. A mitologia, em sua associação mito/rito, por meio de suas práticas, apresenta o retorno necessário para se estabelecer a existência de algo absoluto, contudo, é a partir desta repetição, que é uma reatualização, que a sociedade reinventa, criação de algo novo a partir da repetição. O pensamento e prática mitológicos permitem esta conjunção de aspectos que se apresentam aqui como primordiais à vida humana. Explica sem suprimir o mistério, fundamenta inspirando e incita à criação.

Apesar da aparência de uma possível imobilização da ação humana por parte do mito, por seu caráter etéreo, efetivamente o mito proporciona a criação humana ao oferecer continuamente novos horizontes para a inspiração do homem. Os mitos enquanto histórias sagradas são modelos comportamentais exemplares e também “fontes de inspiração” (ELIADE, 1972, p. 105). As sociedades se estabelecem e se mantêm a partir das ideias criadoras de alguns, e na medida em que, nas sociedades onde o mito se mantém “vivo”, o mesmo é permanentemente reinterpretado e seguidamente ritualizado pela sociedade, ele se torna impulso para o homem ultrapassar seus próprios limites em busca de se encontrar, elevando-se, onde figuram os “maiores”.

Finalizando a análise entre as narrativas dos diários de viagem é necessário ainda indicar a existência de diversos estudos entre mito e literatura. Os contos são muitas vezes analisados a partir da perspectiva dos ritos de iniciação mitológicos, o que gera bastante polêmica entre os estudiosos do tema. Eliade demonstra que apesar de uma aparente banalização e desimportância do mito, e das divergências entre este e o conto, num outro nível, da psique profunda, “os enredos iniciatórios conservam sua seriedade e continuam a transmitir sua mensagem, a produzir mutações”. O conto tem se tornado a apresentação de um modelo exemplar de iniciação, a qual considera de extrema consideração à condição humana. Camuflado nos contos de fadas, detentores do “viveram felizes para sempre”, o exemplo da iniciação permanece como tema primordial à vivência humana (1972, p. 141-142).

Mito e ciência não são e nem se pretendem ser a mesma coisa, entretanto suas funções em certa dimensão se assemelham e são identificados elementos correlatos nas respectivas construções.

“Não seria demais considerar o mito a abertura secreta através da qual as inexauríveis energias do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas. As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia e os próprios sonhos que nos povoam o sono surgem do círculo básico e mágico do mito.” (CAMPBELL, 2007, p. 15)

Assim como os cientistas se utilizaram dos elementos mitológicos, por meio da construção de suas narrativas, a ciência, enquanto conhecimento científico, em suas diversas expressões, também é passível de seguir um padrão de composição que faça uso de formas míticas, isso primordialmente encontrado na consequência de seu principal propósito, ordenar o mundo, por meio de metodologias, estruturas e teorias próprias. É no relato de viagem que se pode conceber uma aproximação ao mito na medida em que a narrativa deste gênero letrado, comum ao campo científico, é o principal exemplo de uma escrita mais livre perpassando diversos tempos e materializando a iniciação e o rito de passagem desses homens que renasceriam ao mundo social.

A proposta de se pensar a ciência e o mito está mais nítida ao compreender o caráter transicional da ciência no período de produção dos relatos aqui analisados. Naquele momento, início do século XX, é notório que o campo científico brasileiro vivia uma transição, ocasionando uma maior liberdade, ainda sem portar sua significação tão rígida, o que possibilitava a aceitação de estímulos diversificados. A qualidade de transicional que a Ciência e suas práticas conservavam vai de encontro às reutilizações e reatualizações características no Mito e em suas rememorações rituais. Assim é possível reconhecer nas práticas científicas analisadas a percepção de novas inspirações pelos cientistas, proporcionando o desejo de reatualizar práticas anteriores. Tudo isto propiciando a relação da ciência com o mito.

Pensando no relacionamento aqui proposto e como seria possível uma contribuição efetiva para a sociedade e para a ciência, principal instância cultural do mundo ocidental atualmente, o mito se encontra em uma categoria de não conhecimento embora todas as revelações que apresenta. O mito desvela os acontecimentos desde a criação do mundo até a instituição das organizações socioculturais, todavia suas manifestações não são conhecimento no sentido mais específico deste termo. Eliade ressalta que não é porque o mito, em seu processo de aprendizado, domina as diversas práticas e existências que estas se tornam

“objeto de conhecimento”. A manifestação da existência de todas as coisas não suprime “o mistério das realidades cósmicas e humanas” (1972, p.102). De maneira distinta da “Ciência” que tem sido pregada em diversas esferas, o mito não tem intenção de extinguir o enigma característico da existência do Ser. O mito é uma verdade sacralizada, entretanto, sem semelhanças com a verdade que se impõe geralmente à “Ciência”, por isto são detentores de conhecimentos bastante distintos.

Se a ciência não tem seguido ou mesmo se relacionado com o pensamento mítico, talvez este seja um momento de repensar o diálogo existente e/ou possível entre esses tipos de pensamento em busca das melhores formas de pensar e praticar a existência humana. Como o antropólogo Levi-Strauss já ressaltava, a lógica mitológica é capaz de resolver problemas similares aos problemas da lógica científica por meio dos recursos específicos (MIELIETINSKI, 1987, p. 195).

“O que tenho tentado dizer até agora é que houve um divórcio – um divórcio necessário entre o pensamento científico e aquilo que eu chamei a lógica do concreto, ou seja o respeito pelos dados dos sentidos e a sua utilização como opostos às imagens, aos símbolos e coisas do mesmo gênero. Estamos agora num momento em que podemos, quiçá, testemunhar a superação ou a inversão deste divórcio, porque a ciência moderna parece ser capaz de progredir não só segundo a sua linha tradicional – pressionando continuamente para a frente, mas sempre no mesmo canal limitado – mas também, ao mesmo tempo, alargando o canal e reincorporando uma grande quantidade de problemas anteriormente postos de parte.” (LEVI-STRAUSS, 1987, p.22)

3.3. DOIS CIENTISTAS BRASILEIROS

A partir deste instante é possível finalmente travar, da forma mais satisfatória dentre os limites deste trabalho, o que fora proposto como objetivo primeiro deste estudo: pensar a possibilidade de alguns caminhos da ciência brasileira no início do século XX. Por meio dos exemplos dos dois cientistas, apresentando suas trajetórias brevemente, será demonstrando a diversidade, e igualmente as confluências, dos caminhos que eram passíveis de se efetuar pelos homens de ciência deste momento no país.

Representantes do campo científico brasileiro de fins do século XIX e primeira metade do XX, Alípio de Miranda Ribeiro e Edgard Roquette-Pinto são exemplos para a análise que se trava aqui. Seus materiais, escolhidos como objetos primeiros da pesquisa, configuram parte do que se praticava na ciência brasileira daquele período, demonstrando já nesses materiais as possíveis distinções que se corresponderiam na trajetória de cada um. Os diários

de viagem, representações da prática científica, se tornaram objeto para as constatações de que alguns espaços eram característicos de cientistas brasileiros, como o Museu Nacional, e a Faculdade de Medicina (cursada pelos dois); diversas excursões e viagens em prol do conhecimento das ciências naturais também se enquadravam na prática cotidiana destes; mito e ciência podem se relacionar como na construção das narrativas de viagem; e, como será demonstrado, as trajetórias dos cientistas representam direções factíveis no campo científico naquele instante.

Alípio de Miranda Ribeiro nasceu em 21 de fevereiro de 1874 na cidade de Rio Preto, no estado de Minas Gerais. Os pais Teotônio Vitor Saião de Miranda Ribeiro e Josefina Mascarenhas de Miranda Ribeiro, professores primários, foram também responsáveis pela sua iniciação nas letras. Já nessa época dava demonstrações de suas aptidões e inclinação à zoologia, como citado em uma publicação sobre a trajetória e a obra do referido cientista no volume XXXVII do AMN em 1943. Realizou os estudos secundários no Rio de Janeiro, então Capital Federal, nas escolas Malvino Reis e Mosteiro de São Bento, complementados com aulas de professores particulares como o matemático Timóteo Pereira, que se tornaria seu sogro futuramente. Aluno na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro envolve-se com trabalhos na imprensa carioca, para auxiliar nas despesas com os estudos.

Passou a participar de atividades científicas no Museu Nacional, sendo auxiliar de Domingos Freire. Acabaria não concluindo o curso de medicina mas enveredaria pelos estudos de zoologia, tomando, em outubro de 1894, posse como preparador interino da 1ª Seção (Zoologia) do distinto museu. Quatro meses depois Alípio é nomeado preparador efetivo da 1ª Seção. Por portaria de 25 de junho de 1896, é nomeado naturalista-ajudante interino da mesma seção do MN, passando a naturalista-ajudante em 16 de agosto de 1897, após aprovação em concurso. Miranda Ribeiro passa a ocupar o cargo de secretário do Museu Nacional em 20 de fevereiro de 1899, por reforma no novo regulamento⁷² da instituição.

É posto à disposição do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas de 1908 à 1910, para integrar a CLTEMA, subordinada a esse ministério. Ribeiro atuou como zoólogo da comissão tendo coligido um vasto número de espécimes zoológicos que integraram o acervo do MN. Além de suas muitas excursões pelo estado de Mato Grosso, naquele instante o projeto da CLTEMA visava à extensão até o rio Madeira, no Amazonas, por meio da

⁷² O regulamento, aprovado pelo decreto nº 3211 de 11 de fevereiro de 1899, exclui o cargo de naturalista da estrutura administrativa do MN, e ressalta a importância da classificação das “produções naturais” no objetivo do museu. Ver:

<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=62675&tipoDocumento=DEC&tipoTexto=PU>
B

criação de uma base de apoio, que seria mais avançada, nas margens do rio Jaci-Paraná, seu afluente. Dessa maneira o Tenente-Coronel Cândido Mariano Rondon solicitou a seus auxiliares que organizassem uma expedição para o levantamento dessa região, partindo do povoado de Santo Antônio, e o zoólogo do Museu Nacional, Alípio de Miranda Ribeiro, no momento zoólogo da comissão, seguiu viagem com esses. Participou ainda da importante excursão pelo rio Pimenta Bueno, tendo auxiliado no levantamento das informações que concluiu que este rio era o mesmo que o conhecido como rio Machado ou Ji-Paraná.

Ao retornar da viagem é promovido a substituto da 1ª Seção em 1910. No final do mesmo ano é designado pela Congregação do MN a seguir viagem, agora para o “Velho Mundo”, para conhecimento das práticas de taxidermia e das coleções de materiais naturais do Brasil que figuravam na Europa e nos Estados Unidos. O Ministro da Agricultura, Pedro de Toledo, aproveita o ensejo e solicita o estudo das questões referentes à pesca e piscicultura. Dessa forma, durante abril a dezembro de 1911, conhece as principais instituições de pesquisa de História Natural da Europa, como o Museu de História Natural de Viena, de Paris e de Londres, e na América do Norte, o Museu de Nova Iorque. Miranda Ribeiro colecionou nesta excursão uma extensa gama de colegas de profissão, o que lhe permitiu a intensa relação tanto a favor das permutas de materiais entre instituições, como a possibilidade de pesquisa em conjunto e publicações nas revistas estrangeiras.⁷³

Após seu retorno em 1912 é nomeado inspetor na nova criação do Ministério da Agricultura, a Inspeção de Pesca, da qual esteve à frente durante um curto período. Foi exonerado do cargo nessa Inspeção em 10 de dezembro de 1913, após a saída de Pedro de Toledo do Ministério da Agricultura.

Fez parte do grupo fundador da Sociedade Brasileira de Ciências⁷⁴, inicialmente grupo formado por professores da Escola Politécnica, juntamente com importantes nomes da ciência na época como Henrique Morize, primeiro presidente, Ângelo da Costa e Lima, A. Childe,

⁷³ Grande parte das informações biográficas de A. de Miranda Ribeiro foi obtida na conferência biográfica produzido por José Kretz por conta do falecimento do zoólogo. A publicação de 1942 se encontra na Biblioteca do Museu Nacional. Ver: KRETZ, 1942. De suma importância também foram o fundo Alípio de Miranda Ribeiro, e Paulo de Miranda Ribeiro, pertencentes ao arquivo do Museu Nacional.

⁷⁴ A Sociedade Brasileira de Ciências é fundada em 1916 na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, localizada no Largo do São Francisco, onde hoje residem o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais e o mais recente Instituto de História, da UFRJ. A Sociedade foi fundada por professores da escola e cientistas das mais variadas instituições científicas brasileiras como o Observatório Nacional, o Museu Nacional e o Instituto Oswaldo Cruz. Assim como Alípio de Miranda Ribeiro, Edgard Roquette-Pinto também fez parte dessa fundação, que em 1921 passa à Academia Brasileira de Ciências. Nas palavras de Alves, a sociedade buscou ser um espaço de valorização também da “ciência pura”, que em determinados momentos era desconsiderada em detrimento a uma dita “ciência utilitária”. Ver: ALVES, 2001. p.185-202

Roquette-Pinto, Alberto Betim Paes Leme, Bruno Lobo, entre outros, em 3 de maio de 1916, se tornando um dos fundadores da casa.

Por modificações no regulamento do Museu Nacional é nomeado Professor substituto da 1ª Seção nesse mesmo ano, Professor Chefe da 1ª Seção em 1929 e Professor Chefe da 3ª Seção em 1931. Sendo, antes de seu falecimento, nomeado ao cargo de Naturalista da classe L, do quadro I, do Ministério da Educação e Saúde, ao qual o MN estava subordinado naquele momento.

Alípio publica mais de 140 trabalhos dedicados em sua maioria ao estudo da zoologia brasileira, visando o maior conhecimento do Brasil. Concentrou muitos de seus estudos na pesquisa sobre peixes, produzindo a *Fauna Brasiliensis*, obra publicada em 5 tomos pelo *Arquivos do Museu Nacional*, nos materiais adquiridos pelos anos de existência da Comissão Rondon, e nas publicações diversas em importantes periódicos científicos como o próprio AMN, Revista da Sociedade Brasileira de Ciências, Revista do Museu Paulista e o Boletim do Museu Nacional. Teve o maior número de produções no periódico do MN, 16 de 24 trabalhos sobre zoologia, entre o volume I e XVII (1915), conforme aponta Gualtieri (2008, p. 83).

No dia 8 de janeiro de 1939 Alípio de Miranda Ribeiro falece em sua casa na Rua São Luiz Gonzaga, onde permaneceu seus últimos 39 anos, no bairro de São Cristóvão, o mesmo em que o Museu Nacional estabeleceu sua sede desde 1892. A trajetória de Miranda Ribeiro, como é possível perceber, está estreitamente ligada ao MN. Foi o local de sua dedicação integral aos estudos científicos, e também onde expunha críticas e comentários sobre política, administração pública ou sociedade, além de lugar onde se encontra grande parte do material de análise deste trabalho.

Apesar de sua profunda dedicação ao estudo da zoologia, e sua participação em importantes atividades referentes às ciências no país, é considerada modesta sua relevância no desenvolvimento desta área, levando-se em consideração a quantidade e qualidade de estudos a respeito de sua figura e atividades, se localizando quase que unicamente no MN e em sua participação no Museu Paulista. Os poucos estudos encontrados, como da autora Regina Cândida Ellero Gualtieri, ressalta opiniões de Mello Leitão (1937)⁷⁵ que criticava os diversos equívocos, concebidos como questões simples, nos trabalhos do zoólogo que não possuía formação universitária, e de Pinto (1994)⁷⁶, por sua ousadia de utilizar “critérios próprios para a classificação” de determinados espécimes (GUALTIERI, 2008, p. 85)

⁷⁵ MELLO LEITÃO, C. A Biologia no Brasil. Rio de Janeiro: Companhia Editorial Nacional. 1937.

⁷⁶ PINTO, O. M. A Zoologia no Brasil. In: AZEVEDO, F. As ciências no Brasil. Vol. 2. Rio de Janeiro, UFRJ (p. 109-173)

Na conferência biográfica de José Kretz, assistente do Diretor do Museu Paulista, afirma ao final de sua explanação, como panegírico ao cientista falecido, a desaprovação às críticas feitas ao zoólogo arduamente dedicado, ressaltando seu autodidatismo e reconhecimento por muitos nomes importantes de sua área.

Não há dúvida que Alípio de Miranda Ribeiro foi autodidata, mas onde é que poderia ter haurido a ciência? O que aprendeu foi com muita perda de tempo. Sim, não tinha a formação universitária. Portanto, grandes foram os obstáculos que tinha de vencer. E venceu-os. Devemos reconhecer que, apesar desta sua formação imperfeita, conseguiu impor-se assim mesmo. Atestam isso as referências feitas por homens, conhecedores e especialistas nos ramos que Miranda Ribeiro cultivou. E estes só têm palavras animadoras, reconhecendo o valor dos trabalhos realizados por Miranda Ribeiro. (KRETZ, 1942, p. 17)

Alípio de Miranda Ribeiro fora um homem dedicado e muitas vezes rude em seus pensamentos. Apresentava de maneira consideravelmente enérgica seu posicionamento a favor da imigração europeia branca, vislumbrando a miscigenação com esta “raça” no país, como demonstrado na narrativa do relato de viagem da CLTEMA. Pouco depois, na conferência em homenagem à Rondon, reverbera de forma energética os problemas que o MN sofria. Certamente que a forma rígida que muitas vezes se caracterizava a fala de Miranda Ribeiro também trouxera insatisfações.

Apesar de seu empenho significativo, e de sua repercussão específica na área de atuação, conforme CID (2009) ressalta, Miranda Ribeiro não consegue atingir alguns de seus notáveis objetivos, exemplificados em trabalhos não publicados, como o diário de campo, já largamente tratado, e a *Fauna Brasiliense*, tomos sobre ictiologia publicados nos volumes XIV, XV, XVI, XVII e XXI do AMN, conforme Kretz (1942, p.) informa. Essas publicações se apresentam aqui como fundamentais para o que é compreendido nesta análise como o desejo de Ribeiro de se constituir enquanto um naturalista brasileiro do século XX, levando em consideração sua ambição em publicar distintos gêneros letrados, como o diário de viagem e a obra de classificação, característica dos naturalistas-viajantes do século XIX, mas agora por um brasileiro. Além das especificidades do campo científico brasileiro no início do século XX, que também compunham a formação identitária do cientista.

A dificuldade encontrada nos caminhos do zoólogo pode ser explicada por sua limitação em encontrar um espaço no mundo que se formava naquele século. Pela carta que envia à Rondon em seu último ano de vida demonstra sua insatisfação com a instituição que pertencia e com o caminhar da humanidade.

De forma consideravelmente distinta se estabelece a trajetória do antropólogo.

Em 1884, no dia 25 de setembro, nascia na cidade do Rio de Janeiro, Edgard Roquette-Pinto. Criado pelos avós maternos, por conta da separação precoce de seus pais. Boa parte da infância é vivida em uma das fazendas de seu avô, João Roquette Carneiro de Mendonça, em Juiz de Fora, Minas Gerais. Retornando ao Rio de Janeiro em 1896, quando se agravava a crise cafeeira no país. Os estudos secundários foram cursados no Colégio Aquino, onde já se encontrava em contato com ideias positivistas, advindas da atuação de nomes como Benjamin Constant, que fora professor na escola, e de Euclides da Cunha, que fora estudante e posteriormente adepto à ideologia positivista. (LIMA; SÁ, 2008, p. 57-58)

Segue a carreira de médico pela influencia de um amigo de seu avô, doutor Francisco de Castro, se tornando antropólogo por conta das aulas de anatomia ministradas pelo Prof^o Brant Paes Leme. Ingressa na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, concluindo este curso em 1905 com a produção de sua tese de doutoramento intitulada “Ethnographia americana: o exercício da medicina entre os índios da América”. (RANGEL, 2010, p. 127)

Neste mesmo ano é nomeado assistente da 4^a seção do MN, Seção de Antropologia, Etnologia e Arqueologia, por concurso realizado em fins de 1904⁷⁷. Em 1906 segue para a exploração científica da Região das Lagoas, no estado do Rio Grande do Sul, com a incumbência de estudar os sambaquis do local, já anteriormente visitados por outros cientistas da instituição, tendo como resultado uma publicação referente a esta excursão⁷⁸ (SANTOS, 2011, p. 61). Após este trabalho publica estudo sobre o estado dos indígenas do Brasil no 4^o Congresso Médico Latino-Americano realizado no Rio de Janeiro, conforme informa Santos (2011).

Em 1910 recebe relatórios de Rondon acerca dos materiais etnológicos da região onde atuava a CLTEMA. Já nestes primeiros anos de suas atividades no MN demonstra seu interesse, que promoveria extensa atuação, na área da educação e divulgação científica, com a organização de uma filmoteca no museu para a produção de registros direcionados a estas atividades. No ano seguinte segue, juntamente ao então diretor do MN, João Batista de Lacerda, para o Congresso Internacional das Raças, realizado em Londres, como assistente do representante do Brasil, onde apresenta seu trabalho “Notas sobre a situação indígena no Brasil” e atua também auxiliando no trabalho de Lacerda “*Sur les métis au Brésil*”, com a produção de um diagrama que acompanha o estudo.

⁷⁷ Rita de Cássia Mello Santos, em sua dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, esquadrinha o processo de ingresso de Roquette-Pinto no MN analisando todas as etapas do concurso.

⁷⁸ Para maiores informações sobre esta publicação ver: SANTOS, 2011. p. 61-64.

Em 1912 Edgard Roquette-Pinto segue sua viagem como antropólogo da CLTEMA à Serra do Norte, retornando de Mato Grosso neste mesmo ano. Esta excursão rendeu-lhe uma série de atividades e publicações importantíssimas a sua carreira, como sua obra *Rondonia*, tida por Lima e Sá como uma das suas obras de mais expressão dentre os “estudos antropológicos”, figurando ao lado de *Ensaio de antropologia brasileira* (2008, p.66).

Neste instante, já como assistente da 4ª Seção do MN, também passa a lecionar a disciplina de História Natural no Colégio Aquino, e um pouco depois, assumiria a mesma cátedra na Escola Normal do Rio de Janeiro. Dentre suas atividades de professor se destaca ainda a atuação na Universidade do Paraguai, onde se torna, em 1920, o primeiro catedrático da disciplina de Fisiologia.

Sua atuação em instituições ligadas às ciências no Brasil foi igualmente variada. Desde 1913 é membro do IHGB, é fundador da SBC, como já salientado, e posteriormente entra para a Academia Brasileira de Letras. Teve atuação na área da saúde pública com sua participação como diretor do Hospital Deodoro, a pedido de Carlos Chagas (médico e sanitarista), durante uma epidemia de gripe espanhola no ano de 1918. Fez parte da criação da Liga Pró-Saneamento do Brasil, que atuou na intensa propaganda em prol da criação do Ministério da Saúde. Neste mesmo período é nomeado microscopista-chefe do laboratório de bromatologia do Departamento Nacional de Saúde dirigido pelo mesmo médico e sanitarista. Roquette-Pinto foi responsável por promover a ideia, encontrada também em seu relato de viagem, de que o problema do homem brasileiro estaria nas doenças que o atingiam e não por sua constituição racial (LIMA; SÁ, 2008, p. 62).

Outra atividade pela qual Roquette-Pinto se torna ilustre nome é a radiodifusão. Em 1923, pela diligência do médico e antropólogo, é criada a primeira emissora brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, com o objetivo de popularizar as ciências, se mantendo a frente de seu funcionamento até 1936, quando é concedida ao Ministério da Educação e Saúde. Atualmente é a Rádio MEC.

Em meio às diversificadas atuações Roquette-Pinto se torna professor-chefe da 4ª Seção do Museu Nacional, mantém contatos internacionais como sua participação no Congresso de Americanistas, na Suécia, representando o Brasil, e sua ida à Universidade de Columbia, por convite do antropólogo Franz Boas. A partir de 1926 atua, inicialmente como interino, na direção do MN, e neste mesmo local cria e dirige a seção de História Natural – Serviço de Assistência ao Ensino, caracterizando seu mandato pelo direcionamento da instituição para as áreas da educação e divulgação científica. A Comissão Nacional de Censura Cinematográfica se estabelece no MN, a partir de 1932, possibilitando, pelas taxas da

censura, a publicação da Revista Nacional de Educação a qual editava (LIMA; SÁ, 2008, p. 63).

Em 1934 Roquette-Pinto retira-se da direção do MN, se afastando também da instituição por seu problema de saúde, a espondilose, doença degenerativa que lhe causava muitas dores (RANGEL, 2010, p. 130). É convidado, por Anísio Teixeira, para dirigir a Seção Técnica de Museus Escolares e Radiodifusão da Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal, onde cria a Rádio Escola Municipal, que posteriormente se torna a Rádio Roquette-Pinto em sua homenagem. Em 1936 participa da criação e dirige, durante 10 anos, o Instituto Nacional do Cinema Educativo, onde atuou na regulamentação da censura cinematográfica nacional e auxiliou na difusão das ciências a partir da produção e distribuição de filmes nas escolas que abarcavam as temáticas das ciências, suas descobertas, higiene, música entre outras (LIMA; SÁ, 2008, p. 63).

Dentre sua atuação em instituições nacionais, posterior às suas realizações no MN, tem-se a participação nos Conselhos Consultivos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e do Conselho de Proteção dos Índios (RANGEL, 2010, p. 130). Ao final de sua vida torna-se ainda colunista do Jornal do Brasil, mantendo vida política no Departamento de Difusão Cultural e no Setor de Educação de Adultos, mas sem abandonar as ações na antropologia, onde em 1948 faz parte da organização do I Congresso Brasileiro de Antropologia.

Uma atuação breve, e pouco apontada, é sua participação numa eleição da Câmara Federal em 1954. Lima e Sá destacam que esta foi sua única filiação política quando, pelo Partido Socialista Brasileiro, se candidata pela chapa do deputado federal Breno da Silveira, recebendo um número insignificante de votos (2008, p. 64). Falece em outubro desse ano.

Edgard Roquette-Pinto produz uma vasta publicação que se divide em diversas áreas, conforme apresentado, iniciando sua trajetória pela área médica voltada à antropologia, mas permitindo um direcionamento também para as áreas educativas, percebendo como um importante meio a comunicação, e tendo até mesmo publicado um livro de contos, *Samambaia*. Roquette-Pinto é figura importante para a história do MN, para o surgimento e desenvolvimento da rádio no país, e pode vislumbrar uma maneira efetiva de contribuir à sua nação, pensando, divulgando e educando.

Os diários de viagem aqui analisados se tornam neste instante exemplos reduzidos das distintas trajetórias e práticas aqui apresentadas. Suas distintas construções analisadas revelam as diferenças nos pensamentos dos dois cientistas que traçariam caminhos distintos para suas trajetórias. O próprio fato de um diário ter sido publicado integralmente em alguns anos, e o

outro não ter sequer uma produção integral, remete as recepções diferenciadas das obras, e se torna representante das distintas práticas que rompem nos cursos de vidas dessemelhantes.

Roquette-Pinto era quase que incansável, sua multiplicidade de atuações profissionais demonstra isto. Soube administrar suas diferentes atividades, talvez por saber lidar com este momento em que a especialização no campo científico ainda se estabelecia (SÁ, 2006). Entretanto sua multiplicidade de práticas se sobrepunha a uma tradição romântica naturalista, sua genialidade conseguiu ultrapassar o evolucionismo social que dominava o início do século XX para se atentar ao que compreendia como as necessidades do povo brasileiro. Não se afirma aqui de forma alguma que era “um homem a frente de seu tempo”. Era sim um homem no próprio tempo. Como demonstra no relato *Rondonia*, existiam, em sua concepção, homens “menos inteligentes”. Souza demonstra que Roquette-Pinto, apesar de se contrapor à ideia da necessidade de imigração como solução para a nação, considerava os estudos de eugenia, mas visando a transmissão dos genes dos melhores indivíduos miscigenados.⁷⁹ Contudo, ao mesmo tempo, via naqueles homens de *Rondonia*, o que só uma a minoria conseguia visualizar, uma possibilidade de fortalecimento da nação, sendo necessário o esforço de homens como ele para tratamento dos menos desenvolvidos.

Miranda Ribeiro tem na sua imagem enquanto profissional do MN o exemplo de sua dedicação à instituição e à ciência. A não publicação de seu diário de viagem *Ao redor e através do Brasil*, assim como a incompletude de outros trabalhos, demonstra a trajetória desejada mas não alcançada em alguns termos. Miranda Ribeiro poderia ter, assim como o antropólogo, publicado seu diário no AMN, entretanto nenhuma página figura nos volumes da publicação. Contudo muitos são os trabalhos científicos que produzidos pelo zoólogo sucedem neste periódico como em outros já citados. Talvez esteja na prática minuciosa daquele que almejava classificar todas as espécies zoológicas brasileiras a explicação da impossibilidade de conclusão de significativos trabalhos para sua trajetória. A resposta é de difícil acesso, aliás, muitas vezes a pergunta pode se voltar para o questionamento da análise, será que realmente não concluíra objetos fundamentais de seu ofício? Esta será indagação sem resposta certa.

O que procede aqui neste estudo é observar, a partir das representações que restaram, as possíveis imagens deste cientista. Está não apenas na incompletude do relato, mas também na produção de sua *Fauna Brasiliense*, obra de caráter enciclopédico sobre peixes, outro ponto de compreensão para a trajetória analisada neste instante. Na conferência de José Kretz observa-se o que se delineava por meio da pesquisa sobre o zoólogo. O autor afirma ser a

⁷⁹ Sobre eugenia e o posicionamento de Edgard Roquette-Pinto ver: SOUZA, 2008. p. 213-244.

obra baseada na famosa obra de Carl von Martius, célebre naturalista, quando ressalta o desejo do zoólogo de “ver ao lado da imortal obra da ‘Flora Brasiliensis de Martius’, uma outra sobre a fauna da nossa querida terra” (KRETZ, 1942, p.3). Observa-se, mais uma vez, a importância que a figura tradicional do naturalista do século XIX tinha para o zoólogo, assim como sua afirmação na conferência “A Comissão Rondon e o Museu Nacional”⁸⁰, por ele produzida, sobre sua crítica aos cientistas daquela casa que se tornavam “professores” e não mais naturalistas.⁸¹

A autora Regina Gualtieri ressalta a figura de Miranda Ribeiro no desenvolvimento do evolucionismo no Brasil entre fins do século XIX e início do XX no Museu Nacional. Demonstra como o zoólogo se caracterizava como um “morfologista” em oposição ao “naturalista de campo”, por sua prática voltada à “descrição e classificação das espécies” (p.86-87). Este é um aspecto que exemplifica a figura de Ribeiro como um homem de ciência entre os séculos XIX e XX, pois que apesar de seu interesse direcionado primordialmente às formas animais, em detrimento dos questionamentos acerca da origem das adaptações das espécies e sua disposição no ambiente, observa-se no exemplo do diário de viagem, e em sua experiência na CLTEMA, o afloramento desta outra dimensão do cientista.

Miranda Ribeiro, a princípio podendo ser identificado como uma figura paradoxal, pode apenas representar a possibilidade da multiplicidade de ideais num mesmo pensamento, pois que acreditava na ciência especializada e vivia este momento de delimitação da prática científica no país (SÁ, 2006). Entretanto percebeu-se um posicionamento em prol da manutenção de parte das tradições naturalistas do século XIX, o que, fundamentalmente, não é um paradoxo, e sim o *habitus*⁸² de um campo de ação, no caso o científico, que tende a funcionar a partir do tensão entre poderes (como práticas) tradicionais e inovadores, convivendo, sobrepondo-se e alterando uns aos outros na busca da constituição e/ou renovação do campo.

Roquette-Pinto, de maneira diferente, traz também sua “incoerência” de um homem entre os séculos. De forma distinta foi um cientista atuante no sentido da ação prática, criando emissoras de rádio, filmes e revistas. Se especializava nos estudos antropológicos, ao mesmo tempo que se especializava na radiodifusão e ainda na divulgação científica. Quer dizer, se especializava sem se individualizar, se multiplicava. Esta foi talvez a forma que o

⁸⁰ RIBEIRO, 1945. p. 1-60.

⁸¹ “Seja como fôr, é certo que todos nós que temos o dever de explicar ao publico pagante o que é e para que serve tal rocha, tal planta ou animal, se não nos queremos classificar pelos nomes de *geólogos*, *botânicos*, *zoólogos*, etc., por certo mais lógica e explicitamente constituídos, não encontramos no dicionário outro termo que não seja o de *naturalista*. Não sei porque teimosia havemos de ser *Professores!*” (RIBEIRO, 1945, p. 47)

⁸² Ver: BOURDIEU, 2007. e ELIAS, 1994.

antropólogo, médico, comunicador, escritor e etc, tenha encontrado para se estabelecer nesse instante de oscilações sem que passasse despercebido.

O primordial que a trajetória de Roquette-Pinto traz está numa de suas primeiras publicações, na obra tantas vez aqui citada, *Rondonia*. A importância do “herói” para o antropólogo, especialmente citado enquanto refletia acerca das nações sul-americanas em comparação a sua nação, demonstra a relevância que teve em seu curso de vida a atuação em quanto um “herói”, que, como compreendia, era aquele que criava uma “ideia” ou “ação diretora”. Roquette-Pinto, acima de tudo, apresenta àquele mundo e, ao ser lembrado e rediscutido, à nossa própria atualidade, a relação entre conhecimento, criação, e o sobrenatural, ressaltando o caráter divino *a priori* daquele que cria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste estudo foi apresentar, a partir da análise de práticas científicas brasileiras, possibilidades de trajetórias pessoais no início do século XX, época ao mesmo tempo transicional e formativa da ciência moderna brasileira. Daí porque as trajetórias de duas figuras científicas transicionais se prestaram para, mais além de um simples relato histórico, serem abordadas pelo viés explicativo do mito, como modo de entender mais amplamente suas contribuições à ciência e às práticas científicas no Brasil. A ideia de usar os conceitos de mito e história surgiu a partir das trocas intelectuais que se dão no programa de pós-graduação inter, trans e multidisciplinar, e apresentou-se como questão especial e inevitável tamanha sua relevância para as questões socioculturais, além de sua escassa presença nos estudos da História e Filosofia das Ciências.

Os diários de viagem dos cientistas, conforme demonstrado, são materiais singulares que proporcionam um largo caminho de questionamento, sendo por isso objeto primeiro da pesquisa. Foi exemplo para demonstrar as confluências e divergências entre os caminhos traçados pelos dois cientistas, e numa visão macro, nas práticas diversas que constituíram as ciências no país.

Os dois cientistas passaram pela Faculdade de Medicina, atuaram no Museu Nacional, participaram da CLTEMA, da criação da SBC. Pertenciam a áreas de estudo distintas, um teve a formação exemplar universitária, o outro caracterizado geralmente por seu autodidatismo. Um ingressou no MN logo como assistente, o outro passou pelos cargos de preparador interino, depois efetivo, secretário, chegando a Professor-chefe após trinta e cinco anos. O outro em menos de 20 anos já se tornara Professor-chefe da seção que atuava, e um pouco depois se tornara diretor da instituição onde perdurara por nove anos. Um trabalhou até o fim de sua vida no MN, publicando ampla gama de estudos em sua maioria sobre vertebrados, se tornando notório, também internacionalmente, na área; o outro teve atuação em diversos departamentos e instituições brasileiras, atuando em variadas frentes geralmente voltadas para ciência, saúde e a popularização destas.

A opção pelo estudo de práticas sociais e trajetórias pessoais se dá pela compreensão de que são meios fundamentais para as pesquisas em História e Filosofia das Ciências, superando a concepção anterior de que as trajetórias das Instituições eram dominantes como objetos primordiais a este e outros temas correlatos. A análise dos dois relatos de viagem e das trajetórias dos dois cientistas foi primordial na compreensão das práticas, das

representações e das relações sociais que compunham o campo científico brasileiro no final do século XIX e início do século XX.

Para este trabalho foi necessário compreender os interesses existentes, desde o início do século XIX, no governo Imperial que se estabeleceu na colônia, onde farjar a nação e civilizar eram dominantes, estando esta missão na figura dos intelectuais. Neste instante também são criadas instituições científicas visando à construção de uma metrópole, sede da Coroa Portuguesa, em terras tropicais. O Museu Real é criado, sendo a primeira instituição científica brasileira, objetivando estudos sistemáticos do que estas terras poderiam oferecer. Em seguida outras instituições foram estabelecidas visando áreas variadas de interesse governamental como a saúde e a agricultura.

As comissões de exploração científica também foram ressaltadas como importantes criações do século XIX no Brasil. Fomentadas durante este período essas comissões tinham como finalidade o conhecimento do extenso território e das vastas regiões brasileiras, além do recolhimento de materiais para os estudos dos museus e institutos de pesquisa similares, já que apenas a capital fornecia conhecimento em maior quantidade.

A Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas surge de forma peculiar neste panorama, já no início do século XX, por não ser uma comissão de exploração científica propriamente. Conforme sua denominação apresenta, foi criada com o objetivo de ampliar a linha telegráfica na região noroeste, nos estados do Mato Grosso e Amazonas. Comissões similares de construção da rede telegráfica já haviam ocorrido anteriormente, contudo, a CLTEMA se torna singular. Foi abordada em trabalhos de História do Brasil que articularam os projetos de defesa e integração nacional na Primeira República brasileira, hoje sendo tema de pesquisas diversas em História das Ciências e áreas correlatas pela forte atuação de exploração científica que encerra.

A figura do chefe, Cândido Mariano da Silva Rondon, simboliza a multiplicidade e extensão de trabalhos durante o tempo de existência da Comissão (1907-1915). Expande seus objetivos iniciais, demonstrando que na construção do telégrafo eram encontrados fins políticos renovados, mas já intencionados no século anterior: a construção da identidade nacional e a integração de seus territórios. Ações complementares como civilizar a população, defender e conhecer o território também faziam parte do interesse governamental.

Dessa maneira foi compreendido que outras atividades seriam fundamentais para a conquista destes objetivos. A exploração científica se torna uma delas. Por meio de atividades das ciências naturais seria possível conhecer a região em níveis geográficos, biológicos e sociais, pela atuação de geólogos, botânicos, zoólogos e antropólogos. A partir destas

atividades seria possível ainda promulgar o conhecimento pela entrega de materiais coligidos ao MN, destinados à pesquisa e formação de coleções, conforme fora acordado entre os Ministérios envolvidos.

Participaram desta missão cientistas de reconhecidas instituições científicas, com destaque para o Museu Nacional, que contribuiu inicialmente com o zoólogo e o botânico da Comissão. Posteriormente cederia também seu antropólogo. Optou-se por aprofundar os estudos de dois participantes; o antropólogo, Edgard Roquette-Pinto, e o zoólogo, Alípio de Miranda Ribeiro; funcionários do Museu Nacional, que atuaram na CLTEMA em momentos distintos, mas compreendem em suas atuações importantes aspectos para análise presente. Além de pertencerem à mesma instituição os dois cientistas produziram importantes trabalhos sobre a Comissão inclusive singulares relatos dessa viagem.

O diário de viagem, gênero comum à atividade científica de campo, é tomado como objeto primeiro deste estudo permitindo interessantes percepções daqueles que viram e ouviram, de suas práticas e experiências. As divergências nas trajetórias e na divulgação dos relatos dos dois cientistas também foram significantes para a escolha como materiais da pesquisa.

A partir da análise de cada uma das obras podem-se observar aspectos que se correspondem, similares ou seguindo visões opostas. Encontram-se descrições de experiências em uma viagem de escasso conforto, de dificuldades físicas que enfrentavam, e da viagem da alma que se depara com novidades ou estranhezas. No relato de viagem estes cientistas poderiam e deveriam divulgar cada desejo e sensação.

As atividades científicas eram constantes, diárias, sem intervalos consideráveis para descanso. Ou se caminhava para encontrar local seguro para passar a noite ou seguia em busca dos espécimes que seriam enviados à capital. A leitura do relato demonstra a fluidez característica do gênero, o desabafo pelo cansaço é encontrado na mesma página em que a descrição de uma ave.

Nos diários foi possível encontrar as diversas digressões captadas por cada viajante. O diário é o espaço para expor a rotina de trabalho e guardar os pensamentos. A partir das análises apresentadas, que objetivaram pontuar os aspectos constituintes do gênero (experiência iniciática, inventário, e comentário), foi possível compreender nos relatos de viagem as representações do Brasil que conheciam e daquele Brasil que “descobriam”. Pelo viés científico que dominavam, característico daquele momento, os cientistas compuseram uma representação, a partir de suas práticas, demonstrando o que fundamentalmente compreendiam daquele Brasil.

Para o zoólogo Ribeiro a tensão existente entre o que era o “Brasil natural” e o “Brasil humano” se torna questão primordial em sua narrativa. Miranda Ribeiro retrata cenário de pura beleza ao descrever as paisagens por que passa, faz referências poéticas e analogias entre a natureza e a arte, vislumbrando animais como artistas e florestas como páginas de um livro. Entretanto dificilmente esses mesmo artifícios foram utilizados para descrever o contato com os homens daquele Brasil. O zoólogo em diversos momentos apresenta críticas pela falta de modos e gosto pelo trabalho dos sertanejos. Critica também as produções destes homens, como as casas e as cidades. Desta forma é observado durante o relato essa distinção da compreensão que Ribeiro tem entre a natureza e o homem brasílico.

Roquette-Pinto, entretanto, apresentará em sua narrativa percepção diversa. Também ressalta beleza na natureza, fauna e flora, mas trata igualmente com delicadeza os gestos mais simples dos homens de Rondônia, como ele mesmo chama o território. O antropólogo, de maneira distinta do zoólogo, consegue conceber a beleza dos homens, sertanejos e índios, pois que observa em seus atos a natureza. Para Roquette-Pinto na simplicidade do homem sertanejo não está o atraso do negro ou a preguiça do índio, está a pureza da natureza. Observa-se assim os primeiros passos da visão que posteriormente será propagada por Roquette-Pinto, em que o homem brasileiro não necessita de mistura com a raça branca, e sim de tratamento de suas doenças. O antropólogo em seu diário de viagem, na descrição de pequenos acontecimentos, demonstra a compreensão de homem forte, símbolo do brasileiro, que encontra no sertanejo de Rondônia.

As obras analisadas encerraram representações do Brasil; Por um lado através da tensão entre a noção de homem e de natureza, e por outro pela visão de uma natureza humanizada e de um homem naturalizado. Porém os dois relatos se encontram na adoração pela natureza, tanto o zoólogo como o antropólogo vislumbram nessa a beleza. Para o zoólogo apenas a natureza local é realmente pura e bela, já o antropólogo consegue reconhecer também no homem de Rondônia o estado natural, por isso dimensiona-o como mais digno do que homens ditos “civilizados”. As duas obras são representativas de visões de um campo participante em um empreendimento, e ainda de um momento peculiar deste campo de atuação.

A característica transicional que marcava o período em que estes homens se encontravam no campo científico brasileiro permitiu uma análise entre estas práticas, nas figuras do relato e do viajante, por um lado, e do mito em sua representação da jornada mitológica do herói, por outro. A partir da compreensão de que o mito era utilizado como modelo de conduta humana impulsionando a criação a partir da ritualização, e da existência

de um rito de passagem comum no qual os heróis devem seguir, foi possível conceber similitudes na utilização de elementos mitológicos na construção dos diários de campo. Proporcionando uma análise aprofundada ao fomentar a relação entre ciência e mito.

Compreendendo que os relatos de viagem analisados se constituíram ainda por meio de elementos mitológicos pertencentes à jornada do herói (CAMPBELL, 2007), observa-se a existência de narrativas referentes à partida, à iniciação, e ao retorno do herói. Os cientistas retratam o chamado para participação da aventura, assim como as diversas provações que necessitam passar enquanto se encontram no outro mundo. O retorno é retratado de formas distintas, pelo antropólogo como uma vitória por um retorno brando, e pelo zoólogo um silêncio representativo do cansaço. Contudo os dois cientistas retornam possuindo as novidades do desconhecido para serem expostas ao seu mundo, e ainda transformando a si próprio. Com o diário de viagem em mãos os cientistas materializam sua passagem, seu ritual, apresentando o novo a partir de uma repetição. O mito em sua prática ritual permite essa renovação, assim como a ciência, em sua transição, permitiu aos cientistas essa aproximação com o místico.

O campo científico brasileiro que se formava no final do século XIX e início do XX permitiu e proporcionou atuações, a princípio paradoxais, da especialização com a amplitude de frentes de ação e/ou preservação da tradição. Os cientistas, figuras constituintes deste campo, apesar de cada trajetória e atuação, detinham características e aspirações que se sobrepunham e se encontravam. Eles desejavam ordenar, como demonstram as narrativas extensamente analisadas, preencher as lacunas, entretanto queriam ainda criar, como nas práticas mitológicas.

A representação que se compreende ser cada um dos relatos cria, a partir de técnicas científicas e não-científicas, o mundo ao qual acreditavam pertencer. Os relatos como obra desejaram, e quiçá não foram, exemplos para a reflexão acerca da constituição do Brasil e para a manutenção e reatualização das formalidades (ou ritos) da ciência, primordialmente natural, estabelecida no país.

REFERÊNCIAS

1. Fontes documentais

1.1. Acervos

1.1.1. Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras

Arquivo Roquette-Pinto

1.1.2. Museu do Índio

918.172 C.RONDON / C748 v23 OBRA RARA / 1909

CARNIER, Carl; BRWEGGEMANN, João. **História Natural Geologia: observações geológicas - geographicas e ethnographicas sobre a viagem de exploração de Cuyabá à Serra do Norte, passando por São Luiz de Cáceres.** pelo geólogo Carl Carnier e traduzido do alemão para o português pelo guarda - fio de 2 classe João Brueggemann. Rio de Janeiro: Pap. Luiz Macedo, 1909. 14 p. 31 cm. (Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas).

918.172 C.RONDON / C748 v51 OBRA RARA / 1914

HOEHNE, Frederico Carlos. **Botânica: relatório apresentado ao Sr. Coronel de Engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon, chefe da Comissão brasileira.** por F.C. Hoehne botânico da Expedição. Rio de Janeiro: [s.n.], 1914. 81 + 25 p. il. (algumas color) 31 cm. (Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas).

918.172 C.RONDON / C748 v28 OBRA RARA / 1916

HOEHNE, Frederico Carlos. **Relatórios dos trabalhos de Botânica e viagens executados durante os anos de 1908 e 1909.** apresentados ao Sr. Tenente Coronel de Engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon, chefe da Comissão por F.C.Hoehne. Rio de Janeiro: [s.n.], 1916. 54 p. 23 cm. (Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas).

918.172 C.RONDON / C748 v18 OBRA RARA

LEME, Alberto Betim Paes. **História Natural Mineralogia e Geologia: o desastre do Sepotuba.** [s.l]: [s.n.], [19--]. 15 p. 23 cm. (Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas).

918.172 C.RONDON / C748 v31 OBRA RARA / 1916

MORITZ, Francisco. **Relatório da Expedição dos Campos de Comemoração de Floriano ao Rio Guaporé.** [s.l]: [s.n.], 1916. 22 p. 22 cm. (Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas).

918.172 C.RONDON / C748 v50 OBRA RARA / 1915

OLIVEIRA, Euzébio Paulo de. **Expedição Científica Roosevelt-Rondon / Geologia: relatório apresentado ao Sr. Coronel de Engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon, chefe da Comissão brasileira.** pelo Engenheiro de Minas Euzébio Paulo de Oliveira geólogo da expedição. Rio de Janeiro: [s.n.], 1915. 82 p. il. color., mapas color. 31 cm. (Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas).

918.172 C.RONDON / C748 v17 OBRA RARA / 1914

RIBEIRO, Alípio de Miranda. **História Natural Zoologia Mamíferos: cebidae, hapalidae, vespertilionidae, emballonuridae, phyllostomatidae, felidae, mustelidae, canidae, procynidae, tapryidae, suidae, cervidae, sciunidae, muridae, octadontidae, coenduidae, dasyproctidae, carvidae e leporidae, platanistidae, bradynodidae, myrmecophagidae, dasyrodidae, didelphyidae.** Alípio de Miranda Ribeiro. Rio de Janeiro: [s.n.], 1914. 49 + 28 p. il. 31 cm. (Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas).

918.172 C.RONDON / C748 v53 OBRA RARA

RIBEIRO, Alípio de Miranda. **Expedição Científica Roosevelt-Rondon / História Natural Zoologia: resultados zoológicos da Expedição por Alípio Miranda Ribeiro.** Rio de Janeiro: Pap. Luiz Macedo, [19--]. 8 p. 22 cm. (Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas).

918.172 C.RONDON / C748 v27 OBRA RARA / 1916

RIBEIRO, Alípio de Miranda. **Relatório dos trabalhos realizados durante o ano de 1908.** Rio de Janeiro: [s.n.], 1916. 40 p. 23 cm. (Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas).

F0317 / OBRA RARA / 1906

ROQUETE-PINTO, Edgar. **Ethnografia Americana: o exercicio da Medicina entre os indigenas da America.** Edgard Roquette-Pinto. Rio de Janeiro: E. Bevilacqua & C, 1906. 96 p. Obra Rara.

F0183 / 1955

ROQUETE-PINTO, Edgar. *Note sur la situation sociale des indiens du Brésil.* (Monographie présenté a le Congres Universel des Races,... Londres, en 1911). par le professeur... Edgard Roquette Pinto ; avec une introduction par Antonio dos santos Oliveira Júnior. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1955. 12 p. : il. ; 24 cm.

918.11 / R786r / 4. ed. / 1938

ROQUETE-PINTO, Edgar. **Rondônia.** Edgard Roquette-Pinto. 4. ed. São Paulo [etc]: Comp. Ed. Nacional, 1938. 399 p. : il. ; 18 cm.

918.172 C.RONDON / C748 v25 OBRA RARA / 1909

SOUZA, Antonio Pyreneus de. **Um mapa do levantamento expedito do Rio Jarú, afluente do Rio Gy-Paraná ou Machado, anexo ao 1 volume do relatório do chefe da Comissão: (estudos e reconhecimentos)**. Executado pelo 2 Tte. Antonio Pyreneus de Souza, subalerno da Comissão, em 1909, complementado com um trecho levantado pela Turma dirigida pessoalmente pelo Tte. Coronel chefe da Comissão. São Paulo: Hartmann-Reichenbach, 1909. 1 mapa p. color. 31 cm. (Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas).

1.1.3. Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional

BR MN MN.DR.CO,RA.293/f.7-9

BR MN MN.DR.CO,RA.294/p. 31-36

Fundo Alípio de Miranda Ribeiro

Fundo Edgard Roquette-Pinto

Fundo Museu Nacional:

Arquivo da Antropologia, Etnografia e Arqueologia

Arquivo da Diretoria

Arquivo da Zoologia

1.2. Publicações

KRETZ, D. José. **Alípio de Miranda Ribeiro** (Conferência biográfica). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. 1942. p.1-24.

RIBEIRO, Alipio de Miranda. **A Comissão Rondon e o Museu Nacional**. (Conferências realizadas pelo Professor Alípio de Miranda Ribeiro, no Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 1916). Rio de Janeiro: Luiz Macedo & Cia. Comissão de Linhas Telegraphicas e Estratégicas de Matto Grosso ao Amazonas. Publicação nº 49. 1945. p. 1-60.

_____. **Fauna Braziliense, Peixes I**. In: Archivos do Museu Nacional. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. vol. XIV, 1907, p. 25-130.

_____. **Fauna Braziliense, Peixes II**. In: Archivos do Museu Nacional. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. vol. XIV, 1907, p. 131-218.

_____. **O Porquinho da Índia e a Theoria Genealogica**. In: Archivos do Museu Nacional. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. vol. XIV, 1907, p. 219-228.

_____. **Fauna Braziliense, Peixes III.** In: Archivos do Museu Nacional. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. vol. XV, 1909, p. 167-186.

_____. **Fauna Braziliense, Peixes IV.** In: Archivos do Museu Nacional. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. vol. XVI, 1911, p. 1-504.

_____. **Fauna Braziliense, Peixes V.** In: Archivos do Museu Nacional. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. vol. XVII, 1915, p. 1-152.

_____. **Fauna Braziliense, Peixes V.** Eleutherobranchios Aspirophoros – physoclisti. In: Archivos do Museu Nacional. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. vol. XXI, 1918, p. 1-152.

_____. **A Zoologia no século do Museu Nacional do Rio de Janeiro.** In: Archivos do Museu Nacional. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. vol. XXII, 1919, p. 49-60.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. **Centenário do Museu Nacional**, Discurso pronunciado pelo professor Roquette-Pinto. In: Archivos do Museu Nacional. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. vol. XXII, 1919. p. 27-30

_____. **Rondonia: anhtropologia – ethnographia.** In: Archivos do Museu Nacional. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. vol. XX, 1917.

1.3. Livros

LACERDA, João Batista de. **O Congresso Universal das Raças reunido em Londres (1911): apreciação e commentarios.** Rio de Janeiro: Museu Nacional. Disponível em: <http://www.obrasraras.museunacional.ufrj.br/0023.html>. Acesso em: março de 2011.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. **Etnografia indígena do Brazil: estado atual dos nossos conhecimentos.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1909.

_____. **Glória sem rumor.** Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1929.

_____. **Rondonia: anthropology – ethnografia.** 7ª Ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

1.3.1. Livros não publicados

RIBEIRO, Alipio de Miranda. **Ao redor e atravez do Brasil**. 1908-1909.

2. Trabalhos Acadêmicos

MONOGRAFIAS

MARTINS, Mariah. "**Ao redor e atravez do Brasil**": a escrita do diário de campo por um zoólogo da Comissão Rondon (1908-1909). 2009. 63 f. Monografia de conclusão de curso (Graduação em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

DISSERTAÇÕES

ANDRADE, Sérgio Luiz Augusto de. **Expedição Científica Roosevelt-Rondon: Contribuição às Ciências Naturais no Brasil**. 2009. 213 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ERTHAL, R. **Atrair e pacificar: a estratégia da conquista**. Rio de Janeiro. 1992. 277f. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

LAVARDA, Marcus Túlio Borowiski. Parte I – A Guerra do Paraguai: Imagens, Razões e Versões do Conflito. In: **A Iconografia da Guerra do Paraguai e o Periódico Semana Ilustrada - 1865-1870: um Discurso Visual**. Dissertação. 2009. 140f. (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2009.

SANTOS, Rita de Cássia Melo. **No 'Coração do Brasil': Roquette Pinto e a Expedição à Serra do Norte (1912)**. 2011. 129p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, Paulo Vinícius Aprígio da. **Nas páginas o que está escrito?: o Archivos do Museu Nacional e a promoção das ciências no oitocentos**. 2012. 135 p. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) - Programa de Pós-Graduação em

História das Ciências das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2012.

TESES

CID, Maria Rosa Lopez. **Miranda Ribeiro: um zoólogo evolucionista nos primeiros anos da república (1894-1938)**. 2009. 230 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. **Casa Inca ou Pavilhão da Amazônia? A participação do Museu Nacional na Exposição Universal Internacional de 1889 em Paris**. 2012. 230 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) - Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

KEULLER, A. T. A. **Os estudos físicos de antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro: cientistas, objetos, idéias e instrumentos (1876-1939)**. 2008. 314f. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LIMA, Antonio Carlos de Souza. **Um grande cerco de paz: poder tutelar e indianidade no Brasil**. 1992. 256f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

SILVA, Mauro Costa da. **A Telegrafia Elétrica Estatal no Brasil de 1852-1914**. 2008. 253 p. Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) - Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

LIVROS

ALVES, José Jerônimo de Alencar. **As Ciências na Academia e as Expectativas de Progresso e Modernização: Brasil 1916-1929**. In: DANTES, Maria Amélia M. (Org.). *Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. p.185-202

BIGIO, Elias dos Santos. **Cândido Rondon: a integração nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto; Petrobras. 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectivas, 2007

_____. **O Campo Científico**. In: Ortiz, Renato (org.). Coleção Grandes Cientistas Sociais, n 39, Editora Ática, São Paulo, 1983.

_____. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 11ª reimpr. São Paulo: Pensamento, 2007.

_____. **O poder do mito**. São Paulo: Athena, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHALMERS, A. F. **O que é ciência afinal?** São Paulo: Brasiliense, Trad.: Raul Filker. Reimpressão da 2ª Ed. 1993.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.

COMTE, August. **Discurso sobre o espírito positivo: ordem e progresso**. Trad.: Renato Barboza Rodrigues Pereira. Porto Alegre: Globo, 1976.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. São Paulo: UNESP, 6ª Ed., 1999.

DANTES, Maria Amélia. Introdução. In: **Espaços da Ciência no Brasil 1800-1930**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

DIACON, Todd A. **Rondon: o marechal da floresta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. O Jardim Botânico do Rio de Janeiro. In: DANTES, M. A. (Org.). **Espaços da Ciência no Brasil 1800-1930**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001a.

_____. A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e as Ciências Naturais no Brasil Império. In: DANTES, M. A. (Org.). **Espaços da Ciência no Brasil 1800-1930**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001b. p. 83-110.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ELIADE, Mircea. *El mito del eterno retorno*. 1ª ed. Buenos Aires: Émece, 2001.

_____. **Mito e Realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva. 1972.

_____. **Mito e Realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva. 1972. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/60591375/Mircea-Eliade-Mito-e-Realidade>>. Acesso em: dez de 2011.

ELIAS, Norbet. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.

ENCICLOPÉDIA EINAUDI, v.30 – Religião-Rito, Imprensa Nacional, 1994.

FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. **As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional 1875-1934**. São Paulo: Hucitec, 1997,

_____. A Comissão Geológica do Império do Brasil. In: DANTES, M. A. (Org.). **Espaços da Ciência no Brasil 1800-1930**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. p. 113-129.

FERREIRA, L. O.; FONSECA, M. R. F.; EDLER, F. C. A Faculdade de medicina do Rio de Janeiro no Século XIX: a organização institucional e os modelos de ensino. In: DANTES, M. A. (Org.). **Espaços da Ciência no Brasil 1800-1930**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. p. 59-80.

FONSECA, Aurelio Cordeiro da. REZENDE, Tatiana Matos. **As cadernetas de Rondon: testemunhos de uma epopeia pelos sertões do Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Fundação Cultural do Exército Brasileiro, 2010.

FREITAS, Marcus Vinícius de. **Charles Frederick Hartt, um naturalista no império de Pedro II**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia**. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Antropologia Hiperdialética**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. Políticas indigenistas. In: **Os índios e o Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p.75-139.

GUALTIERI, Regina Cândida. Inventariando a natureza do Brasil: o Museu Nacional do Rio de Janeiro e os evolucionismos. In: **Evolucionismos no Brasil: ciência e educação nos museus 1870-1915**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2008. p. 29-87.

_____. O darwinismo, os outros evolucionismos e os naturalistas do Brasil. In: **Evolucionismos no Brasil: ciência e educação nos museus 1870-1915**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2008. p. 193-227.

HESSEN, Joannes. **Teoria do conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes. Trad.: João Vergílio Gallerani Cuter, 2ª Ed. 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**. Tradução de António Marques Bessa. Edições 70, Lda., Lisboa – PORTUGAL. 1987.

_____. **Tristes Trópicos**. Lisboa: Portugália Ed. Coleção Problemas. 1955.

LIMA, Nisia Trindade. **Um Sertão Chamado Brasil**. Rio de Janeiro, Editora Revan: IUPERJ – UCAM, 1999.

LIMA, Nísia Trindade; SÁ, Dominichi Miranda de (Orgs.). **Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto**. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; Brasília: UnB, 2ª Ed. 2009.

MACIEL, Laura Antunes. **A Nação por um Fio: Caminhos, práticas e Imagens da Comissão Rondon**. São Paulo: EDUC, 1999.

MIELIETINSKI, Eleasar M. **A poética do mito**. Tradução Paulo Bezerra, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MISSÃO RONDON. **Apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegraphicas Estratégicas de Matto Grosso ao Amazonas, sob a direção do coronel de engenharia Cândido Mariano Rondon, de 1907 a 1915.** Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial. 2003. (publicados em artigos no Jornal do Comércio em 1915)

NORBERT, Elias. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

RAMOS, Jair de Souza. Como classificar os indesejáveis?: Tensões e convergências entre raça, etnia e nacionalidade na política de imigração das décadas de 1920 e 1930. In: LIMA, Nísia Trindade; SÁ, Dominichi Miranda de (Orgs.). **Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto.** Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

RANGEL, Jorge Antonio. **Edgard Roquette-Pinto.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

SÁ, Dominichi Miranda de. **A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935).** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos Santos. **A invenção do Brasil: ensaios de história e cultura.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930).** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Vanderlei Sebastião. “As leis da eugenia” na antropologia de Edgard Roquette-Pinto. In: LIMA, Nísia Trindade; SÁ, Dominichi Miranda de (Orgs.). **Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto.** Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

VIVEIROS, Esther. **Rondon conta sua vida.** Rio de Janeiro: Livraria São José. 1958.

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

CID, Maria Rosa Lopez; WAIZBORT, Ricardo. Alípio de Miranda Ribeiro e as lições da Comissão Rondon para o Museu Nacional. **Filosofia e História da Biologia**, v. 1, 2006, p. 215-227.

CHARTIER, Roger. Escribir las prácticas: discurso, práctica, representación. **Cuadernos de Trabajo**, n.2, Valencia: Fundación Cañada Blanch, 1998. pp.157-162.

_____. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, IEA, jan/abr, vol.5, n.11, pp.173-191, 1991.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. As ciências na história brasileira. **Ciência e Cultura**. [online]. 2005, vol.57, n.1, pp. 26-29. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000100014&script=sci_arttext. Acesso em: julho de 2011.

_____. Fases da implantação da ciência no Brasil. **Quipu**, 5: 265-275, 1988.

DOMINGUES, Cesar Machado. A Comissão de Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas e a Integração do Noroeste. **Anais do XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO: Memória e Patrimônio**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1273879829_ARQUIVO_RondonANPUHCesarMachado.pdf. Acesso em: março de 2010.

GUIMARÃES, E. N.; LEME, H. J. C. Caracterização histórica e configuração espacial da estrutura produtiva do Centro-Oeste. Redistribuição da população e meio ambiente: São Paulo e Centro-Oeste. **Textos NEPO 33**, Campinas, NEPO/UNICAMP, 1998. Disponível em: http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/livros/migracao_centro/03pronex_06_UmBreve_Perfil.pdf. Acesso em: 23 de outubro de 2012.

GUIMARAES, Manoel Luiz Salgado. História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. **História, ciências, saúde-Manguinhos**. 2000, vol.7, n.2, pp.391-413. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000300008 Acesso em: 14 out. de 2009.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 1. 1988. p. 5-27.

KURY, Lorelay. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. Rio de Janeiro, vol. VIII, n. Suplemento, p. 863-880, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hesm/v8s0/a04v08s0.pdf>. Acesso em: 15 out. de 2009.

LIMA, Antonio Carlos de Souza. **O Santo Soldado: Pacificador, Bandeirante, Amansador de Índios, Civilizador dos Sertões, Apóstolo da Humanidade, Uma leitura de Rondon**

conta sua vida, de Esther de Viveiros. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro, 1990.

LIMA, Nísia Trindade; SÁ, Dominichi Miranda de. No rastro do desconhecido. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v.11, p.18-23. ago. 2006. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/no-rastro-do-desconhecido>>. Acesso em: julho de 2010.

LOPES, Maria Margareth. "Mais vale um jegue que me carregue, que um camelo que me derrube... Lá no Ceará". **Manguinhos**. Vol. III (1). Mar-Jun. 1996. p. 50-64.

MACIEL, Laura Antunes. Cultura e tecnologia: a constituição do serviço telegráfico no Brasil. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 21, nº 41, p. 127-144. 2001

PINHEIRO, Rachel. A Comissão Científica de Exploração (1856) e as Propostas das Instruções de Viagem da Seção Geológica de Guilherme Schüch de Capanema. **Anais do XXII Simpósio Nacional de História – ANPUH**. João Pessoa, 2003. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.565.pdf>>. Acesso em: fevereiro de 2012.

SÁ, D. M.; SÁ, M.R.; LIMA, N.T. Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915). **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.15, n. 3, jul-set. 2008, p. 779-810.

SEDREZ, L. A Estação Hidrobiológica da Ilha do Pinheiro: um encontro de historia ambiental e história da ciência na Baía de Guanabara. **Livro de anais do Congresso SCIENTIARUM HISTORIA IV**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011, pp.22-34. Disponível em: <http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh4/palestrantes/palestrante%20LISA%20SEDREZ.pdf>
Acesso em: janeiro de 2012.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Viagem ao sertão do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e a descoberta do homem sertanejo. **História e-história**. ISSN 1807-1783, 2010. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=299>>. Acesso em: dezembro de 2010.

TEIXEIRA, V.A.; COELHO, M.F.B.; MING, L.C. Poaia [Psychotria ipecacuanha (Brot.) Stoves]: aspectos da memória cultural dos poaieiros de Cáceres - Mato Grosso, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**. vol.14. no.2 Botucatu, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-05722012000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: nov. 2011.

TUCCI, Carlos E. M. Visão dos Recursos Hídricos da bacia do Rio da Prata. **Visão regional**. Volume I. 2004. Disponível em: http://cicplata.org/marco/pdf/vision_3a/vision_integrada.pdf. Acesso em: agosto de 2012.

VITAL, André Vasques. Comissão Rondon, doenças e política: “Região do Madeira: Santo Antônio”, de Joaquim Augusto Tanajura – uma outra visão do Alto Madeira em 1911. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.18, n. 2, abr.-jun. 2011, p. 545-557.

CONSULTA ON-LINE

ARCHIVOS DO MUSEU NACIONAL. Disponível em:
<<http://www.biodiversitylibrary.org/bibliography/6524>>. Acesso em: outubro de 2010.

BIBLIOTECA DIGITAL DO MUSEU NACIONAL. Disponível em:
<<http://www.obrasraras.museunacional.ufrj.br/index.html>>. Acesso em: julho de 2010-2012

BRASIL. Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. 1907, Imprensa Nacional: Rio de Janeiro. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u2274/>. Acesso em: junho de 2011.

Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz – Online. Disponível em:
<<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>>. Acesso em: 30 de junho de 2012.

PEREIRA, Mauri César Barbosa; MENDES, Carlos André Bulhões; GREHS, Sandor Arvino. **Perfil da Bacia Hidrográfica Transfronteiriça do Rio Apa**. Relatório do Subprojeto 1.3: Avaliação dos Recursos Hídricos da Bacia Transfronteiriça do Rio Apa. Disponível em: http://www.planetaead.com.br/penaagua/apoio_didatico/materiais/perfil_da_bacia_transfronteiriça.pdf. Acesso em: janeiro de 2012.

PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DE RONDÔNIA. Disponível em:
<http://www.rondonia.ro.gov.br/conteudo.asp?id=180>. Acesso em: outubro de 2011.

WEBSITE PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO MURTINHO (MS). Disponível em:
<http://www.portomurtinho.ms.gov.br/cidade/historia>. Acesso em: janeiro de 2013.

WEBSITE THE SHIPSLIST.

Disponível em: <http://www.theshipslist.com/ships/lines/lloydbrasileiro.shtml>. Acesso em: setembro de 2011.

Anexo 2

Texto datilografado da caderneta de campo I

Surucuá - em parecis Uri-tu-tu. Arara - Ti-Fui. Uri-tu-tu achava mui-
to bella a roupa da Arara - e planejou apoderar-se della. Para isso con-
vidou a Arara para tomar ^{banho} - o que foi aceito. - Ainda bem não havia se a-
fastado das suas vestes já Uri-tu-tu correu para ellas. Mas presentindo a
Arara também, correu e por isso Uri-tu-tu só vestio a camisa da Arara, fu-
gindo; é por isso que as duas aves não se dão. (Lenda parecis) -

Arara - Ti-Fui

Jácutinga - Ucuzu-i

Gralha crost. - Tananá

Galbula sp. - Sicin-hã

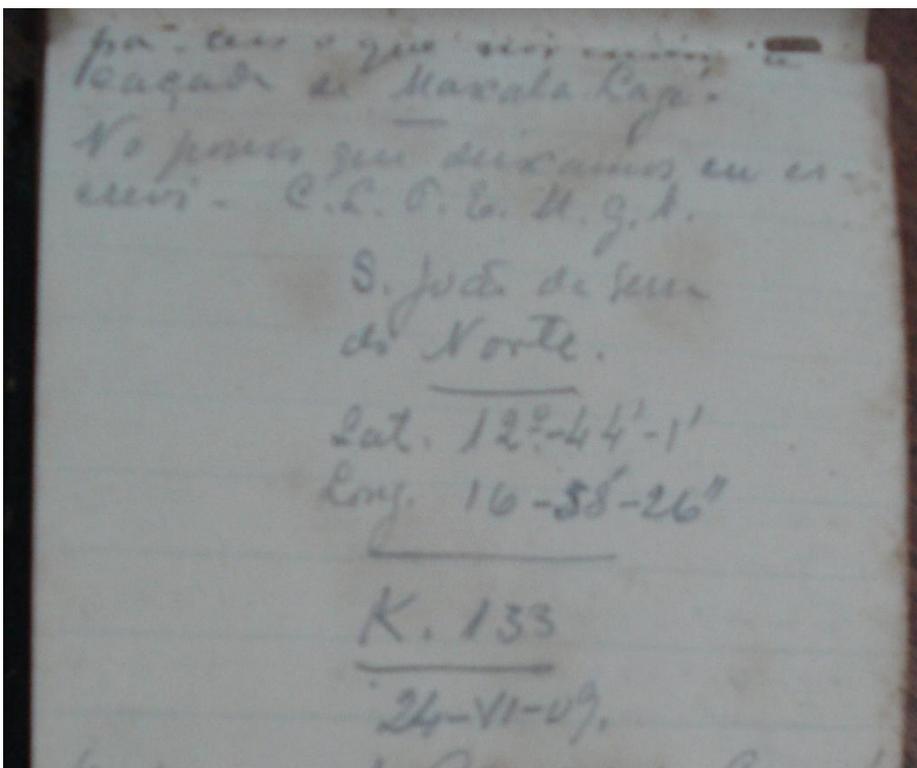
Beija Flor - Imace

Gralha - Sa-salú

Trochos velata - Sicico

Beija Flor, ao nascer, foi abandonado pelos paes sendo então criado pe-
la tia. - Por isso é que elle ficou tão pequenino. (Lenda Parecis).

Anexo 3



“No pouso que deixamos eu escrevi-

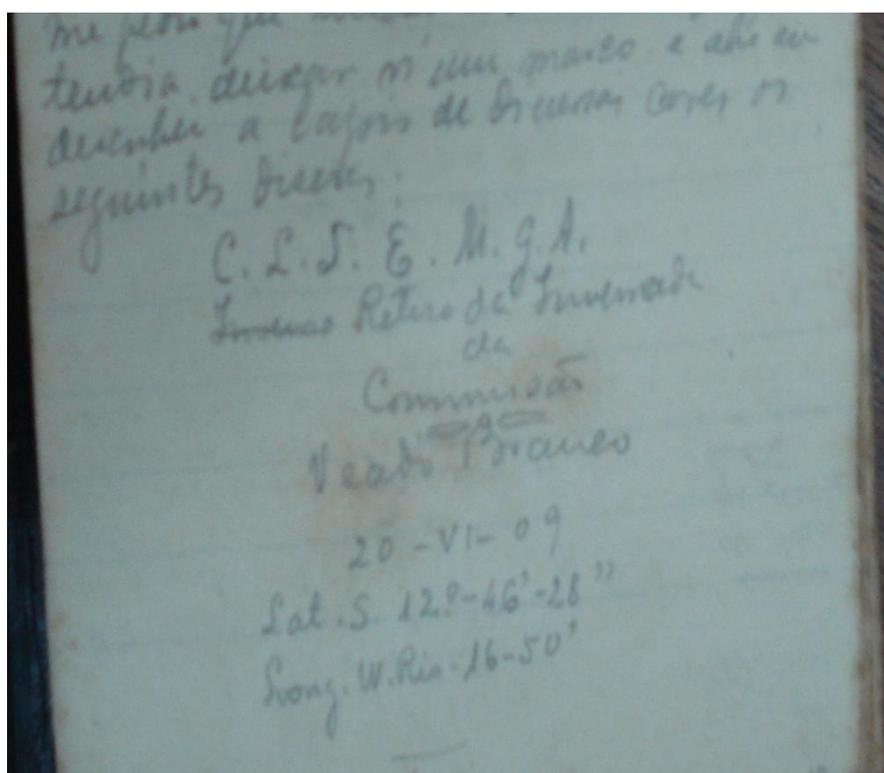
C.L.T.E.M.G.A.

S. João da Serra do Norte

Lat. $12^{\circ} - 44' - 1''$
Long. $16 - 58' - 26''$

K. 133

24-VI-09”
(Caderneta de campo II)



“C. L. T. E. M. G. A
Retiro da Invernada
Da Comissão
Veado Branco

20 - VI - 09

Lat. S. $12^{\circ} - 46' - 28''$
Long. W. Rio - $16 - 50''$
(Caderneta de campo II)

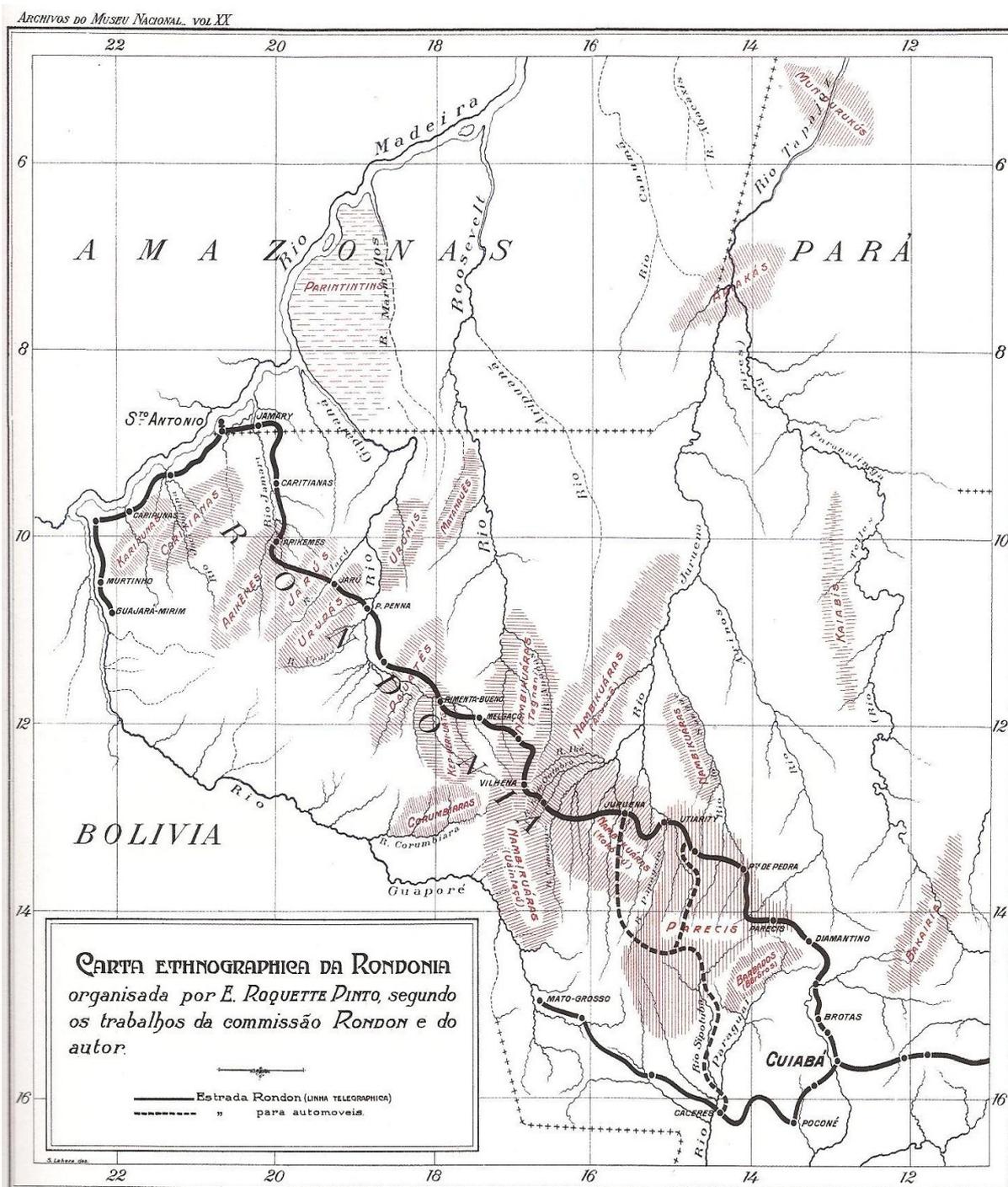
Anexo 4

Indios Parecís-Kozárinis

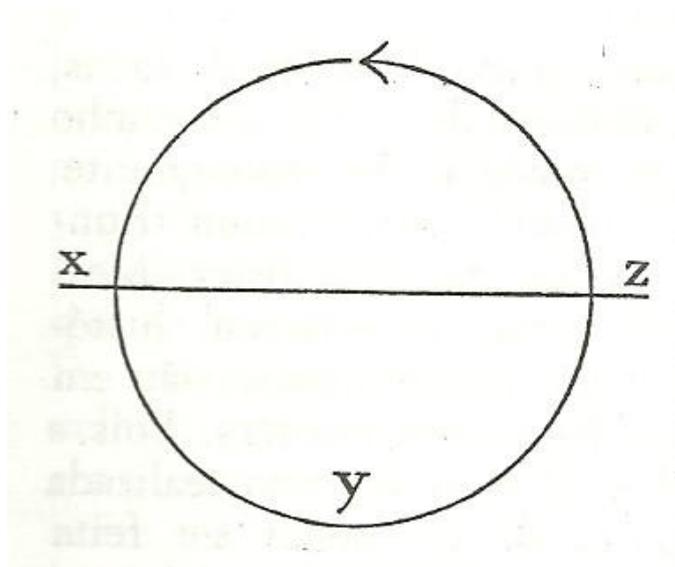
ANTHROPOMETRIA

	NOMES					Médias
	Namou-suratiã	Socóco	Zolui-macé	Sukiá-Azaré	Kamai-zaleçti	
Altura total	1,57	1,49	1,56	1,62	1,51	1m,55
Grande abertura	1,64	1,51	1,54	1,64	0,57	1m,58
Circunferencia thoraxica	0,82	0,81	0,86	0,83	0,81	0m,83
CABEÇA						
Occipito frontal	0,182	0,167	0,182	0,184	1,169	0,176
Transverso	0,147	0,143	0,143	0,145	0,145	0,144
Frontal minimo	0,093	0,092	0,104	0,101	0,092	0,096
Bi-zygomatico	0,138	0,132	0,133	0,134	0,133	0,134
Bi-gonion	0,099	0,101	0,103	0,102	0,099	0,100
Nazo-mentoneiro	0,119	0,119	0,126	0,116	0,114	0,118
Nazo-bucal	0,076	0,073	0,078	0,075	0,078	0,076
Nazo-alveolar	0,072	0,070	0,076	0,073	0,073	0,073
NARIZ						
Altura	0,056	0,051	0,054	0,053	0,054	0,053
Largura	0,041	0,031	0,037	0,034	0,041	0,038
Saliencia	0,018	0,016	0,017	0,015	0,019	0,017
OLHOS						
Bi-palpebral externo	0,089	0,091	0,092	0,093	0,085	0,090
Bi-palpebral interno	0,031	0,033	0,034	0,035	0,032	0,033
ORELHA DIREITA						
Comprimento	0,058	0,057	0,056	0,056	0,063	0,058
Largura	0,041	0,034	0,034	0,030	0,034	0,034
MÃO DIREITA						
Côvado esquerdo	0,44	0,42	0,42	0,43	0,48	0,43
Medio esquerdo	0,10	0,08	0,10	0,10	0,09	0,09
Índice cephalico						81,8
Índice nasal						71,7
Dynamometro [mão direita]	28K.	23K.	26K.	23K.	24K.	24

Anexo 5



Anexo 6



CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 11ª reimpr. São Paulo: Pensamento, 2007. p. 36

APÊNDICE 1

Mapa pertencente ao arquivo de Alípio de Miranda Ribeiro (Marcação nossa)



APÊNDICE 2

Mapa apresentado no apêndice 1 com efeito produzido pela autora, para apresentação da defesa desta dissertação, da imagem como representação do Brasil a ser “des-coberto”, apresentado pelos cientistas.

